

Francisco Gomes da Silva

MUNICÍPIO DE GELVES

# Pedro MEU PAI Gomes



Meu Pai – Um Memorial de Família é sem dúvida a história padrão das famílias de milhares de nordestinos, principalmente cearenses, que se radicaram no Amazonas, para nunca mais voltarem à sua terra natal. É uma história que também me pertence e cala bem no fundo do meu coração.

O meu amigo Francisco Gomes da Silva, um dos nossos mais brilhantes historiadores coetâneos, especialmente dedicado a História de Itacoatiara, a sua cidade de nascimento, agora nos revela um novo veio de conhecimento sobre a história do Acre e do interior do Amazonas, em que as pessoas do povo e não os fatos tomam uma nova dimensão, nesta DO RAMO busca das nossas raízes, pois nós os nordestinos-amazônicos somos um povo transplantado, que em um êxodo gigantesco povoou os rios da borracha, na busca do enriquecimento pelo ouro negro, e que depois do ciclo, em grande parte, passou a viver nas cidades da Amazônia.

Todos nós dessa origem somos sedentos por um pouco desses dados, que tornam a nossa vida mais consistente, dentro do contexto amazonense, pois apesar de termos descoberto e povoado quase todo o Amazonas e o Acre ficamos excluídos das suas histórias, como se jamais tivéssemos existido, em um verdadeiro apartaíde em que somos apenas vultos.

Essas notícias vão dar posicionamento de vida, no presente, passado e futuro, para milhares de pessoas, e só passamos a ter idéia disto quando da nossa viagem ao Acre, precisamente à cidade de Sena Madureira, na comemoração do seu centenário, onde recebemos homenagens sinceras e inesperadas de pessoas que passaram a se situar no tempo, no espaço e na história, graças ao nosso livro “Gazeta do Purus”.

Assim como existe o infinitamente grande e o infinitamente pequeno sob o ponto de vista

© Copyright by Francisco Gomes da Silva, 2006

CAPA E DIAGRAMAÇÃO:

*Jansen Mauro Gomes Lopes.*

ORELHA:

*Acadêmico Antônio Loureiro.*

PREFÁCIO:

*Acadêmico Elson Farias.*

POSFÁCIO:

*Acadêmico Almir Diniz.*

FICHA CATALOGRÁFICA:

*Bibliotecário José Geraldo Xavier dos Anjos (CRB/11 nº 136).*

---

S586

*Silva, Francisco Gomes da.*

*Pedro Gomes Meu Pai, um memorial de família.  
Manaus: Gráfica Lorena Ltda., 2006.*

205 p.

1. *Pedro Gomes Meu Pai – Biografia* 2. *Família  
Gomes – Genealogia* I. *Titulo.*

CDU: 929.52

---

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	05
INTRODUÇÃO .....	09
<i>Capítulo I: PAI HERÓI</i> .....	17
<i>Capítulo II: EPOPÉLA ACREANA</i> .....	21
<i>Capítulo III: MENINO DE SERINGAL</i> .....	41
<i>Capítulo IV: PARENTES E ADERENTES</i> .....	51
<i>Capítulo V: A TRAVESSIA</i> .....	63
<i>Capítulo VI: MOCIDADE VIRIL</i> .....	71
<i>Capítulo VII: CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA</i> .....	79
<i>Capítulo VIII: MINHA SANTA MÃE</i> .....	99
<i>Capítulo IX: A CASA NÚMERO 585 DA AVENIDA 15</i> .....	109
<i>Capítulo X: EPÍLOGO</i> .....	127
APÊNDICES/ANEXOS .....	131
POSFÁCIO .....	189
NOTÍCIA SOBRE O AUTOR .....	193
BIBLIOGRAFIA .....	201

GRAMMAR

## **PREFÁCIO**

Há escritores que, a pretexto de falarem de sua terra, passam a exaltar as qualidades da sua própria vida e da vida de sua família. Outros há que ao tratarem da sua biografia cuidam é de contar a história de sua terra e de sua gente. É o caso do autor deste livro, o nobre confrade da Academia Amazonense de Letras Francisco Gomes da Silva. E não se poderia esperar outra atitude senão essa de quem se converteu no primeiro e mais autorizado historiador de Itacoatiara, sua cidade natal, desde os albores da juventude. Por isso o livro é um hino de amor filial e de amor cidadão, amor ao velho pai Pedro Gomes, à mãe Olívia Maria de Arruda, aos irmãos, cunhados, sobrinhos e netos, e ao povo da antiga Serpa, a paisagem e o ambiente urbano da cidade que lhe ofereceu o berço e o viu crescer, e que hoje o reverencia como um dos seus filhos mais ilustres.

Estuda as origens cearenses do seu pai. Vai fundo porque é fato notório a contribuição do nordestino na formação social das populações amazônicas, principalmente da Amazônia interior, também conhecida por Amazônia Ocidental, na transição dos últimos anos do século XIX às primeiras décadas do século XX. Eles se estabeleceram nas cidades e nos seringais. Eram oriundos de vários estados do Nordeste, mas, talvez por constituírem a maioria ou pela simples ingerência da lei do menor esforço, ficaram conhecidos pela generalização de cearenses. Todos aqueles homens e mulheres de fala cantada e mansa eram considerados cearenses. Eles que se meteram pelas florestas dos altos rios, - dos maiores, como o Purus e o Juruá, e dos menores que, por fim, caracterizam o tecido fluvial da Bacia Amazônica, fronteira do Amazonas com o Acre, - para tocar os seringais na implantação de colocações e na abertura de estradas seringueiras, para a exploração e extração da borracha. Nessa ação foram alargando as fronteiras do Brasil, tal como novos bandeirantes, coroando esse acontecimento com os eventos históricos que culminaram na conquista e na integração das terras acreanas ao território

nacional, fato relatado em síntese neste livro e de cujos atos participaram os ancestrais do *velho* Pedro.

E para comprovar essa verdade, *Chico* Gomes, como é tratado carinhosamente entre os amigos o autor do livro, empreendeu viagem a Rio Branco, Sena Madureira, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, tudo no Acre, consultando bibliotecas, livros de tomo das sacristias e assentamentos de registro civil dos cartórios, visitando museus e cemitérios, entrevistando antigos moradores, material com que desfia autêntico exercício genealógico até chegar na identidade do seu pai. Mas Pedro Gomes em verdade ainda compartilhou dessa jornada de conquistas desde menino, a manobrar canoas e a pescar nos igapós e lagos, cortando as árvores da hévea para lhes extrair o leite precioso, tudo realizado na parcela que lhe coube, com a força dos seus braços e o seu reconhecido entusiasmo pela vida, como um autêntico trabalhador da floresta, tendo assistido o ocaso da economia da borracha.

A decadência dos seringais forçou-o a descer os rios e aportar em Itacoatiara. Aí viveu a maior parte das alegrias da juventude e conheceu a mulher com quem viria a casar-se e dar a vida a 12 filhos. Contava Pedro Gomes 25 anos e Olívia Maria entrava nas vésperas dos 18. Somado à devoção com que se há ao falar do relacionamento entre os seus pais, a luta pela vida nos trabalhos do rio e da floresta para manter a família cada vez mais numerosa, a dedicação da mãe nos trabalhos de casa, tocado pela afeição com que aprecia os passos de crescimento de sua cidade natal, o autor se ocupa em falar da expansão da cidade, o crescimento do comércio e dos melhoramentos dos serviços urbanos habitualmente precários como o fornecimento de energia elétrica e de distribuição de água.

Nesta crônica de amor à cidade e à família, Francisco Gomes da Silva fala da existência e da conquista pessoal de um por um dos seus irmãos e irmãs e da forma como galgaram um lugar ao sol numa sociedade estratificada e preconceituosa com relação ao trabalho. Num mundo assim desenhado, observa-se que as elites acomodadas vão perdendo o seu lugar, e as ditas classes inferiores, constituídas

pelo povo de trabalhadores, operários, pescadores e mateiros, vão assumindo os movimentos da história e mudando os rumos dos acontecimentos. Mas tudo feito com muito esforço e trabalho. A casa modesta da Avenida 15, nº 585, do *velho* Pedro Gomes, construída por etapas, de acordo com as necessidades da família ampliada, num terreno medindo 7 metros de frente por 26 de fundos, 182 metros quadrados, portanto, em Itacoatiara, transformou-se em pólo de atração daquela grande família unida e projetada a ponto de um dia receber o próprio Governador do Estado, então o grande amazonólogo Arthur Cézár Ferreira Reis, além da lista ocupando mais de duas páginas corridas do livro, com nomes de amigos situados em todas as categorias profissionais da cidade, de políticos a profissionais liberais, que freqüentavam aquela casa. A alegria das festas e serenatas, das reuniões para comer, dos bailes, pois o *velho* Pedro gostava de dançar, por vezes cobria-se de tristeza como quando da partida dos filhos para se casar ou para estudar fora, como sucedeu ao autor que teve de sair para formar-se em Direito pela Universidade Federal do Amazonas, em Manaus.

As páginas doloridas estão onde o autor fala dos últimos momentos de Pedro Gomes e Olívia Maria. Ela partiu na frente. Em verdade são mais sofridos os desenlaces em famílias verdadeiramente unidas como a família constituída por esse casal de nobres itacoatiarenses, muito bem desenhada de corpo inteiro pelo escritor de vocação que é Francisco Gomes da Silva. Nas páginas que se vão ler, ele não se contentou em realizar uma dissertação de natureza doméstica, de modorrenta e rasa louvação caseira, não obstante trazer no subtítulo *Um memorial de família*, mas enfim construir uma obra que vai enriquecer, sem a menor dúvida, o acervo de estudos sobre a formação social dos amazônidas.

Manaus, Chácara Lili, 29 de junho de 2006

**ELSON FARIAS**

Presidente da Academia Amazonense de Letras.



## INTRODUÇÃO

No dia 22 de março de 1991 perdi meu pai, então com 85 anos de idade e há três meses prostrado, envolto no véu de uma enfermidade que o despojara da capacidade de lembrar e discernir. Era o sétimo AVC que o acometera no curso de oito anos. Dos anteriores derrames escapara incólume e sem seqüelas, posto que atendido a tempo e com presteza. Contemplar impotente, enquanto ele se afastava da realidade e do convívio da família, foi a um tempo doloroso e infinitamente triste. Sofríamos com ele.

Alojado na casa nº 585 da Avenida 15 de Novembro, retornara desenganado do hospital e estava recebendo os cuidados dos familiares, especialmente de suas sete filhas que, revezando-se diuturnamente na execução de tarefas extremosas, mescladas de amor e sentido cristão, eram incansáveis na vã tentativa de minorar-lhe o sofrimento. A conduta das “meninas” – como em vida meu pai as chamava carinhosamente – sensibilizava a quantos ali compareciam, comovia a todos e a mim particularmente.

Eu o visitava diariamente, pela manhã e à noitinha, e cada visita era mais suplício do que encontro. Nessas oportunidades havia a expectativa de que ele, a qualquer momento, recuperaria a voz, ganharia força, sairia da clausura da memória adormecida. Mas o tempo passava e essa probabilidade se tornava cada vez mais impossível. A fatalidade biológica que atinge a todo ser vivo levou-o afinal para junto de Deus.

Agora, ausente, lembro-me dele, da voz enérgica, dos passos firmes, do seu perfil. Legou-me, e a meus onze irmãos, o amor à vida, a coragem e o discernimento. Depois da despedida fúnebre, senti-me como se atropelado por um trator. Idênticas dor e impressão eu as experimentei vinte anos antes, quando da morte de minha idolatrada mãe. Nessas horas trágicas, tristes e desesperadoras, todas as vãs filosofias se calam, diante da invocação da infância, da adolescência,

da maturidade, de nossos conflitos e cumplicidades. Em face da morte nada podemos.

Pedro Gomes da Silva foi mateiro, lenhador, pescador, agricultor, madeireiro, carpinteiro... Profissões simples, adequadas à sua personalidade simples. Ele que nasceu no vale acreano do Juruá. Que passou a infância em distantes matagais, assustado entre os seringueiros. Que testemunhou a violência dos homens e a fúria da natureza. Que suportou enfim os piores revezes da vida. Seu olhar tristonho denunciava um rosário de sofrimentos. Triste, embora, meu pai jamais perdeu a ternura.

Ressalto que a corajosa luta empreendida por ele, refletindo positivamente na afirmação de nossa família, contou com a permanente e inequívoca colaboração de minha mãe, Olívia Maria de Arruda. Exemplarmente cheios de energia, dotados de autoconfiança e paz no coração, ambos pelejaram em favor da vida, desvinculando-se de possíveis culpas e outros sentimentos ocultos.

É nessa lição de vida simples, mas cheia de luz que se formou o meu caráter. De papai herdei a retidão e certa melancolia: o olhar triste e pensativo. De mamãe, o otimismo, a fé e o perdão. Modelos de caráter puro, eles me repassaram virtudes opostas aos meus inúmeros defeitos, congênitos ou introjetados no curso de sessenta anos completos. A essa altura da vida ousou somar o passado e o presente, as lutas pessoais e humanas, as contemplações, glórias e derrotas. É como se me sentisse mais filho. Aliás, ainda que pai e avô, nunca fui tão filho como na orfandade.

A vida anda - pessoas nascem e morrem, as coisas passam, fica a memória. Sob as feições alegres ou tristes, à medida do passar do tempo a recordação dos fatos tenderá a ganhar a forma do inesquecível. Medidos os graus de parentesco ou de proximidade entre ausentes e presentes, a dor moral parecerá não ter fim. A nostalgia, centrada na ausência de um ente querido, é um sentimento que machuca, vai e volta, ora tênue ora forte, alternando-se continuamente e na dosagem correspondente ao estado emocional vivido.

Sou muito agradecido a Deus por ter me permitido acumular muitas vitórias e, entre elas, a de testemunhar sobre a memória de meu pai, grande mentor e maior orientador. Registrei na máquina e no cérebro a crônica de sua longa trajetória, repassada ao público neste 29 de junho de 2006 em que, se estivesse vivo, completaria um século de existência. Decorridos todos esses anos, sua lembrança continua viva, percutindo, encorajando meus atos e inspirando meus caminhos. Tal qual hosana imenso, um vasto murmúrio que se eleva para as alturas, ao encontro de Deus.

De conseguinte, este traçado memorialístico objetiva legar à posteridade a saga da família que Pedro Gomes da Silva construiu e imortalizou. É um registro histórico desprezioso, porém carregado de nostalgia. Enquadra-se na definição de Earl Johanson, segundo a qual há necessidade de irmos até à saudade do passado, buscando compreendê-lo, reconstruí-lo, interpretá-lo através da penetração em seus valores e em seus símbolos.

A obra contém dez capítulos, uma parte iconográfica e, de permeio, um quadro genealógico. Na apresentação dessa tábua de ascendência e descendência de meus pais, de cuja união resultaram os 12 filhos, 63 netos, 110 bisnetos e 12 trinotos, preferi o método vertical, ou árvore genealógica. Nada de fundamentar “linhagem” (que não temos), mas apenas no interesse de descortinar os traços comuns da nossa família.

Família que, de forma despreziosa, anônima mas corajosa, esteve presente no inicial período de colonização do Acre. O igarapé do Hollanda, tributário do rio Moa, no Médio Juruá; o igarapé Pedro Gomes (antigo Bagé) e o paraná do Gomes, braços do rio Tejo, no Alto Juruá; e as ruas Dr. Sansão Gomes de Souza e Pedro Gomes Coelho, nas cidades de Rio Branco e Tarauacá, lembram a passagem de nossos ascendentes por lá. As três iniciais denominações visam homenagear os sobrenomes paterno e materno de meu pai. E as últimas, as figuras de um político e de um jornalista, parentes por afinidade dele.

Salvo algumas compreensíveis interrupções, a feitura deste livro me consumiu dois anos de trabalho, ensinando-me infinita satisfação, temperada de muitas lágrimas derramadas. Certamente por rememorar “velhos tempos, belos dias”. Além de consultas bibliográficas e às anotações pessoais minhas de vários anos, vali-me de buscas em jornais de época, visitas a locais de infância de meu pai, entrevistas com pessoas de dentro e fora da família, testemunhos de amigos e oitivas de “histórias de velho” – estas últimas fontes orais de grande importância para o esclarecimento de fatos e situações. Os conseqüentes rabiscos foram selecionados, arrumados e revisados em sessões de escrita e computação, iniciadas geralmente nos finais de tarde e encerradas algumas vezes madrugada afora.

Em Rio Branco, Sena Madureira, Tarauacá e Cruzeiro do Sul, onde estive em julho do ano passado, perscrutei os arquivos cívicos e religiosos, consultei bibliotecas, visitei cemitérios e museus, deles colhendo informações sobre os antecedentes de Pedro Gomes da Silva. A última cidade, debruçada sobre a margem esquerda do rio Juruá, construída entre colinas e dotada de belos logradouros, é o maior exemplo da capacidade do povo acreano. Embora isolada do resto do país, a terra natal de meu pai surpreende pela visão moderna de seu traçado urbano, as amplas e bem pavimentadas ruas, as pujantes construções do centro e o trepidante movimento de veículos e pessoas.

O tempo alterou em muito a paisagem de Cruzeiro do Sul. As águas do Juruá mudaram a topografia da cidade várias vezes, fazendo recuar trechos inteiros da sua orla central. A rua da frente foi tragada pela erosão e nada mais resta da antiga escadaria de mais de cem degraus que facilitava a escalada do porto até a praça principal. Com a mudança do curso do rio, fomentando a queda do barranco alto onde antigamente os navios encostavam para receber borracha, a parte baixa da cidade passou a ser banhada pelo igarapé Boulevard, hoje um esgoto a céu aberto, repositório dos dejetos expelidos pelas cerca de 200 casas que compõem a favela da Lagoa.

À tardinha do segundo dia de minha estada em Cruzeiro do Sul, após caminhar por ruas e becos, conversar com transeuntes e admirar construções como a Catedral Nossa Senhora da Glória, o Fórum, a Prefeitura, o Instituto Santa Terezinha e o Centro Cultural, parei no Mirante do Cais. Apoiado na parte frontal do parapeito que o cerca, olhei por sobre o telhado da feira do produtor e divisei o Juruá de águas barrentas e pesadas, murcho e privado de vegetação em suas laterais. Na margem oposta, o bairro do Miritizal; nest'outra, à direita, maculando a paisagem, a referida favela da Lagoa, habitada principalmente por retirantes do interior; à esquerda e fronteiro ao bairro da Várzea, um tabuleiro de terra acrescida coberto de plantações de milho e feijão. Subindo, na curva do rio, a boca do seu afluente Moa, que outrora acomodou a família de meu pai.

Enquanto meus olhos corriam pelo horizonte, meus pensamentos me levavam a adivinhar o retrato de uma Cruzeiro do Sul que não conheci e de um tempo que não vi, mas a crônica acreana me informa que diferiam muito de agora: margens do rio tomadas por espécies florestais; centro urbano limpo e entrecortado por igarapés; intenso movimento de batelões e “gaiolas” deixando mercadorias e embarcando *pélas* de borracha; cais singelo retratando uma época de prosperidade, sepulta e que não volta mais.

De repente, como que reforçando o estado de ansiedade e inquietação de que eu estava possuído, minha retina captou a imagem de um menino com as feições de meu pai, sorridente e em silêncio, agarrado às mãos de uma senhora que poderia ser minha avó, saltando da canoa para em seguida subir o barranco íngreme: trazia uma mensagem de paz, pedia um acalanto, um abraço, um afago. Absorto, visivelmente emocionado, remói o pensamento, permaneci mudo e baluciei uma oração. Ao transe rápido, que produziu a imaginária cena, seguiu-se um calafrio que me tomou todo o corpo. Situação extraordinária aquela, de cunho sobrenatural por que marcada por um quadro simbólico e espiritual da realidade. Visão sem dúvida inexplicável e surpreendente. Coisas da vida.

Além do aspecto sentimental – conhecer e saudar a terra natal de meu pai - minha ida ao Acre ensejou a confrontação de documentos para correção de alguns dados histórico-biográficos que eu detinha e a descoberta de outros inéditos necessários à cobertura de eventuais lacunas existentes na primeira versão desta obra.

Efetivamente, dentre outros pormenores, lá detectei: que o Alto Purus é lugar do nascimento de outros seis filhos de meu avô adotivo, Manoel Gomes da Silva; que Tarauacá é o verdadeiro local de origem de meu saudoso tio Paulo, popular Paulino Gomes, o qual, ao contrário do que até então sabíamos, jamais nasceu na capital Rio Branco; que meu pai e minha falecida tia Otilia realmente nasceram no Alto Juruá; que o nome de meu avô fora erroneamente grafado nos documentos pessoais de meu pai: ao invés de Alexandre de Hollanda Franco, leia-se Gonçalo de Hollanda Franco.

Por razões óbvias, estendi o trabalho de consulta às serventias do Registro Civil dos municípios de Feijó e Jordão, desmembrados da Comarca de Tarauacá, onde se encontram anotações cartorárias datadas do início do século XX. Também foi consultado o acervo de registros de batismos e casamentos da Paróquia São Francisco de Assis de Eirunepé, antiga freguesia amazonense de São Felipe, que jurisdicionou Cruzeiro do Sul até o momento de criação do Território Federal do Acre.

Portanto, para que este livro pudesse vir a lume, socorri-me da colaboração de várias pessoas e do apoio de algumas instituições, tanto do Estado do Amazonas quanto do Estado do Acre.

Agradeço à minha filha Fabiane Oliveira Gomes, pelo permanente assessoramento; a José Roberto Vasques do Nascimento, pela orientação nos serviços de computação; ao meu sobrinho Jansen Mauro Gomes Lopes, pelo trabalho de *design* gráfico e diagramação; ao servidor do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Wanderley Rodrigues dos Santos, por me facilitar o manuseio da coleção de jornais antigos desse notável centro cultural; à funcionária do Instituto de Terras do Estado do Amazonas, Maria das Graças Costa

Campelo, pelas informações alusivas à titulação das terras do Alto Juruá no final do século XIX; ao historiador Antonio José Souto Loureiro, pelas idéias concernentes a fatos e vultos acreanos; e ao poeta e contista Almir Diniz de Carvalho, pelos esclarecimentos acerca do passado de Careiro da Várzea, terra natal de minha mãe.

Enalteço a generosidade com que fui distinguido pelo colega Francisco Batista de Lima Neto, procurador-chefe da Coordenadoria Regional do INCRA no Estado do Acre, oportunizando-me conhecer a realidade fundiária das bacias do Acre, Iaco e Purus, referente ao período 1890/1910, e o apoio logístico ao trabalho de pesquisa que efetuei nas quatro principais cidades desse Estado. Estendo esse sentimento sincero de gratidão aos seguintes cidadãos de:

Rio Branco: Marta Oliveira, Auxiliar de Administração do Cemitério “São João Batista”; Roseane Silva de Oliveira, Secretária da Biblioteca Pública Estadual; Sâmara Sales de Oliveira, servidora do Memorial dos Autonomistas; e Vânia Maria Furtado da Silva, pesquisadora do Museu da Borracha.

Sena Madureira: Leuda Nancy Areal, Secretária Municipal de Educação; Tarcileide Pena Brana, Secretária da Paróquia Nossa Senhora da Conceição; Eliana Brandão de Farias, Diretora da Biblioteca Estadual “Luiza de Souza Ferreira de Paula”; Joaquim Cavaleante Furtado D’Ávila, servidor da Prefeitura Municipal; José Maria Alves da Silva, ex-vereador e radialista; e Rivaldo Severo da Costa, Diretor da Rádio Difusora local.

Taruacá: Silvânia Maria Oliveira Cunha, Coordenadora da Biblioteca Estadual “Professor Anselmo Marinho Lessa”; Maria Helena Trindade Baima, Secretária da Paróquia São José; Carlos de Alencar Filho, Técnico Agropecuário lotado na Unidade Fundiária do INCRA; e Antonio José de Oliveira Leão, Oficial de Registro do Cartório de Registro Civil da Comarca local.

Cruzeiro do Sul: Alessandra Rodrigues Lima, Secretária da Biblioteca Municipal “Dom José Hascher”; Janeila Amorim, Secre-

tária da Biblioteca Estadual “Padre Trindade”; Adalgisa Mariano Coelho Sampaio, proprietária do Restaurante “Sabor & Cia.”; Maria de Fátima Rodrigues, Secretária da Paróquia Nossa Senhora da Glória; e Maria Zenaide da Silva Pereira, Auxiliar Judiciário do Cartório de Registro Civil da Comarca local.

Feijó: Rosa Maria de Souza Barbosa, Secretária da Serventia do Registro Civil das Pessoas Naturais do Termo Judiciário local.

Jordão: José Orleans Lopes Craveiro, Secretário da Serventia do Registro Civil das Pessoas Naturais do Termo Judiciário local.

Eirunepé: Deludemar Inocência de Oliveira, Secretário da Paróquia São Francisco de Assis.

Por fim, dedico o presente ensaio a quatro homens e sete mulheres extraordinários: meus irmãos. As opiniões que em série eventualmente trocamos, as sugestões e o incentivo deles recebidos foram fundamentais à concretização desta obra, escrita para prestar à memória de nosso pai um preito de saudade e gratidão.

Itacoatiara, 29 de junho de 2006  
(100º do nascimento e 15º da morte de meu pai)

**FRANCISCO GOMES DA SILVA**

## Capítulo I:

### PAI HERÓI

Era sábado, oito e meia da manhã, quando o caixão de Pedro Gomes da Silva foi colocado junto ao jazigo da família. Em volta, estávamos todos desfechados em sentido pranto: meus tios Nair, Floro e Raimunda, eu, meus onze irmãos e os genros, noras, sobrinhos, netos e bisnetos de meu pai. Desde o velório, no dia anterior, expressivo número de curiosos e pessoas amigas comparecera para as honras póstumas. Como prova de que a vida comunitária é um encadeado de emoções sem fim, havia na assistência homens e mulheres amadurecidos por muitos anos de convivência conosco: seus olhos marejados e seus rostos aflitos denunciavam um sofrimento sincero e solidário.

O caminho entre a casa da 15 e o interior do Cemitério fora percorrido em pouco tempo. Defronte, a copa alta e pouco densa da centenária, imensa árvore de pau-d'arco, que o povo apelidava de *pau-grande*, iluminada pelo sol morno daquele 23 de março de 1991, projetava uma pálida sombra sobre os circunstantes. Ao fundo, a visão do igapó da *Diosa*, destituído de floresta densa ao redor e de água límpida corrente que o caracterizaram até quatro décadas atrás, traduzia lembranças de passagens da minha infância e aguçava os meus sentimentos de amor e saudade.

Após a encomendação religiosa, por um dos padres da Prelazia, aproximei-me do alçapão em cujo interior o corpo de meu pai dali a pouco seria depositado, suspirei fundo e pronunciei um discurso (repetia o gesto de quase vinte anos atrás, quando do sepultamento de minha santa mãe, no mesmo local e em circunstâncias parecidas).

Junto ao ataúde, inicialmente com a voz trêmula e embarcada, lamentei a perda irreparável que sua morte tornava definitiva. Entre abatido e orgulhoso, discorri durante uns quarenta minutos e, do

meio para o final, embora a minha fala ainda traduzisse tristeza e monotonia, as palavras soavam mais claras, pensadas, meditadas. Reportei-me ao homem simples e cidadão trabalhador, filho sofrido, esposo dedicado e pai generoso que dedicou toda a existência aos seus. Decantei-lhe o equilíbrio da ação, a discrição pessoal e a firmeza do caráter. Frisei-lhe a experiência, coragem e sabedoria, remarkando que, a despeito de iletrado, transmitiu aos seus filhos uma educação fina e de forte conteúdo moral. Agradei-lhe o extenso rol de bons exemplos que legou à sua família. No fundo, simplesmente, tomei conta do passado de meu pai, violei a sua intimidade e interpretei os seus pensamentos. Seguramente, está no céu.

Ultimado o seu sepultamento e entoadas as orações cristãs que a ocasião recomendava, afastei-me lentamente, refletindo sobre os acontecimentos. No caminho, amparando alguns de meus irmãos e amparado por eles, enquanto ultrapassava as muitas fileiras de sepulcros e o velho cruzeiro de madeira fincado defronte à capela fúnebre central, minha mente ia processando aquela cena marcante que o tempo tem sido incapaz de deletar da minha visão.

O resto do dia foi consumido em despedidas dos que vieram de fora. Houve até uma sessão de fotos para marcar a presença de tanta gente. De vez em quando, daqui ou dali chegava algum retardatário, membro da família ou amigo do falecido, para expressar seus sentimentos, testemunhar a amizade. Era notória a ausência, por motivo de saúde, dos meus tios Otilia e Paulino. Os demais parentes estiveram todos lá.

Nos dias que se seguiram o vácuo da ausência de meu pai, desde logo transformado em símbolo, aumentaria progressivamente. Recordei das raras conversas que mantivemos – ele portava uma natureza recatada e introvertida, era econômico em palavras; como é próprio dos sábios, tratava seus interlocutores com carinhosa deferência, embora opinando pouco e escutando muito. Lembrei-me dos passeios que lhe proporcionei: de automóvel, pela cidade, ou de barco, pelo interior, sobretudo Itapiranga, cidade em que exerci a

Promotoria de Justiça e para onde o conduzi, várias vezes, na lancha “Pedro Gomes” – na verdade um simples casco de alumínio, razoavelmente confortável, movido a motor de popa de 45 cavalos. Recordei da sua presença que era constante em nosso sítio, à margem da rodovia “Vital de Mendonça”, próximo de Itacoatiara – a Chácara “Dona Olívia”, menção à minha mãe.

Sempre aos domingos e feriados, familiares e amigos ali nos reuníamos para visitar o pequeno aviaquário, caminhar pela floresta de capoeira alta, tomar banho sob a bica do poço tubular ou no cacimbão revestido de tábuas de itaúba preta, e degustar a caldeirada, o assado e grelhado de peixe ou o cozidão de carne de boi e galinha caipira. Antes ou no sobrepor dessas refeições, sorvíamos os aperitivos, os sucos, os mingaus e comíamos os doces, as tortas, as tapioquinhas e os bolos, produtos dos frutos silvestres, sementes e raízes colhidos na roça e no pomar do próprio local.

Ao longo da sua vida, Pedro Gomes da Silva viveu muitas vidas, calejado por muitos anos de convivência com o trabalho. Até hoje as lembranças relacionadas a ele, antigas e novas, embaralham-se na minha mente. Todas mexem com o meu humor, a minha emoção, os meus sentimentos mais fundos e mais puros.

O bolo de milho e o pão fresco de todas as manhãs que trazia do Mercado e os distribuía em pedaços iguais aos filhos, à mesa, durante o café pobre, de poucas opções: e eu ainda era criança. As chamadas do amanhecer, de segunda-feira a sábado, alertando-me para que não chegasse atrasado à escola da professora *Diquinha*: e eu apenas era um menino. A mala de madeira que ele encomendara do Manuel *Pisca-Pisca*, para acomodar minhas roupas na viagem à capital, com o objetivo de estudo: e eu já era um rapazola. Sua desesperada reação, abraçado comigo, à porta do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, quando o tornei sabedor de que minha mãe havia falecido: e eu já estava homem feito.

Em vida, tanto nas árduas tarefas de todos os dias, que assumia para angariar o sustento do lar, como nas costumeiras festas

em casa ou realizadas em outros locais, a que comparecia, meu pai confirmava uma boa disposição e um temperamento associativo, próprios dos espíritos abertos, dedicados à família e compreensivos com os amigos.

De uns tempos para cá, essas e outras múltiplas imagens vêm sendo repetidamente projetadas na tela de meu cérebro, dando causa a tantas recordações, entremeadas de lágrimas, dor e saudade. Como um vaivém, elas se revezam: ora alegres, ora tristes, mas todas vivas, límpidas e igualmente fortes. Por conseqüência, reacendem em mim uma exaltação de sentimentos, revelada por força de expressão talvez carregada de excesso de amor filial; traduzem o convencimento de que aquele homem modesto e correto, outrora um ser vivo e hoje um ausente, foi e será o meu protótipo, grande exemplo, maior e mais sincero amigo.

Referencial familiar perfeito.

Escudo meu, irresistível, acabado.

Pedro Gomes, meu pai.

Pai herói.

## Capítulo II:

### EPOPÉIA ACREANA

Os antecedentes de Pedro Gomes da Silva estão associados aos primórdios da Amazônia acreana. Data de 1857 o início das expedições para essa área, mas foi a partir de 1877 que os nordestinos brasileiros começaram a migrar com mais frequência na região, chegando aos altos cursos e afluentes dos rios Juruá e Purus, onde iniciaram um trabalho de colonização, enfrentando e expulsando peruanos e bolivianos, matando e massacrando índios das nações *Pano* e *Aruaque* que ali habitavam.

*Na afirmativa de autorizados autores, esses pioneiros chegavam ali com muito pouca gente ou sós, mal situando o que eles chamavam exploração. Feito isto com um tapiri, ou sem ele, desciam para o Ceará ou outro estado, traziam parentes e conhecidos em busca da miragem do ouro negro. A contribuição humana que persistiu na constância de levar imigratórias pelos anos seguintes, modificou a paisagem da região. Os machados abriram claros na floresta e neles se erguiam barracas e barracões à beira dos rios, ou no isolamento da mata, onde os homens se internavam para extrair o leite de seringa. (...) As casas aviadoras de Belém e Manaus, fornecendo o crédito e os artigos necessários à vida, e a embarcação, evoluindo do tipo de ubá, de canoa a remo, para o navio a vapor que a inventiva popular denominou de gaiola, criaram, incentivaram, mantiveram a sociedade dos seringais acreanos.(1)*

A epopéia do Acre transformou os seringueiros em heróis de suas próprias vidas. Obrigados pelas grandes secas de 1877/1879, 1888/1889 e 1900, os imigrantes, suas mulheres e filhos, a maioria

---

(1) Cf. José Moreira Brandão Castello Sobrinho, citado por Antônio Teixeira Guerra, in *Estudo Geográfico do Território do Acre*, Rio, 1955; e Leandro Tocantins, in *Formação Histórica do Acre*, Rio, 1963.

constituída de cearenses, vinham acomodados na terceira classe dos “gaiolas”, empilhados como mercadoria, misturados a animais, e esse rosário de sofrimentos prosseguia na imensidão das matas, onde o isolamento e as precárias condições de trabalho davam causa a enormes baixas no material humano.

*Durante a expansão da borracha, tanto os que extraíam o látex quanto os ocupantes das estradas, proprietários ou arrendatários de poucas extensões de terras, eram conhecidos como seringueiros. O seringalista era o proprietário de enormes extensões de terra, geralmente tituladas. (...) Muitos seringueiros eram seringalistas em pequena escala, que possuíam quatro ou cinco estradas, juntamente com terra suficiente para sustentar suas famílias. Ainda assim, esse seringueiro proprietário teria relações informais de dependência com um comerciante do lugar mais próximo ou com um vizinho mais rico, mas essa relação seria mais flexível e menos suscetível de coerção do que a existente entre o seringueiro não-proprietário e o seringalista.(2)*

Entre os muitos que chegaram à região naqueles primeiros e nos subseqüentes momentos estavam alguns ascendentes de meu pai, por linha reta ou colateral. Caso de Benjamin Duarte de Pontes Franco, que nasceu por volta de 1853 e faleceu no dia 21 de fevereiro de 1915, deixando grande descendência. Atraído pelo explorador João Gabriel de Mello, primeiro cearense a penetrar no rio Purus, Benjamin Pontes Franco ocupou em 1880 um seringal virgem na boca do Macauã, afluente do rio Iaco, no Alto Purus.

A propriedade “Porto Franco”, situada à margem esquerda do rio Acre, arrendada em 1904 a Francisco Carlos Mourão e retomada seis anos depois por Theodoro Franco de Souza, alude à família daquele pioneiro desbravador. O seringal “Redenção”, alcançando 2.000 hec-tares de área e ocupando as duas margens desse mesmo rio,

---

(2) Cf. Bárbara Weinstein, in *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*, São Paulo, 1993.

na bacia do Purus, foi propriedade do coronel Francisco de Pontes Franco, irmão do primeiro, que inclusive mantinha casa de comércio em Manaus. Vizinhos, havia a colocação “Lua Nova”, de Anna Umbelina de Pontes, com 2.500 hectares, os seringais “São Jorge” e “São Benedito”, pertencentes a José Isaac Pontes, com 37.530 e 45.155 hectares, respectivamente, além de “São Francisco” e “São Miguel”, titulados em nome de José Raymundo Pontes, ambos somando cerca de 18.000 hectares. A estes, acrescenta-se outro rico latifundiário instalado no rio Sepatiny, cujos seringais “Acutiry” e “Anajás” mediam cerca de 65 mil hectares: Umbelino de Hollanda Bezerra que, decaído financeiramente, por volta de 1915 passaria ao seringal de porte médio “Metaripuá”, no rio Acre.

*Há registros de que a família de João de Pontes Franco – igualmente irmão de Benjamin Duarte de Pontes Franco – [estivera] estabelecida, em 1882, em Andirá, [lugar] também conhecido por riosinho do Pontes,(3) medindo 3.425 hectares. Pouco depois ali chegariam Cândida Amélia de Hollanda e José Gomes de Andrade, subscritores em 07 de março de 1886 da ata de instalação da Câmara Municipal de Lábrea, vila situada acima da boca do rio Ituxi, afluente do Purus.*

Outro contemporâneo deles, Luiz Gomes da Silva, benemérito em Lábrea e conhecido por suas incursões no rio Purus, possuía grandes seringais nas proximidades em parceria com seu irmão, Evaristo Gomes da Silva. Escolados, dominaram todo o rio Ituxi, parte dos rios Purus e Mamoriá e os igarapés Hajaruhá, Panhana e Remansinho, criando várias empresas (Gomes & Cia., Gomes & Mello, Gomes Filhos & Cia., Gomes & Lima, Gomes Siqueira & Cia. e Gomes & Pitombeira), cujos lotes, titulados entre 1898 e 1909 pelo governo do Estado do Amazonas, somavam 102.435 hectares de extensão, abrangendo 15 seringais. Tempos depois, essas e aquelas

---

(3) Cf. José Moreira Brandão Castello Branco Sobrinho, citado por Carlos Eduardo de Almeida Barata e outro, in *CD ROOM Dicionário das famílias brasileiras*, Rio de Janeiro, s/data.

propriedades dos citados troncos familiares de meu pai receberiam superposição de títulos, dando causa a uma intensa e criminosa movimentação de grileiros no sul do Amazonas, responsável pela desorganização fundiária que ainda hoje assola aquela região.

No dia 1º de maio de 1880, o vapor “Marajó” trouxe para Manaus 45 passageiros cearenses, procedentes do Pará, e entre eles estava o futuro pai adotivo de meu genitor, Manoel Gomes da Silva: solteiro, nascido em 1856, filho de Francisco Gomes da Silva e de Francisca Gomes da Costa, centrou seus negócios em Manaus e instalou propriedade gomífera no rio Iaco, Alto Purus, que denominou de seringal “Boa Esperança”. Investindo na região os recursos trazidos de Baturité, sua terra natal, logo se tornaria um capitalista, grande produtor e exportador de borracha. Vinha acompanhado de seus irmãos Felisberto, Raimundo e Thereza Gomes da Silva.

Entre a primeira e a segunda seca nordestina, outros ascendentes de meu pai apareceram na região, enfileirados com milhares de contrerriâneos. Caso de Joaquim Gomes de Araújo, viúvo, agenciador, nascido em 1851; Antonio Gomes da Silva, casado, com filhos, comerciante, nascido em 1861, estabelecido no seringal “Nova Residência”, rio Moura, no Alto Juruá; Lourenço Gomes da Silveira, solteiro, lavrador, nascido em 1863; e Jonas Gomes da Silveira, solteiro, lavrador, nascido em 1869 – todos constavam da relação dos guardas alistados em 1890 para o serviço ativo e da reserva do comando da Guarda Nacional, que abrangia os distritos de Manaus, Purus, Negro e Codajás.

Antonio Gomes da Silva dissolveu, em 28 de janeiro de 1888, a sociedade que mantinha em Manaus com José Gomes Carreira, sob razão de Carreira & Silva. Três meses depois viajou para a Europa, a tratamento de saúde, fazendo declaração pública de que outorgara procuração a seu mano Manoel Gomes da Silva para gerir seus negócios na capital e no interior. Quando de seu falecimento, em 1914, no “Nova Residência” estavam empregadas 45 pessoas, sendo 17 homens, 09 mulheres e 19 menores de 21 anos.

À época, ao Alto Juruá foram ter Pedro Gomes da Silva e Domingos Gomes da Silva, irmãos dos acima citados Luiz, Evaristo, Manoel, Felisberto, Raimundo, Thereza e Antonio Gomes da Silva. O primeiro, casado com Maria d'Oliveira e Silva, explorou desde 1887 o seringal "Fortaleza", encravado no rio Tejo, afluente do Juruá; dois anos antes, em sociedade com João Bussons e Vicente Coelho, ele havia trabalhado no seringal "Russas", redenominado "Valparaíso", à margem direita do Juruá, próximo à foz do rio Valparaíso. Sua passagem pela região ficaria imortalizada com a denominação dada ao igarapé Pedro Gomes, o maior tributário pela margem direita do Tejo, e ao paraná do Gomes, mais acima.

À sua vez, Domingos Gomes da Silva, instalado em parte do seringal "Luzeiro", consorciou-se a Balbina de Mello, viúva de Manuel Xavier Moreira, antigo proprietário desse seringal. A colocação esteve na margem direita do Juruá, tendo passado para a terra firme do paraná dos Mouras, também conhecido por paraná da Viúva. No seu apogeu, o "Luzeiro", com 15 quilômetros de frente por uns 24 de fundo, tinha 72 estradas de seringa, donde se colhiam quatro toneladas de borracha, e dois grandes lagos. Produzia farinha de mandioca, açúcar, arroz, fumo e feijão, e criava gado das espécies vacum, suíno, eqüino e caprino. Com uma população de 150 pessoas, a propriedade ficava a seis horas de viagem de Cruzeiro do Sul, em canoa ou por terra. Domingos Gomes da Silva, que se tornaria mais tarde um atuante defensor dos ideais de libertação do Acre, lutando ao lado de Francisco José Gomes e outros patrícios seus, ia com freqüência a Belém em viagens de negócios.

Entre os imigrantes cearenses, ligados direta ou indiretamente à família de meu pai que, no final do século XIX deixaram de seguir ao interior acreano para trabalhar em Manaus, estavam: Raymundo Franco e Clementino Ferreira Gomes; Trajano Gomes da Costa (promotor de Justiça da Comarca de Humaitá nos idos 1890/1891); Joaquim Gomes de Lima (proprietário de uma fogueteria); José Gomes do Amaral (alfaiate); e Florêncio Gomes da Silveira (subprefeito de segurança pública no bairro do Mocó). Uns voltaram

à sua terra de origem, quando da crise da borracha; outros ficaram no Amazonas até morrer, deixando descendentes.

À falta de dados mais elucidativos somos levados a conjecturar que a chegada ao Médio Juruá do principal ascendente de meu pai, Gonçalo de Hollanda Franco, montando um pequeno seringal em uma das margens do Moa, deu-se por volta de 1890, dado que um dos afluentes pela margem esquerda desse rio, após a descoberta naquele ano dos primeiros seringais da região, ficaria conhecido por Igarapé do Hollanda. Originário de Guaramiranga, sobre a serra de Baturité, a 80 quilômetros de Fortaleza, filho de Alexandre Hollanda do Valle e de Maria Joana Franco, Gonçalo lá deixara os parentes Antonio Romualdo de Hollanda (1832-1916), Olímpia de Hollanda (1849-1931), Manuel Romualdo de Hollanda (1853-1920), Cornélio de Hollanda, Sérgio Augusto de Hollanda, Antonio Franco e outros.

Provavelmente em meados da primeira década do século XX, Gonçalo de Hollanda Franco, já avançado em idade e decaído financeiramente, teve que se desfazer da sua propriedade no rio Moa, passando a trabalhar na colocação de Domingos Gomes da Silva, no paraná dos Mouras, onde conheceu aquela que viria a ser sua mulher e mãe de meu pai: a irmã caçula dos Gomes. No Acre eram comuns os casamentos não cartoriais, ou seja, os casais se “juntavam” e só anos mais tarde recebiam as bênçãos da Igreja, por ocasião das sobregas, ou o reconhecimento da autoridade civil. Assim, Gonçalo passou a viver maritalmente com Maria Gomes da Silva e, após vários anos de “ajuntamento” e dois do nascimento de meu pai, casaram-se oficialmente no religioso em 16 de setembro de 1908.

Desde 1890 também fincaram raízes na região: José Paulino Gomes, no seringal “Vista Alegre”, à margem esquerda do Juruá; Manoel Florêncio Gomes, gerente do seringal “Lucânia”, próximo à foz do Juruá-Mirim; Pedro Gomes dos Santos, proprietário do seringal “Liberdade”, Pedro Gomes de Paiva, do “Boa Esperança”, e Pedro Gomes Matheus, do “Monte Alegre”, todos no paraná do Ouro; Deponciano Ferreira Gomes, que chegou ao rio Breu em março de

1891 e depois ocupou o seringal “Nova Residência”, à margem esquerda do Moa, dois quilômetros acima de Cruzeiro do Sul, doado pelo seu irmão Antonio Ferreira Gomes que, a partir daí, passaria a explorar o seringal “São Francisco”, na margem oposta; Sérgio Ferreira Gomes, explorando seringal no paraná da Viúva, transferido em 1899 a Francisco Rodrigues de Moura; e Antonio Gomes da Costa, fincado no “Itu”, ex-“Sobral”, pequeno seringal com seis estradas de seringa, à margem esquerda do Juruá, que o vendeu em 1912 a José Nogueira Filho.

No curso do rio Purus, os Gomes e os Hollanda, mesclados com outras famílias, faziam-se presentes através de Olympia Gomes Vieira, no seringal de porte médio “Forte de Veneza”, titulado pelo governo do Amazonas em 1895; e de Raymundo Gomes de Araújo, detentor de três extensas áreas, tituladas em 1898, num total de 11.750 hectares. No Alto Purus, através de Benvinda de Hollanda, filha do coronel Clementino de Hollanda Lima, falecido em Baturité, aos 86 anos de idade (1916), e esposa do coronel Hypólito Moreira, arrendatário do seringal “Nova Empresa”,  margem esquerda do rio Acre; o irmão de Benvinda, Oscar de Hollanda, atuando no Xapuri (chegou ao rio Acre em 1904, instalando-se no seringal de seu cunhado Hypólito Moreira, de quem se tornaria sócio: ambos incansáveis lutadores a prol da autonomia acreana. Casou-se em Belém com Julieta de Castro Moreira, em março de 1908, sendo testemunha desse enlace o pranteado Plácido de Castro, de quem foi amigo dedicado e extremoso. Oscar foi assassinado a tiros de revólver, desfechados por Josias Lima, aos 23 de dezembro de 1910, em Manaus, dez dias após completar 27 anos de idade); Joanna de Hollanda e Silva, viúva de Francisco de Sena, proprietária dos seringais “Aripuanã” e “São Felismino”, ambos no rio Acre, explorados desde 1880; a família de Antonio de Hollanda Moreira: procedente do interior de Boca do Acre, foi trabalhar no seringal “Buenos Aires”, às margens do rio Acre, no atual município de Brasilia; Francisco Gomes da Silva, irmão de Manoel Gomes da Silva, explorando um seringal à margem direita do Iaco: ele e seus

filhos Raymundo e Francisco, o primeiro de 10 e o segundo de 07 anos, morreriam afogados nesse rio em novembro de 1912; o também mano de Manoel Gomes da Silva, José Gomes da Silva, sua esposa Anna Lessa da Silva e quatro filhos, igualmente operando no Iaco (nos idos de 1915 montariam residência em Brasiléia); Rosa Lima Gomes, no seringal “Cairu”, e José Gomes de Moura, no seringal “Niterói”, ambos à margem esquerda do Purus, o primeiro com 1.285 hectares, titulado em 1895, e o segundo, com 2.149 hectares, documentado em 1899; Christóvão Gomes da Silva, outro irmão de Manoel Gomes da Silva, no seringal “São Vicente”, rio Caiaté; Mamede José Pereira Gomes, no rio Macauã; e Joel Gomes de Mello e Félix Gomes de Mello, sócios na firma Félix Gomes & Irmão, proprietária do seringal “Novo Santarém”, na boca do Macauã, vizinho ao seringal de Benjamin Duarte de Pontes Franco. Um dos filhos deste e seu principal auxiliar, João Pedro Franco, antes instalado no seringal “Natal”, abandonaria a indústria extrativa para servir como comandante do “gaiola” *Rio Xapuri*, da firma comercial paraense A. Braga Sobrinho & Cia..

*O seringal Arapixi, propriedade de João Fábio Lins de Hollanda – talvez primo de Gonçalo de Hollanda Franco, que ingressou no Alto Purus por volta de 1884 e morreu em 1900, deixando viúva Raymunda de Hollanda - foi palco de graves acontecimentos. A morte [de João Fábio Lins] colhera-o no momento em que reunira a safra de um ano de trabalho, e as mercadorias, para a do ano seguinte. Então o doutor Miguel Ribas, sócio da firma Ribas & Cia. (...), apoderou-se dos [seus] bens, constantes de 80.000 quilos de borracha, 300.000\$000 de mercadorias, 60 muares, dois barracões, doze barracas e criações, não recebendo os órfãos quaisquer contas de venda ou conta corrente, daqueles valores.(4) A questão, envolvendo outros interesses e até intervenção policial, estendeu-se por mais de uma década, sendo essa propriedade – extensa área de 50.317 hectares titulada em 1896 - reocupada à força em 1914*

---

(4) Cf. Antonio Loureiro, in *O Brazil Acreano*, Manaus, 2004.

*pelos herdeiros Maurício de Hollanda e João de Hollanda, apoiados por atiradores profissionais, após uma luta armada seguida de massacre.*

Em 1891, atuavam no diretório regional do Partido Republicano Democrático do Amazonas, sob a liderança do Barão do Juruá, os membros da colônia cearense, dois ou três deles diretamente ligados à família de meu pai: Abrahão de Hollanda Cavalcante, Raymundo Gomes de Freitas, Amâncio de Hollanda Cavalcante, Francisco Ferreira Gomes e os irmãos João e Luiz Gomes de Mattos. Um outro irmão dos últimos, maestro Arthur Gomes de Mattos, participou aos 02 de dezembro de 1900 de um debate na Câmara Municipal de Lábrea a propósito da independência acreana.

*Com o Tratado de Petrópolis, firmado em 17 de novembro de 1903, o Acre foi integrado nos limites do Brasil. Esse processo resultou dos embates pela posse da área, estimulados pelo Governo do Estado do Amazonas, travados desde 1899 entre bolivianos e brasileiros, que culminou com o levante liderado por Plácido de Castro contra a Bolívia, no ano de 1902. Na seqüência o Território do Acre é organizado pela Lei federal nº 1.181, de 25 de fevereiro de 1904, que o dividiu em três departamentos autônomos: Alto Juruá, Alto Purus e Alto Acre, chefiados por prefeitos da livre escolha do presidente da República. Essa organização administrativa, regulamentada pelo decreto nº 5.188, de 07 de abril de 1904, seria alterada pelo decreto nº 9.831, de 23 de outubro de 1912, que criou o Departamento do Alto Tarauacá, desmembrado do Departamento do Alto Juruá.(5)*

Na ordem acima estabelecida, as sedes departamentais foram locadas nas povoações de Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, Rio Branco e Vila Seabra.

---

(5) Todos os departamentos do Acre foram extintos pelo decreto federal nº 14.383, de 01.10.1920, o qual reorganizou a administração do Território, criando um Governo Geral com sede em Rio Branco.

*Cruzeiro do Sul, o núcleo urbano mais ocidental do Brasil e ponto terminal da navegação dos gaiolas de roda a popa no Juruá, está assentado no antigo local-sede do seringal Centro Brasileiro, à margem esquerda desse rio, onde só havia um barracão senhorial e algumas barracas. O povoado teve o nome substituído pelo atual no dia de sua fundação, a 28 de setembro de 1904, quando foi elevado à categoria de vila e, finalmente, em 31 de maio de 1906, graduado em cidade.*

Ladeando dezenas de outros estranhos, firmaram a ata de instalação do Departamento do Alto Juruá e conseqüente fundação da atual Cruzeiro do Sul os seguintes aparentados ou não de meu pai: Anna de Hollanda, Antonio e Geminiano de Hollanda Freitas, José Thomaz Gomes, capitão Domingos Gomes da Rocha, Manoel Gomes Ferreira e os irmãos Deponciano e Antonio Ferreira Gomes.

Abstraídas as incursões que faziam a trabalho de gerência ou supervisão nos seringais, a partir da primeira década do século XX moravam em Cruzeiro do Sul: Domingos Gomes da Silva e Joaquim Gomes da Silva (à rua rio Juruá); Miguel Antonio de Hollanda, dono da mercearia “Hollanda”, especializada na venda de tecidos, bebidas, perfumes, conservas, charutos finos, queijo e tabaco do Ceará (à rua 13 de Maio); Marcelino de Hollanda, José de Hollanda e Francisco de Hollanda Cavalcante; os tipógrafos Antonio e Geminiano de Hollanda Freitas, este esposo de Plácida de Hollanda, nascido em 1890, e o primeiro em 1888 (à rua 28 de Setembro); Geremias de Hollanda e Libânia Petronilha Gomes (à rua Piauí); Manoel Justiniano de Hollanda (comerciante, nascido em 1865); Domingos Gomes dos Santos (à rua rio Juruá): atuou como soldado do Exército Acreano, sob o comando de Plácido de Castro; Francisco José Gomes (auxiliar de gabinete do prefeito e depois gerente da casa comercial “Paraná”); Silvestre Gomes Coêlho (lotado no setor de obras da Prefeitura); João Clementino Gomes da Silva (empreiteiro da Prefeitura); José Gomes de Oliveira: trabalhou em 1914/1916 na olaria e serraria da Prefeitura; Antonio Gomes de Assis (juiz de paz em 1912/1914); Abdias Gomes de Oliveira e João Batista Moreira Gomes: comerciantes na vila

Thaumaturgo, sendo o segundo adjunto de promotor público; Caetano Gomes e Simplício Gomes de Souza (lavradores ativos na mesma vila); Manoel Gomes Sarmiento, Antero Gomes de Lucena e Maria Cândida Gomes. Pelo menos os primeiros nove nomes dessa lista representam troncos familiares de meu pai.

*Segundo o historiador Antonio Loureiro, foi no Departamento do Alto Juruá, na recém-fundada Cruzeiro do Sul, que surgiu, a 19 de dezembro de 1907, a Loja Fraternidade Acreana, a mais antiga do Acre, estando entre seus fundadores Manoel Florêncio Gomes e Marcos Gomes de Oliveira.(6) Posteriormente também integraria os quadros dessa loja maçônica um tio de meu pai: Domingos Gomes da Silva.*

Em 1906/1913 possuíam patentes da Guarda Nacional, distribuídas pela Prefeitura do Departamento do Alto Juruá, os majores Francisco José Gomes e Antonio Ferreira Gomes (este, promovido em 1907 a tenente-coronel, morreria logo em seguida); os capitães José Gomes Ferreira, Arthur Gomes e João Gomes Ribeiro da Silva; os tenentes Juvêncio Gomes e Manoel Ferreira Gomes (o segundo, nascido em 1872, morreu de nefrite aos 25 de fevereiro de 1912); e os alferes Geminiano de Hollanda Freitas, Francisco Gomes Pereira e José Christiano Gomes.

Na instalação da sociedade beneficente Centro Cearense de Cruzeiro do Sul, aos 21 de outubro de 1913, entre seus 174 associados estavam alguns Hollanda e Gomes: José Gomes Ferreira, Pedro Gomes da Costa, Miguel Antonio de Hollanda, Antonio de Hollanda, Silvestre Gomes Coêlho, Geminiano de Hollanda e João Gomes Filho. Nesse mesmo ano, entre os alunos aprovados pela Escola Mista "Comandante Mascarenhas", estavam os menores Francisco Teixeira Gomes (do 3º ano básico); Arlinda Ferreira Gomes (2º ano); Odorico Gomes de Mello e Maria Ferreira Gomes (1º ano).

---

(6) Cf. esse autor, in *Dados para uma história do Grande Oriente do Estado do Amazonas*, Manaus, 1990.

*Sena Madureira, sede do Departamento do Alto Purus, estabelecida à margem esquerda do rio Iaco, tributário do Purus, foi fundada em terras do seringal Santa Fé no dia 25 de setembro de 1904 e elevada à categoria de cidade em 1º de julho de 1908. Daí até 1918 serviu como capital de fato do Território Federal do Acre, por terem sido nela oficialmente instalados os órgãos administrativos, fiscais e judiciários de nível de segunda instância.*

Entre os muitos que assinaram a ata de instalação do Departamento do Alto Purus estava o ascendente de meu pai, Sebastião Gomes da Silva. Desde então, os seguintes outros seus aparentados (ou não) moraram em Sena Madureira: major Luiz de Hollanda Montenegro (proprietário do seringal “Bragança”, no rio Purus); capitão Sebastião Gomes Correia, Joaquim Gomes de Mello e Pedro Gomes Teixeira (comerciantes); Armindo Gomes Flores e Cypriano Gomes da Silveira (artistas); Manoel Paulino Gomes (tenente da 2ª companhia do Batalhão “Floriano Peixoto”, casado com Francisca Paulino Gomes); João Pedro Franco (embarcadiço); Emiliano Gomes de Moura (promotor adjunto, com seringal montado no rio Purus); Joaquim Gomes da Silveira Ramalho (poeta condeiro, antigo político no Estado do Ceará e o primeiro professor público nomeado pela Prefeitura do Alto Purus); Raymundo Gomes da Silva Porto e sua esposa Maria Apurinam Castello Branco (em 1890/1891 ele servira no Juizado Municipal do Termo de Coari); Sebastião Gomes da Silva (foreiro da Prefeitura); José Alexandre Gomes (escrivão de Polícia); Euclides Gomes de Moura (subdelegado de Polícia); Januário Gomes (administrador do cemitério público); os irmãos José de Hollanda e Manoel de Hollanda, sócios no seringal “Bragança”; Pedro Gomes do Nascimento (proprietário da lancha “Mercúrio” e do seringal “Canacuri”, no rio Purus, e com negócios em Manaus); Antonio Gomes da Silva e sua esposa Guilhermina Quintino dos Santos (Antonio realizaria segundas núpcias em 1918 com Joanna Maria da Conceição); Alfredo Gomes Ferreira (a partir de 1917 passou a residir na cidade de Rio Branco, atuando como

secretário da sua Intendência Municipal); Laurindo Gomes, Manoel Gomes da Rocha, Pedro Ricardo Gomes, João Ferreira Gomes, Jardilina Gomes de Moura, Raymundo Pedro Gomes da Silva, Laurentino Souza Gomes, Eusébio Gomes de Andrade, Joaquim Hollanda dos Santos, Agostinho de Pontes Franco, Sebastião Gomes Correia, Agostinho Gomes de Oliveira, Evaristo Gomes da Silva, Carlos Gomes Rabello, João Gonçalves Franco, Wenceslau Gomes da Silva, Matheus Gomes da Silveira, Miguel Gomes da Costa, Manoel Gomes Feitosa, Marcos Gomes dos Santos, Sansão Gomes Machado, Aristides Franco Pinheiro, Severino Gomes Carneiro, José Gomes de Mello, Maria Gomes Sobrinho, Henrique Gomes de Oliveira, Júlio de Hollanda Lima e Antonio Gomes de Assis.

Entre 08 e 22 de agosto de 1909, Sena Madureira sediou o Primeiro Congresso Industrial Seringueiro, que reuniu centenas de seringalistas procedentes dos vários departamentos acreanos para tratar pioneiramente da borracha e os problemas que lhe eram correlatos. Ao evento compareceram: Benjamin Duarte de Pontes Franco, Joaquim Gomes da Silveira e João Nepomuceno Gomes. O primeiro, investido em 1910 na patente de coronel da Guarda Nacional e estabelecido no seringal "Iracema", na boca do rio Macauã, integrou grupo político ocupado na luta pró-autonomia do Acre, no Alto Purus.

Em 1915, perante o escrivão Lucindo Vieira, casaram-se em Sena Madureira Abrahão Caraboghosian e Agrícola Gomes da Silva: ele natural da Armênia, com 27 anos de idade, e ela menor de 15 anos, amazonense, filha de José Gomes da Silva, que tinha outro filho, homônimo, nascido em 1889 e estabelecido mais tarde em Samaúma, rio Caiaté.

Ainda no ano de 1915 há registro de atividades de Raymundo Gomes de Freitas na calha do rio Purus (exercera, vinte e cinco anos antes, o cargo de subdelegado de polícia do distrito de Janauacá em Manaus, e nesse período também esteve em Itacoatiara); do capitão Antonio Gomes de Moura (esposo de Francisca Torres de Moura), no

seringal “Iracema”: proprietário das lanchas “Julieta”, “Felicidade” “Ajuri”, e “Zuleika”, que faziam o transporte de passageiros e cargas da cachoeira do Purus até a boca do Xapuri; e de Horácio Pereira Gomes, no seringal “Liberdade”, no mesmo rio.

Em 1917 Christóvão Gomes da Silva era um dos sócios da Associação Comercial do Alto Purus e Fernando Gomes Coutinho – ex-seringueiro ativo na boca do Riosinho, afluente do rio Acre – dirigia o juizado de paz, tendo por suplentes Joel Gomes de Mello e José Barroso de Hollanda.

Em 1918 constavam da lista dos eleitores inscritos no Departamento do Alto Purus: Joaquim Gomes da Silva (com 69 anos de idade, funcionário público, igualmente irmão de Manoel Gomes da Silva); Marcos Gomes dos Santos (39 anos, agricultor); e João Nepomuceno Gomes (36 anos, servidor da Prefeitura, primeiro suplente de juiz de paz e dono do seringal “Oriente”, no rio Macauã). Eram da mesma época Maria Gomes Ferreira, ocupando uma propriedade em Lua Nova, rio Iaco; Manoel Gomes da Silveira, morando nas proximidades; e Francisco Gomes de Souza, com 31 anos de idade, atuando como guarda-livros no seringal “Amapá”, da firma R. C. Freire, no mesmo rio.

*O Departamento do Alto Acre ficou sediado em Rio Branco, nome que simboliza uma homenagem ao chanceler brasileiro que assinou, pelo Brasil, o Tratado de Petrópolis. Resultado da fundação do seringal Empresa, sito à margem esquerda do rio Acre, a povoação começaria a se desenvolver na margem oposta. Em 22 de agosto de 1904 recebeu foros de vila, com a denominação de Volta da Empresa, e no dia 07 de setembro foi elevada à sede provisória, com o nome de Rio Branco. Em 13 de junho de 1909 a sede do Departamento retornou ao lugar anterior, na margem esquerda do rio Acre, passando a se denominar vila de Penápolis. Finalmente, no dia 23 de outubro de 1912 foi elevada à categoria de cidade de Rio Branco.*

Também a cidade de Rio Branco agasalhou ascendentes das famílias Hollanda e Gomes. Um ano depois de instalada, o Campo de Experiências Agrícolas local estava sob a direção de um tio de meu pai: coronel Francisco de Assis de Hollanda (nascido em Baturité aos 20 de maio de 1835), proprietário no Estado do Ceará. Enquanto isso, nessa mesma sede do Departamento do Alto Acre, Francisca Alves de Hollanda, esposa do major Tobias de Hollanda, atuava como professora de escola pública.

Por lá passaram ou residiram: Francisca Hollanda Gurjão (viúva); Domingos Ferreira Gomes: condenado em setembro de 1911 pela prática de homicídio na pessoa do súdito peruano Juan Cellis; os oficiais da Guarda Nacional Manoel Gomes de Queiroz (capitão), Valério Gomes da Silva e Antonio Gomes Machado (tenentes); Horácio Gomes da Silveira (protocolista e porteiro da Prefeitura, membro da Loja Igualdade Acreana: residente à avenida Brasil, faleceu em 12 de junho de 1918, aos 43 anos de idade, vítima de cirrose); Vicente Gomes Ferreira (juiz de paz do distrito de Vila Rica); Samuel Hollanda (solteiro, 30 anos de idade, acometido de beribéri faleceu aos 05 de setembro de 1910); João Gomes Coelho (foreiro, residente à avenida Brasil); Petronílio Gomes da Silva (tenente, construtor); Firmino Gomes da Silva (extrator do seringal "Liberdade"); Manoel Jacintho de Hollanda (seringueiro no lugar "Capatará"); João Gomes da Silva (falecido em fins de 1910, deixou viúva Genovina Gomes da Silva); Umbelina Gomes da Silva, Rufino Gomes da Silva, Adelino Gomes, Lourenço Gomes de Almeida, Osmídio Gomes de Almeida, João Baptista Gomes, Horácio Hollanda, Petronílio Gomes das Chagas, Francisco Pereira Gomes, Aprígio Ferreira Gomes e João Gomes Taveira.

Igualmente em Xapuri, antigo núcleo boliviano localizado à margem direita do rio Acre, afluente do Purus, elevado em 1904 à categoria de vila do Departamento do Alto Acre e em 1905 ao foral de cidade, havia uma forte concentração de membros das famílias objeto deste trabalho. Exemplos de Antonio Franco Filho, Henrique Franco, João Luiz Maria Franco, José Gomes de Vasconcellos,

Antonio Alexandrino Gomes, Hermiro Gomes de Lira, Bonifácio Gomes de Azevedo, Fortunato Gomes, Antonio e Odília Gomes dos Santos (morando à rua Baptista de Moraes), José Gomes Pimenta (juiz de paz do distrito de Iracema, no Alto Xapuri), Astolpho Gomes, Amadeu Gomes de Almeida, Bruno Gomes Farias, João Gomes dos Santos, Luiz José Gomes, Antonio Gomes Pimenta, Carlos Gomes da Silva, Antonio Gomes de Olinda, Francisco Gomes Cardoso (vulgo “Padre Cícero”, desordeiro, com entrada na polícia), José Gomes Ferreira, Lino Gomes Garcez, Manoel Gomes Araripe, Francisca Gomes Pereira, Luiz Gomes Garcez (gerente da filial de A. Miranda de Araújo, sediada em Manaus e proprietária do seringal “Remanso”, no rio Acre), Silvino Gomes Monteiro (com 28 anos de idade, faleceu de impaludismo aos 18 de setembro de 1912), José Luiz Maria Franco (procurador dos seringais “Carmen” e “Novo Belmonte”), coronel João Gomes Teixeira e seu irmão Antonio Gomes Teixeira: sócios na firma Gomes Teixeira & Cia., sucessora de A. Braga Sobrinho & Cia., sediada em Belém.

A notável potencialidade dos seringais da região de Xapuri atraía produtores e comerciantes dos mais variados rincões do Território, aí inclusos, como já visto, membros das famílias Hollanda e Gomes. No auto de inauguração da Intendência local, em 1º de abril de 1913, aparece a assinatura de Adelina Gomes, José Franco e João Gomes Teixeira – vogal (vereador), secretário do Conselho Municipal de Xapuri em 1913/1916.

Morando no distrito de Brasília, fronteira com a República boliviana, Adolpho Franco – afetivamente ligado a meu avô Gonçalo de Hollanda Franco - era presença constante em Xapuri, para onde ia sempre a negócios. Estabelecida à margem esquerda do rio Acre, Brasília tem essa denominação graças à junção do nome *Brasil* e o final da palavra *Hiléia*. Mas, até 1943 era conhecida por Brasília, sendo que logo em seguida à sua criação, em 1910, a atitude arbitrária de um dos ascendentes por linha colateral de meu pai colocaria em risco a estabilidade da novel vila.

Realmente, João Gomes Teixeira, sócio-gerente do seringal “Carmen”, de A. Braga Sobrinho & Cia., à frente da marinhagem do vapor “Braga Sobrinho”, penetrou na indefesa povoação, destruindo totalmente a machado o prédio da administração, sob a desculpa de que fora construído em terras dessa empresa. O ato insano foi prontamente punido pelo prefeito Deocleciano Coêlho de Souza, do Departamento do Alto Acre, que obrigou a firma insurgente a fazer doação da área em questão: em maio de 1911 foi lavrada a respectiva escritura pública e no início do ano seguinte, nomeadas e empossadas as primeiras autoridades da Brasília acreana. Desde 1915 lá estava a família de José Gomes da Silva, um tio de meu pai.

Em 1908 Joanna de Hollanda e Silva arrendara seus seringais, no rio Acre, por quatro anos, à firma José Raymundo & Filhos, sediada em Lábrea. Ao tempo, residiam nessa cidade: os intendentess capitão Manuel Gomes de Araújo e Luiz Gomes de Lima (este com “larga prática de comércio e alguma de advocacia” e o primeiro, falecido em fevereiro de 1914, deixou viúva Maria Malagueta de Araújo, que logo se mudaria para o Ceará); o jornalista Joaquim Gomes da Silva; o promotor público Francisco Gomes Malveira (quartanista de direito, no início de 1910 viajou para Fortaleza com a intenção de concluir o curso acadêmico); o comandante fluvial Bernardino Gomes; os irmãos Luiz José de Hollanda e Raimundo José de Hollanda; e o guarda local José Herculano Gomes, falecido aos 06 de junho de 1912.

Além desses, Antonio Gomes de Araújo, Vicente Gomes de Araújo, Pedro Gomes Pinto, Felelon Gomes Monteiro, Jesuíno Gomes da Silva, Antonio Alves Gomes, Manoel Lino Gomes, Tancredo Gomes Jambeiro, João Laurindo de Hollanda Cavalcante, Feliciano Trindade Gomes, Josepha Gomes de Almeida (esposa de Antonio Teixeira de Almeida) e o casal Vicente/Maria Gomes da Silva (viúva, esta a partir de 1918 passaria a morar em Rio Branco, à rua Alagoas, com seu irmão Lourenço Gomes da Silva).

Ainda no rio Acre vamos encontrar em 1912/1915 os proprietários Carlos Gomes da Silva, do seringal “Santa Cruz”, ex-“Montevideú”, adquirido de Dias Peixoto & Cia.; Joaquim Gomes Pimentá e Manoel Gomes Coutinho, da comunidade “São João de Iracema”; Ornilo Simão Gomes Lima, do seringal “Venezuela”; Philômeno Gomes Junqueiro, com 32 anos, solteiro, construtor, residente no distrito de Paraguassu; José de Hollanda Souza, do seringal “Aquidaban”; José Gomes de Vasconcellos, do seringal “Porto Ramos”; e Manoel Gomes de Queiroz, do seringal “Nova União”. No rio Muimano, Isidoro Gomes Pimentel, do seringal “Vae-Quem-Quer”. No rio Xapuri, Gomes Teixeira & Cia., do seringal Tupá, limitado ao fundo pelo Riosinho; Gervásio Gomes de Souza, do seringal “Boa Sorte”; e Pedro Gomes de Oliveira, do seringal “Rio Grande” ou “Rio Branco”, antigo “Pindamonhangaba”, comprado da empresa Victorino Maia & Cia.. No ano anterior, Pedro Gomes de Oliveira (casado com Maria Rodrigues de Oliveira) ocupara a suplência do Juizado de Paz de Xapuri, residindo à praça Plácido de Castro dessa cidade.

*A sede do Departamento do Alto Tarauacá, originalmente instalada em terras de um seringal na foz do rio Muru, afluente do Tarauacá, foi fundada em 1899. Transferida para a margem esquerda desse tributário do rio Juruá, a povoação foi promovida à vila em 1º de janeiro de 1906, com a denominação de Vila Seabra, em homenagem ao ministro da Justiça Joaquim Seabra, e elevada à categoria de cidade de Tarauacá no dia 24 de abril de 1913.*

Antes, Vila Seabra sediara o Segundo Termo Judiciário do Alto Juruá, com um juiz de paz, uma escola pública e um delegado de polícia, e em 1907 o lugar constava de umas quarenta barracas e barrações, todos cobertos de palha e fechados de bambu ou paxiúba. Seu grande movimento comercial era fomentado por Alves de Freitas & Cia. e Barbosa & Tocantins, com grandes depósitos disputando com o comércio de Cruzeiro do Sul. O ex-professor de primeiras letras Sansão Gomes de Souza, foi o primeiro intendente (prefeito) do

município (1913/1914), posto a que foi reconduzido em 1917/1918. Faleceu em Belém aos 14 de abril de 1931.

À época, ali também moravam Alfredo Gomes Pereira, o casal Luiz (Maria do Carmo) Gomes da Silva, dono da firma Carmo & Silva, e Pedro Gomes Leite Coêlho, proprietário e editor do jornal *O Município*, fundado em 28 de setembro de 1910; morto em Tarauacá, aos 11 de outubro de 1937, também se lhe credita a fundação em 1873 do primeiro jornal de Lábrea, “O Purus”.

Desde o começo da colonização acreana, o rio Tarauacá, seus afluentes Envira e Muru e subafluentes Iracema, Joacy, Conceição, Iboaçú, Colombo, Ouro Preto e Cajazeiras – permitindo pouca ou nenhuma trafegabilidade na época do verão - estavam literalmente ocupados por seringais. A maior parte das propriedades neles encravadas foi titulada pelo governo do Estado do Amazonas, entre 1895 e 1898, como o seringal “Bom Vergel”, à margem esquerda do rio Tarauacá, medindo 1.909 hectares e pertencente a Francisco Ferreira Gomes. Nesse rio, abaixo de Tarauacá, ainda se menciona o seringal “Porto Gomes”, fruto do trabalho de algum Gomes que por lá passou. E na margem esquerda do Muru havia a colocação “Porto Alegre”, de José Paulino Gomes, também proprietário no rio Juruá.

A verdade é que todos os citados ascendentes de meu pai – Hollanda e Gomes puros-sangues ou portando outros sobrenomes acrescidos àqueles – viveram e trabalharam no atual Estado do Acre, deslocando-se por todo o seu território, em visita a parentes ou em missões de compra e venda de borracha. Muitos deles retornaram à sua terra de origem – o Nordeste – e os remanescentes que ficaram, após ampliar seus laços familiares, morreram e foram sepultados nas cidades, vilas ou seringais acreanos.

Sabidamente, parte dessa árvore genealógica prosperou e outra não. Enquanto muitos desses seringueiros se recolheram ao anonimato, acomodados aos dramas do isolamento e até levados a um estado de extrema pobreza, outros despontaram na vida empresarial,

foram ativos na participação de eventos políticos, econômicos, sociais e no exercício de cargos públicos relevantes.

De uma e outra situação ficaram exemplos, avultando o caso de meu avô paterno, Gonçalo de Hollanda Franco, que faleceu pobre, quase esquecido, em 1909, nas proximidades de Vila Seabra (atual Tarauacá), e o de Raymundo Gomes de Oliveira que, aos 16 de julho de 1904, vitimado pelo impaludismo, morreu e foi enterrado como indigente em Manaus. Por outro lado, contrastando com a situação do seringueiro José Gomes, que em 1904/1908 ao longo do rio Xapuri ganhava a vida ao leme de um batelão movido a remo, conduzindo cargas e passageiros, o seringalista Israel de Hollanda, após acumular fortuna no alto rio Acre, transferiu-se em 1913 para Belém, e ali passou a curtir uma vida nababesca.

Outros fatos: Benjamin Duarte de Pontes Franco, abastado proprietário do Departamento do Alto Purus e detentor de grande fortuna, acometido de longa enfermidade, em 1915, no final de sua vida entrou em declínio; e João Gomes Teixeira, proprietário de extensos seringais na região do Xapuri e com negócios em Belém, dava-se ao luxo de passar longas temporadas na Europa, como o fez em viagens de passeio, em 1910, e a tratamento de saúde até voltar “completamente restabelecido”, em 1911.

Os Hollanda e os Gomes em sua maioria provieram de Quixadá e Baturité, cidades do sertão cearense.

### Capítulo III:

#### MENINO DE SERINGAL

Pedro Gomes da Silva nasceu em Cruzeiro do Sul a 29 de junho de 1906. Do Ceará seus pais, Gonçalo de Hollanda Franco e Maria Gomes da Silva, ainda jovens, foram para o Acre em companhia de outros parentes, desalojados pelas secas e motivados para o trabalho de extração da borracha.(1) Internados na mata acreana, trabalharam duro, isoladamente e depois juntos; lá viveram décadas, com ligeiras passagens por Cruzeiro do Sul, Vila Seabra e Sena Madureira, onde alguns dos Hollanda e Gomes mantinham residência fixa.

Estando fincada a casa da família em um terreno aforado pela Prefeitura, no dia em que veio ao mundo, coincidindo com a festa de seu santo protetor, meu pai foi saudado por um grande foguetório.

*É que a comemoração de São Pedro corria animada em Cruzeiro do Sul. Noticiava-se que na realização dessa festa folclórica havia, entre as expansões de alegria, os bailes, as fogueiras a arder e os intensos tiroteios, ocasião em que as balas dos rifles fendiam os ares, de quando em quando, em descargas cerradas.(2) A festividade culminava na procissão fluvial, seguida de um farto e variado banquete, a que todos compareciam para comer e beber, sem discriminação.*

*Ao tempo, o prefeito Gregório Thaumaturgo de Azevedo acelerava os melhoramentos da pequena cidade, possuidora de ruas amplas e limpas e já dotada de luz elétrica, museu botânico e comércio forte. Segundo Castello Branco Sobrinho, em março*

---

(1) Não há notícia do paradeiro dos pais de meu avô Gonçalo - Alexandre Hollanda do Valle e Maria Joana Franco; nem dos de minha avó Maria - Francisco Gomes da Silva e Francisca Gomes da Costa. Presumo que permaneceram no Ceará e lá morreram.

(2) Cf. semanário *O Cruzeiro do Sul*, Cruzeiro do Sul, 15.07.1906.

de 1906, *Cruzeiro do Sul* tinha uns 546 habitantes em cerca de 100 barracas, das quais 11 da Prefeitura. Em 1907 sua população subiria a 700 pessoas; em fins de 1908 a 1.633 habitantes; e em 1909 a cerca de 3.000 almas.(3)

Próximo de completar os seus três de idade, Pedro Gomes da Silva perdeu o pai. Pobre e doente, do paraná dos Mouras, no Alto Juruá, Gonçalo de Hollanda Franco foi levado ao rio Muru, afluente do Tarauacá, recolhendo-se a “Santa Bárbara”, seringal pequeno e de “muito menor valia”, vizinho ao “Cecy”, pertencente a seu cunhado Raimundo Gomes da Silva. Essa última colocao, encravada na boca do igarapé João dos Santos, um pouco distante de vila Seabra, pertencera aos herdeiros do finado Porfírio de Souza.

Gonçalo morreu em fevereiro de 1909, cinco meses após a oficializao de seu casamento com Maria Gomes da Silva, a qual, no dia 21 de abril de 1910, casaria outra vez e no mesmo lugar, desta feita com o seringueiro de Granja/Ceará, nascido em 1887, Manoel Lopes Ferreira. Daí a seis anos também ocorreria o falecimento dela, presumivelmente atacada pela malária, dado que em 1916 quase todos os afluentes do rio Juruá acusaram sria intensidade da doença, promovendo uma verdadeira devasto na populao de seringueiros ali estabelecida. Desde logo, o pequeno órfão de apenas dez anos de idade, sofrido e rejeitado pelo padrasto, seria adotado por seu tio e padrinho, Manoel Gomes da Silva.

Membro de uma família de quatorze irmãos, Manoel Gomes da Silva tinha domicílio em Sena Madureira, casa de comércio em Manaus e explorava um seringal do rio Iaco, no Alto Purus. Como convinha a um eficiente produtor e rico comerciante de borracha, era conhecido em todo o território acreano. Incansável, viajando sempre pelo interior, vezes sem conta alcançara os mais distantes rincões do Purus e do Juruá.

Além das viagens a negócio e em visita a familiares seus,

---

(3) Cf. esse autor, in *O Juruá federal*, Rio de Janeiro, 1930.

ultrapassando os inúmeros varadouros e furos que ligavam as intrincadas calhas desses rios, Manoel Gomes da Silva integrou a expedição dirigida pelo general Belarmino Mendonça que, em 1905, fez o reconhecimento do rio Juruá, e nela ganhou mais experiência nos percursos de lancha, em canoas e trajetos a pé.

A comunicação entre os vários núcleos departamentais acreanos era difícil e demorada, especialmente no período das vazantes em que as ligações fluviais só eram possíveis através de pequenos barcos. Para se ir de Sena Madureira a Cruzeiro do Sul – cujas viagens dependiam da espera de embarcações em Manaus e da enchente ou descida das águas dos rios que as banham – precisava-se descer o rio Purus, subir o Solimões até a confluência com o Juruá e por este acima até chegar ao porto de destino, levando-se nesse percurso mais de 30 dias. Para se gastar menos tempo, utilizava-se um caminho terrestre iniciado em Rio Branco que, alcançando Sena Madureira, atravessava numerosos cursos d’água e ia dar no rio Purus em demanda do Alto Juruá: no verão era percorrido pelos seringueiros, a pé ou montados em animais.

O percurso por terra, feito na metade do tempo gasto em navegação regular, consistia em subir e descer rios e igarapés e penetrar nos varadouros que ligavam as torrentes opostas. Sempre contornando caminhos, buscava-se tornar mais próximos os núcleos populacionais. Entre Vila Seabra e Cruzeiro do Sul havia uma vereda, num estirão de terra firme saindo da margem esquerda do Tarauacá, no seringal “Cocamera”, transmontando as cabeceiras do rio Acuráua e do Gregório, passando em meio às vertentes dos rios Liberdade e Lagoinha, de um lado, e as do Leonel e do Valparaíso, do outro, indo atingir o seringal “Invisível”, próximo a Cruzeiro do Sul.

Salvo as eventuais viagens à cidade de Manaus nos “gaiolas” de linha da *Amazon River*, em que aproveitava para, de lá, ir à sede do Departamento do Alto Juruá e aos arredores da futura cidade de Tarauacá, Manoel Gomes da Silva preferia o trajeto Sena Madureira-

Cruzeiro do Sul e vice-versa por atalhos. Como os mais afoitos ele enfrentava os caminhos abertos na mata.

Por diversas vezes foi ao Alto Juruá: para negociar e visitar parentes e amigos; a Cruzeiro do Sul: para assistir à sua filha Otília; ao rio Muru: para testemunhar ao primeiro e segundo casamentos de sua irmã Maria Gomes da Silva, respectivamente em 16 de setembro de 1908 e 21 de abril de 1910, ambos no seringal "Santa Bárbara"; para servir de padrinho de crisma à menor Izabel, de 11 anos, em 16 de setembro de 1909, no seringal "Itamarati"; e assistir ao batizado de um sobrinho, em 05 de junho de 1910, no seringal "Cecy". Ele, finalmente, voltaria ao seringal "Santa Bárbara", em meados de 1916, para de lá conduzir à Sena Madureira o menino Pedro Gomes da Silva. É quase certo que tenha utilizado a via fluvial, nesse último percurso: de Cruzeiro do Sul, desceu o Juruá até a boca do Tarauacá e subiu esse rio até a foz do Muru, e vice-versa.

Pedro não fora registrado ao nascer e a adoção do sobrenome de seu tio-padrinho, além de seguir um costume da época muito praticado naquele fim de mundo, decorria do descumprimento das instruções baixadas com o decreto nº 07, de 16 de setembro de 1904, da Prefeitura do Alto Juruá, da ineficácia do serviço cartorário e principalmente da desinformação geral existente. Exemplos desse porte, que só seriam solucionados a partir da entrada em vigor do Código Civil Brasileiro, de 1916, ressaltavam as freqüentes mortes de seringalistas solteiros deixando filhos legitimados. O serviço de registro civil, a cargo dos juizes de paz, era feito precariamente, adiando-se sempre a oficialização dos casamentos, nascimentos e óbitos. Muitos enterros se realizavam nos seringais sem a formalidade da indagação da *causa-mortis* e, assim, desapareciam as provas de muitos crimes cometidos.

Da mesma forma crítica era olhado o serviço religioso prestado à população: *Os sacerdotes que para aqui têm vindo, com raras exceções, têm feito dos sacramentos de sua religião objeto de comércio. Um casamento vende-se por duzentos mil*

*réis; batizados, de trinta a cinqüenta mil réis; missas, a cem mil réis. Esta é a tarifa para os pobres. Para os ricos, um batizado com música vale seiscentos mil réis; sem música, quatrocentos. Gratuitamente, mesmo a bem da moralidade, não batizam, não casam, não rezam.*(4)

A falta da missa, da água benta e dos sermões católicos estimulava as benzeduras do rezador, as garrafadas, os banhos de cheiro e as defumações, que curavam as desgraças de todos. Em razão do insuficiente número de curas e das grandes distâncias, as desobrigas a determinados lugares levavam em geral mais de um ano para acontecer, e vezes sem conta não aconteciam. Essa desconcertante situação, causa do maior número de crianças pagãs e de casais irregulares, seria corrigida paulatinamente, a partir de 1910, pela Diocese de Manaus, que subordinava os padres do Acre.

Desde o começo, a vida de Pedro Gomes foi uma sucessão de sofrimentos. Ainda nem bem despertara para o mundo e já enfrentava problemas. Órfão de pai, conviveu com a crueza do seringal, primeiramente no lugar onde nasceu, rio Moa, a poucas horas de canoa de Cruzeiro do Sul; depois no paraná dos Mouras; em seguida no baixo Tarauacá para onde foi recambiado em companhia da mãe e do pai doente; e, afinal, no rio Iaco, Alto Purus, local de residência da nova família, onde sentiria mais forte a dor da ausência de seus pais legítimos. O tempo passava e se lhe afirmava cada vez mais um mundo de incertezas. Menino sem infância, viu e sentiu o drama da falta de escola, o isolamento do seringal, o desconforto da habitação precária e a incerteza de futuro. Martirizavam-no sobremodo as noites de "friagem", tpicas do mês de junho, ocasionando a morte de muitos ribeirinhos que, por morarem próximo ao rio onde a sensação térmica é mais baixa, não suportavam o frio. Morando distante, metido no mato e isolado da civilização, aos prantos, o menino quase chegou ao desespero.

---

(4) Cf. *Relatório do engenheiro Antonio Manoel Bueno de Andrade, prefeito interino do Alto Juruá, Cruzeiro do Sul, 1907.*

Muitas histórias de perigo se contavam na família. Histórias de disputas entre seringalistas, aviados, aviadores, arrendatários e herdeiros pela posse de seringais; de roubos, saques e cobrança de dívidas. E o menino escutava. Ouviu, por exemplo, que em 1902 os primos de sua mãe - major Basílio Gomes de Lyra, proprietário na vila Marechal Deodoro, e os tenentes Thimóteo Gomes, Theodorico Gomes de Faria e Ladislau Gomes Baptista - participaram da revolução acreana, sob o comando de Plácido de Castro; que em 1906 um outro parente seu pelo lado materno - delegado de Polícia major José Gomes Pinheiro - fora cruelmente assassinado a tiros de revólver por um perigoso latrocida, na foz do Muru, afluente do rio Tarauacá. Também soube do movimento armado pró-autonomia do Acre que, em 1º de junho de 1910, afastara o prefeito João Cordeiro, da cidade de Cruzeiro do Sul, formando-se novo governo, deposto em contralevante das forças legais, em 7 de setembro do mesmo ano; em 1912 a conspiração armada se repetiria em Sena Madureira, sendo soldados mortos, a cidade saqueada e a Prefeitura incendiada. E, finalmente, Pedro tomou conhecimento de que em 1914 seus primos, Maurício e João de Hollanda, lideraram luta armada no Alto Purus, que resultou num massacre para retomada da posse do seringal "Arapixi", herdado por morte do pai deles.

Contavam-se também muitos casos de assombração, estórias fantásticas, de visagens da mata, de seres sobrenaturais: *Mapinguarí*, *Matintapereira*, *Caboclinho-da-Mata* e *Batedor*: a criatura invisível. E o menino escutava...

Era muito difícil a vida no interior de um seringal. Durante o inverno, em que as árvores não eram cortadas por causa da introdução da água das chuvas no látex recolhido nas tigelinhas, os seringueiros recebiam do seringalista um *aviamento* em utilidades e raramente em dinheiro, obrigando-se a pagá-lo por ocasião da safra da borracha, ou seja, durante o verão, que se estendia de maio a dezembro. Tais mercadorias, importadas de Manaus ou de Belém, eram levadas da sede dos seringais para as barracas dos seringueiros, espalhadas pela

floresta, através dos *varadouros* tomados por vários barracões onde eram armazenadas as *pélas* (bolas) de borracha para exportação.

Os alimentos inclusos no pacote de *aviamento* geralmente chegavam ressequidos ou envelhecidos, em início de putrefação e impróprios para o consumo, devido aos longos percursos que efetuavam, mal acondicionados, abafados nos porões dos navios e em prolongadas estocagens em armazéns improvisados. É certo que, estando todos voltados para a produção da goma elástica, a agricultura de subsistência era objeto de proibição em muitos seringais: a ordem era não afastar os seringueiros da coleta do látex e vinculá-los à compra dos alimentos comercializados pelo barracão. Excessão dos seringais dos Hollanda e Gomes, onde, devido a seus ostentados traços de empresa familiar, havia uma “roça de subsistência” que amenizava um pouco o problema alimentar.

Nos seringais, os extratores cuidavam geralmente de duas ou três estradas, cada uma delas possuindo um determinado número de “madeiras” (pés de seringa), variável entre 80 e cerca de 200. A grande maioria das propriedades do Alto Juruá era constituída de estradas com apenas 80 “madeiras” ou um pouco mais.

Os seringais menos prósperos – caso da maioria dos da família originária de meu pai – conservavam o estilo primitivo: barracões de paxiúba, cobertos com palha ou cavaco. A casa de morada, armada de pau roliço e coberta de palha, cercada e assoalhada de paxiúba, sem janelas e somente com uma porta, continha em seu interior mesa e bancos de toras curtas de pau roliço, um pote de barro para colocar água de beber, fogão a lenha, panelas de barro, pratos, copos e colheres de alumínio, mosquiteiros e redes de dormir, pendurados pelos caibros, instrumentos de trabalho (chapéu-de-palha, faca ou machadinha, *poronga*, balde de zinco, facão e espingarda ou rifle), latas para guardar comestíveis e sacos para acondicionar roupas. Próximo à barraca do dono ficava o *tapiri* – local de defumação da borracha: cabana toda de palha, sobre o chão batido, com uma porta

na frente, sem janela, o teto em forma cônica com abertura para o escape da fumaça resultante do processo de preparação das *pélas*.

Para cumprir sua dura jornada diária, o seringueiro, vestindo roupa de pano grosso e calçando sapato preto de seringa, geralmente se punha de pé às duas horas da manhã, preparava o café, pisado a mão de pilão, tomava-o, com ou sem macaxeira, empunhava os instrumentos de trabalho e ganhava a mata para cortar as “madeiras”. Por volta das onze horas, terminado o “corte”, comia um pouco de farofa, no mato mesmo, e iniciava a colheita do látex. Às quatro da tarde iniciava o trabalho de defumação. Essa atividade toda terminava por volta das vinte horas. Aí, banhava-se e comia alguma coisa. Deitava-se lá pelas vinte e duas horas para se levantar às duas da manhã seguinte. Se adoecesse, o seringueiro sarava à custa de quinino ou beberagens do mato. Muitos deles faleciam acometidos de impaludismo, beribéri, tifo, pneumonia e picada de cobra.

Pedro, a despeito de não poder cumprir tarefas mais duras, devido à sua pouca idade, ajudava no que era possível: levando e trazendo recados, enchendo o pote d’água e conduzindo lenha da floresta, limpando e carregando as armas de fogo, migando os *moles* de tabaco para o preparo do cigarro dos adultos, esgotando a água do porão das canoas e auxiliando na calafetagem e conserto delas, amolando as facas e lavando os utensílios domésticos, colhendo ervas no mato e legumes na horta próxima. Demais, aprendendo cedo a atravessar o rio em canoa estreita, já acompanhava os mais velhos nas operações de caça e pesca. Tanto que aos poucos ia dominando o manejo da espingarda, do arpão e da tarrafa.

Atento ao perigo das feras hostis e do meio geográfico adverso, lutava por escapar das picadas de insetos, ferroadas de arraia e mordidas de cobra, compreendia e suportava as precárias condições da comunidade que habitava, assimilava enfim os costumes, lendas e tradições locais. O olhar triste que carregaria para o resto de sua vida denunciava o tempo passado no interior da floresta densa e misteriosa, testemunhando a violência dos homens e a fúria da natureza.

Para o precoce auxiliar de seringueiro, sem motivos para sorrir e sem hora para brincar, fizesse sol ou chuva, tudo era igual...

Mas, aquele também foi um tempo de aprendizado. Assistido por improvisados mestres, o menino aprendeu a assinar o nome, a ler e contar. Além desses ensinamentos escolares básicos, aprendeu a conhecer a natureza com os caboclos do seringal, com o pai adotivo e por experiência própria. Tanto que, no referente à exploração dos rios, formou conhecimentos sobre a imensa variedade de seus peixes, o mesmo acontecendo em relação aos tipos de animais silvestres, que aprendeu a distingui-los por seus assobios, urros, gemidos, cânticos e outras manifestações sonoras exclusivas do mundo amazônico.

Na exploração das espécies florestais, Pedro distinguiu os vegetais frondosos e rasteiros, as fibras, os cipós de utilização industrial, as frutas, as resinas, as plantas ornamentais, de uso medicinal ou de condimentação. No referente às madeiras de terra firme ou de várzea passou a conhecê-las através do cheiro, textura do lenho, colorido e formato da folhagem. Desde então, fez a distinção da serventia delas, se para a construção civil ou naval.

Pelo menos dos três aos doze anos de idade, Pedro Gomes da Silva viveu entre os seringueiros acreanos. Privilegiado assistente da lida diária de empregados e patrões, de aviados e comerciantes, ouviu e conheceu pessoas de toda origem e qualificação, o que lhe permitiu assimilar um bom conhecimento sobre o gênero humano e o traquejo para mais tarde tratar com indivíduos de qualquer classe social. Ali, no recôndito do seringal, nascia o trabalhador honrado e o profissional diligente. Depois, a reboque da crise da borracha e em companhia da família, dar-se-ia a sua mudança definitiva para o Estado do Amazonas. A partir de 1918, instalado em Itacoatiara, o menino se faria homem para constituir família numerosa e unida, estruturada no amor e na compreensão.



## Capítulo IV:

### PARENTES E ADERENTES

Os sobrenomes **Hollanda Franco** e **Gomes da Silva** são os principais componentes de identificação das famílias paterna e materna de Pedro Gomes da Silva – filho único do casal Gonçalo de Hollanda Franco e Maria Gomes da Silva.

*Os **Hollanda** (versão de Holanda) provêm do nobre teuto-holandês natural de Utrecht, filho de uma irmã do papa Adriano VI (1459-1523) - Arnau de Holanda (1515-1614), que veio para o Brasil em 1535 a convite do donatário Duarte Coelho (? -1554). Estabelecido em Pernambuco, casou-se em 1538 com Brites Mendes de Vasconcellos (1520-1620), formando uma família de abastados proprietários de engenhos de açúcar. O Ceará recebeu muitos elementos ativos desse clã, representados pelos bisnetos e trinetos de Arnau de Holanda, que chegaram às praias de Aracati e Cascavel no decênio inicial do século XVIII. Situados nas zonas sertanejas de Quixadá, Quixeramobim e Acaraú, ocuparam-se no criatório de gado vacum e, pouco mais tarde, instalados na serra de Baturité, introduziram a cultura do café. O principal deles foi o sargento-mór João de Holanda Vasconcelos que, casado com Antônia Camelo da Cunha, deixou grande descendência. Estão entre os mais destacados membros dessa família o cônego Joaquim Romualdo de Holanda (1844-1887) e o historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Vinicius Holanda de Barros Leal (nascido em Baturité aos 16.10.1922).*

***Franco** é o sobrenome de uma família de origem cearense, com ramificações em Minas Gerais, para onde passou Ataliba da Cayba Americano Franco (nascido em 1842), fazendeiro em Muritiba e casado com Amélia Pedreira da Fonseca. Entre os descendentes do casal, destaca-se o bisneto Itamar Augusto Cautiero Franco (nascido em Salvador: 1931), engenheiro, vereador, prefeito municipal de Juiz de Fora (1966/*

1972), senador da República (1974/1989), vice-presidente da República (1990/1992), presidente da República (1992/1994) e governador do Estado de Minas Gerais (1999/2003).

**Gomes** é uma denominação de família originariamente portuguesa, adotada em diversas partes do Brasil, desde os primeiros anos de seu povoamento. No Nordeste, registra-se o grupo familiar do coronel João Antônio Gomes, nascido em Portugal em 1749 e chegado em Pernambuco no início de 1770, onde se tornou comerciante e proprietário de engenhos. Casado com Caetana Maria de Deus Pires Ferreira (nascida no Recife em 1752), deixou numerosa descendência. No Acre, cabe mencionar o português José Gomes dos Santos, que descerrou o seringal Independência, no rio Purus, acima da foz do rio Acre, por volta de 1880.

**Silva**, sobrenome popularíssimo, de origem romana, foi transladado de Portugal para o Brasil nas primeiras décadas de 1600. Em Pernambuco, cabe registrar a família de Mathias da Silva (natural de Lisboa: 1658), que deixou geração do seu casamento, em 1683, com Madalena de Freitas (nascida no Recife em 1661). No Acre, há registro de Joaquim Victor da Silva e José Felipe da Silva, em 1882 estabelecidos, respectivamente nos seringais Bom Destino e Boa União.

A mais antiga família brasileira oriunda da junção dos sobrenomes **Gomes** e **Silva**, instalada no Rio de Janeiro, foi a do capitão de infantaria João Gomes da Silva (1584-1640), que deixou descendência do seu casamento em 1611 com Maria de Mariz (1589-1672), seguida da de Gaspar Gomes da Silva, de Taubaté, casado, por volta de 1765, com Ana Pontes da Fonseca, de Goiás. No Rio Grande do Norte, registra-se Francisco Gomes da Silva (1837-1880), formado em Paris, advogado notável e político militante, sete vezes deputado provincial e deputado à Assembléia Geral Legislativa, pelo Rio Grande do Norte (1869/1872 e 1877/1878). No Ceará foram destaques: o desembargador Luiz Gonzaga Gomes da Silva (1869-1928) e o cônego, professor e sócio efetivo do Instituto

*Histórico e Geográfico do Ceará e da Academia Cearense de Letras, Misael Gomes da Silva (1885-1984).*

A morte de um parente consegue realizar transformações significativas na vida de uma pessoa. Meu pai, assim que ficou órfão, foi agregado à família de seu tio e padrinho, Manoel Gomes da Silva. Este, que se conservara solteiro até aos 54 anos de idade, amasiara-se com uma mulher-dama do rio Iaco, Maria Isabel da Silva, que entre 1905 e 1912 deu à luz seis filhos: Raimundo, Pedro, Maria Carolina, Theodoro, Maria Senhora e Manoel Filho. Depois, em 1910, juntou-se com Ambrozina Ferreira da Silva, filha solteira de uma família do Alto Juruá, com quem conviveu por cerca de dois anos: ela morreria em Tarauacá no pós-parto de seu único filho, Paulo, em fevereiro de 1911. Manoel Gomes da Silva logo oficializaria nova união com uma das irmãs da falecida, de nome Maria de Nazaré Ferreira, que dele já tivera, um ano antes, a menina Otília, fruto de uma relação promíscua em ambiente propício à permissividade.

O tresloucado gesto de Manoel Gomes da Silva, escorado no espírito aventureiro do homem cearense, aguçado pelas tormentas sexuais na selva, repercutia como um fato comum no seringal, onde as mulheres se casavam aos quinze anos fazendo par com velhos solteirões ou recém-enviuados. Aliás, o mundo selvático do interior acreano ainda se identificava pela singularíssima situação de um contingente populacional masculino muito superior ao feminino, que estimulava a sociedade local a traficar mulheres. Muitas delas eram transformadas em objeto de negócio, constando até do pacote de mercadorias oferecidas por certos agenciadores ou regatões. Segundo o padre Constantino Tataviano, em 1913, nas regiões dos rios Juruá, Breu, Juruá-Mirim, paraná dos Mouras, Moa e Cruzeiro do Sul havia uma população de 14.157 pessoas: para 9.388 homens foram relacionadas tão-somente 1.739 mulheres, além de 3.030 crianças. Esse quadro reflete bem como se processou a ocupação do Acre.

Carentes da assistência afetiva e fisiológica das mulheres, os seringueiros que possuíam uma se julgavam uns sortudos. Nas

propriedades onde moravam duas ou mais delas havia a tentação de aventuras. De mais a mais, num mundo onde se desfilavam “levas de homens e não de famílias”, assiste razão a Araújo Lima: “a sociedade acreana se formou contrariando as leis da natureza, ao sabor da sorte - da má sorte”.(1)

Amadurecido, Manoel Gomes da Silva cansara da vida de aventureiro; queria uma companheira para legitimar família e não uma mulher em troca de algumas *pélas* de borracha. A oficialização da nova relação, além de reparar um erro brutal, sem dúvida honrava a memória de sua primeira mulher. A união com Maria de Nazaré Ferreira durou treze anos, daí nascendo mais cinco filhos: Alexandre, Raimundo, Cinira, Nair e José Gomes da Silva. Já em Itacoatiara – para onde se deslocou em 1918 - o casal se separaria em 1924, daí resultando a abrupta transferência de Maria de Nazaré para Santarém donde jamais deu notícias.

Aos 70 anos de idade, Manoel Gomes da Silva se casaria pela terceira vez, em setembro de 1926, com a menor de 17 anos Joaquina Gonçalves Cordovil, nascida em meados de 1910 no local do enlace (Itacoatiara). Dessa união adviriam três filhos: Floro Gomes da Silva, Raimunda Cordovil Gomes e Maria Cordovil Gomes.

Arrematemos que Pedro Gomes da Silva sempre foi tratado por seu pai assumido, parente civil, como se legítimo fosse, quanto por seus irmãos adotivos, que o tinham como líder incontestado do grupo. Interessa, portanto, senão aprofundarmos o histórico da genealogia de meu pai, pelo menos fazermos uma dissertação das suas relações de consangüinidade e afinidade.

Há parentes dele em várias partes do país, sendo que em maior número no Estado do Amazonas e no do Acre. Excluídas aquelas figuras de seu grupo familiar mais restrito, formado pelo casamento e por laços biológicos de consangüinidade (esposa, filhos, netos, bisne-

(1) Cf. esse autor, citado por Glimeses Rego Barros, in *Nos confins do extremo oeste*, volume I, Rio de Janeiro, 1993.

tos, trinetos), relacionaremos abaixo as mais representativas do seu parentesco consanguíneo (irmãos) e por afinidade (sogros, cunhados, sobrinhos, etc.).

Raimundo Gomes da Silva, filho de Manoel Gomes da Silva e Maria Isabel da Silva, nasceu no seringal “Boa Esperança”, rio Iaco, Alto Purus, provavelmente em 1905, e faleceu em Porto Velho em data ignorada (os próximos cinco nomes, igualmente filhos de Manoel e Maria Isabel, nasceram no mesmo seringal acima e também deixaram descendência no Acre).

Pedro Gomes da Silva, nasceu em cerca de 1907. Esse homônimo de meu pai respondia pelo apelido de “Pedro Arara”, porque trabalhou no seringal “Arara”, localizado no rio Iaco, Alto Purus, onde faleceu em cerca de 1961.

Maria Carolina Gomes da Silva, nasceu nos idos de 1908 e faleceu em Sena Madureira em meados de 1967.

Theodoro Gomes da Silva, nasceu em 30 de janeiro de 1909 e faleceu em Sena Madureira, provavelmente em 1984.

Maria Senhora Gomes da Silva, carinhosamente chamada de “Senhorinha”, é de 1910 e faleceu em Sena Madureira em 1951.

Manoel Gomes da Silva Filho, vulgo “Neco”, nasceu em 1912 e faleceu em Sena Madureira nos idos de 1943.

Otília Gomes da Silva, filha de Manoel Gomes da Silva e Maria de Nazaré Ferreira, nasceu no rio Juruá em 24 de janeiro de 1910 e faleceu de morte natural em Itacoatiara aos 06 de novembro de 1994. Toda a vida trabalhou na agricultura em uma propriedade às margens do rio Urubu. De seu primeiro casamento com Martinho Moreira de Souza, realizado em 29 de junho de 1933, ficaram duas filhas, 25 netos, 49 bisnetos e 30 trinetos; e do segundo, com Valdemar Correia de Souza, que aconteceu em 15 de abril de 1942, resultaram 08 filhos (03 mulheres e 05 homens), 45 netos e 36 bisnetos. Martinho Moreira nasceu no Ceará em 1912 e faleceu, de impaludismo, no rio Urubu, aos 16 de outubro de 1935. Valdemar,

também cearense e primo de Martinho, nasceu em 08 de julho de 1919 e faleceu de infarto em Itacoatiara a 10 de novembro de 1987.

Paulo Gomes da Silva, filho de Manoel Gomes da Silva e Ambrozina Ferreira da Silva, nasceu no seringal “Palmeira”, rio Tarauacá, aos 04 de fevereiro de 1911 e faleceu em Manaus aos 17 de janeiro de 1993. Casou-se, em 1938, com Clara Fernandes, filha de Manoel de Assis e Izabel Fernandes de Assis, professora distrital e originária da Paraíba, onde nasceu a 11 de julho de 1913, falecendo em Manaus aos 10 de novembro de 1990. Dessa união nasceram 07 filhos, 14 netos e 15 bisnetos. Paulo, também conhecido por Paulino Gomes, foi fiscal geral da Prefeitura, administrador do Matadouro e do Mercado Central, vereador (1960/1963) e prefeito municipal de Itacoatiara (1963/1964). Ele e a esposa estão sepultados no cemitério público desta cidade.

Alexandre, Raimundo e Cinira Gomes da Silva, filhos de Manoel Gomes da Silva e Maria de Nazaré Ferreira, igualmente nasceram na zona rural de Tarauacá, o primeiro em 1912, o segundo em 1914 e a terceira em 1916, e faleceram na cidade de Itacoatiara respectivamente em 1922, 1933 e 1921, sendo que a última acometida de sarampo.

Nair Gomes da Silva, filha de Manoel Gomes da Silva e Maria de Nazaré Ferreira, como seus subseqüentes irmãos, é procedente de Itacoatiara, onde nasceu em 27 de janeiro de 1919 e se casou em 19 de março de 1937 com o judeu itacoatiarense Arthur Arévalo Benaion, de pai paraense e mãe peruana, alfaiate e servidor do Banco da Amazônia (nascido em 05 de dezembro de 1913 e falecido em Manaus em 27 de dezembro de 1990). Transferindo-se para Manaus, em 1948, o casal Nair/Arthur Benaion teve 14 filhos (07 homens e 07 mulheres), os 05 primeiros nascidos em Itacoatiara; 39 netos e 13 bisnetos. Ainda hoje, aos 87 anos de idade, gozando boa saúde e sempre descontraída, Nair é festejada por todos os seus.

José Gomes da Silva, filho de Manoel Gomes da Silva e Maria de Nazaré Ferreira, nasceu no dia 27 de setembro de 1922. Na

meninice, trabalhou na área rural. Rapazola, saiu de Itacoatiara e foi arriscar a vida em Manaus, onde morou desde os 17 anos de idade. Lá iniciou como trabalhador avulso, em 1939, até ser admitido como garçon no Iara Bar, ao lado da antiga Drogaria Fink. Em meados de 1958 passou a servir no famoso Bar “Avenida” da avenida Eduardo Ribeiro e, contratado em 15 de março de 1968, no Restaurante de A. Neves & Cia. Ltda., sito à rua Comendador Clementino, por onde se aposentou em 22 de outubro de 1971. Casado com Nazaré Medina da Silva (nascida no Careiro em 27 de dezembro de 1917 e falecida em Manaus a 08 de fevereiro de 1991), o casal jamais teve filhos, fato que o levou a adotar uma menina, depois adulta, casada e mãe de família. Desde seu casamento, em 1950, José Gomes da Silva e sua família moraram sempre na casa nº 255 da rua Inocêncio de Araújo, no bairro de Educandos. Ele faleceu em Manaus, acometido de um abscesso hepático, em 31 de maio de 1972.

Floro Gomes da Silva, filho de Manoel Gomes da Silva e Joaquina Gonçalves Cordovil, nasceu no dia 16 de agosto de 1927. Ainda garoto, após a morte de seu pai, em 1935, perambulou pela casa de seu irmão Pedro. Quando rapazola, em 1943, ocupado como vaqueiro na Fazenda “Ventura”, sob o comando de Maximino de Araújo Costa, Floro caiu do cavalo e quebrou uma de suas pernas, tendo que ir se restabelecer no lugar “Centenário”, sob os cuidados de sua avó, Joana Gonçalves Cordovil. Algum tempo depois passou a morar com seu irmão Paulino (defronte à casa de Pedro, na Avenida 15 de Novembro) e, em seguida, na de sua irmã Nair (na atual Conselheiro Rui Barbosa). Desportista, sob o incentivo do amigo João Alves da Silva, em 1949 estreou pelo Amazonense Futebol Clube, da Costa da Conceição, onde, desde lá, ficou morando. Em 20 de setembro de 1951 contraiu núpcias com Zelinda Ferreira da Cruz, filha da localidade, nascida em 1º de janeiro de 1926, sendo que o enlace teve por testemunha o casal Teodorico e Adalgiza de Almeida Nunes (ele, prefeito eleito em 16 de novembro de 1951, empossado em 12 de janeiro de 1952 e cassado pela Câmara Municipal de Itacoatiara em 08 de julho de 1955). Desde então (e lá se foram 54

anos!), Floro Gomes da Silva vive na Costa da Conceição, curtindo a terceira idade, ladeado pela esposa, 02 filhos e 06 netos.

Raimunda Cordovil Gomes, filha de Manoel Gomes da Silva e Joaquina Gonçalves Cordovil, nasceu em 24 de março de 1932. Aos 03 anos de idade, órfã de pai e mãe, passou a morar em casa de sua avó materna, juntamente com as irmãs Nair e Maria, esta caçula de um ano e poucos meses (a mais velha delas, Otília, havia se retirado com o marido para o rio Urubu). Desde 1937 a menina Raimunda esteve sob a proteção de Nair Gomes Benaion, irmã recém-casada que, no início de 1948, acompanhou-a em viagem de mudança para Manaus. Nessa cidade, em 03 de fevereiro de 1951, Raimunda casou-se com o carpinteiro José Maria da Silva, natural de Santarém, onde nasceu em 12 de dezembro de 1930. Em 1962 o casal foi tentar a vida em Boa Vista, onde José Maria trabalhou como construtor naval e garimpeiro, vindo a falecer em 19 de julho de 1992. Mãe de 05 filhos, avó de 09 netos e bisavó de um bisneto, Raimunda Cordovil Gomes foi aposentada pelo Território Federal de Roraima, como monitora de trabalhos manuais (corte, costura e bordado).

Maria Cordovil Gomes, última filha de Manoel Gomes da Silva e Joaquina Gonçalves Cordovil, nasceu em meados de 1934 e teve morte prematura em maio de 1938.

Por outro lado, em se tratando do núcleo familiar de minha mãe, inclusos os parentes de sobrenome **Arruda**, pelo lado paterno, e **Ferreira**, pelo lado materno, devemos considerar o seguinte:

*A primeira família Arruda que passou ao Brasil, foi a do português Francisco Vieira Arruda, desembarcada no Rio de Janeiro em 1779, seguida da de João Luiz Arruda, que veio em 1787. No Ceará há uma antiga família com esse sobrenome, originária da Ilha dos Açores, que teve princípio no capitão Amaro José Arruda (1779-1832). Um de seus descendentes, Miguel Arcanjo de Arruda (1849-1923), deixou Santo Antonio do Aracati, município de Sobral, em julho de 1891, para se estabelecer em Baturité. A partir daí, a vasta descendência de*

seu casamento com *Maria do Livramento Bezerra de Vasconcelos Arruda (1856-1932)* se espalharia por todo o Nordeste brasileiro.

Há registros dos remanescentes de **Arruda** em terras acreanas, e é certo que diversos membros dessa família trabalharam no rio Jordão, Alto Juruá. O pai de minha mãe, *Inácio José de Arruda*, procedente de Campina Grande, na Paraíba, chegou ao Amazonas no início do século XX e, após curta passagem pelo Acre, foi estabelecido no município de Itacoatiara, abaixo do paraná da Eva, onde se empregou. Veio provavelmente embarcado no vapor nacional Alagoas, ou no Maranhão, entrados no porto de Manaus nos dias 15 e 22 de dezembro de 1903. À época estavam em curso os serviços de medição e demarcação das terras da Colônia Pedro Borges, em São José do Amatary. O Amazonas estava sob o governo de *Silvério Nery*, que mandou incentivar a agricultura e instalar ali um moinho para industrialização de farinha de mandioca. A colônia agrícola rivalizava com as de Campos Sales, próxima de Manaus, e 13 de Maio, no Careiro, igualmente criadas para receber imigrantes, acossados pelas secas nordestinas.

Em seguida à família **Arruda**, os **Ferreira** saíram do Rio Grande do Norte com destino ao Amazonas, transportados pelo vapor Itaquí, sob o comando de *Reginald Templar*. A chegada ao porto de Manaus ocorreu em 05 de julho de 1904: os passageiros eram 153 retirantes, 89 crianças e 10 marinheiros nacionais. Ainda no início da viagem, o chefe do clã, *Antonio Ferreira*, marcado pela tragédia, morreria em um acidente de bordo, no serviço de embarque de sal; seis anos antes seus filhos gêmeos, os caçulas *Cosme e Damião*, haviam falecido no sertão de Mossoró, acometidos de sarampo.

Os remanescentes da família, a viúva *Francisca* e suas três filhas menores, respectivamente de 16, 14 e 12 anos: *Maria Francisca* (sogra de meu pai), *Josefina* e *Antonia Ferreira*, assim que deixaram Manaus também foram se estabelecer em terras situadas abaixo do paraná da Eva.

À época, no município de Itacoatiara havia posses ocupadas desde a Costa da Conceição ao paraná da Eva, passando pelas ilhas do Soriano, Beija-flor, Lira e Cirilo, e as comunidades São José do Amatary, Pirapitinga, Apipica, Castelo, São Pantaleão, Quirimiri, Curupira, boca do Madeira, Lago do Soares, Ambrósio Aires e Murutinga.(2) Transportados em navios do Lloyd Brasileiro e se fazendo acompanhar de suas esposas, filhos, genros e noras, os imigrantes desembarcavam inicialmente em Manaus, onde ficavam por alguns meses, sob custódia do Serviço de Imigração e daí eram distribuídos em “gaiolas” para propriedades situadas ao longo do rio Amazonas e de seus afluentes e subafluentes, lagos e igarapés, e ocupados no cultivo de cana-de-açúcar, tabaco e arroz, na produção de farinha e açúcar moreno, no criatório de gado, na pesca e salga de peixes, na abertura de campo e plantio de capim, além da exploração de castanha, seringa, sorva, pau-rosa e madeiras de lei.

Nos anos seguintes seriam fundadas as fazendas “Santo Antonio” e “Iracema”, chapadões de terra firme à margem do rio Amazonas, entre Costa da Conceição e São José do Amatary, sob o comando respectivamente dos empreiteiros e depois proprietários Alberto Lima e Francisco Olympio de Oliveira. Antes, ao abrigo da capangagem, l morreram muitos trabalhadores de campo que, além de suportar fome e conviver com péssimas condições de trabalho, eram torturados com açoites de *muxinga*.(3)

Maria Francisca, na intimidade familiar alcunhada de “Vovó Maróca”, conheceu Incio José de Arruda (sogra de meu pai) e com ele se casou em 1905: dessa união nasceram José Incio (cunhado de

(2) Meio século depois, pela Lei estadual n 96, de 1 de dezembro de 1955, que criou os municípios de Autazes e Nova Olinda do Norte, Itacoatiara perderia os distritos de Ambrósio Aires e Murutinga, para o primeiro, e o subdistrito de Curupira, para o segundo.

(3) *Muxinga*: chicote de fitas de couro de peixe-boi curtido. Várias delas, trançadas e amarradas  ponta, resultam num poderoso instrumento perfurocortante.

meu pai), em 30 de abril de 1907, e minha mãe Olívia Maria de Arruda, em 13 de novembro de 1913. Em julho desse ano, estando “Vovó Maróca” ainda grávida de Olívia, a família se transferiu para a Colônia “13 de Maio”, célula embrionária do município de Careiro da Várzea, onde viveu e trabalhou durante quatro anos.

Desde 1899 para lá emigraram centenas de outros retirantes, tendo que enfrentar o problema das cheias; corridos das secas, logo se adaptariam aos terrenos de várzea, característicos da região. Inicialmente foram custeados pelo governo, aquinhoados com lotes de terras ao longo do paraná do Cambixe, mas depois ficaram entregues à própria sorte. Os que não debandaram ou se negaram de retornar às suas origens se dedicaram à pesca, aos roçados de mandioca e aos serviços de ordenha e transporte de gado da várzea para a terra firme e vice-versa.

Deixando de acompanhar a família do genro ao Careiro, minha bisavó, Francisca Ferreira, optou por morar em Itacoatiara, para onde se transferiu em 1913 e lá permaneceu viúva até à morte, ocorrida em cerca de 1925. Junto com ela vieram as filhas Josefina e Antonia. A primeira se casou com o cearense Pedro Baturité e não teve filhos; Antonia se uniu a outro cearense, José Oliveira, e daí nasceram José Amorino, Creuza e Francisca.

Por outro lado, o falecimento em razão da febre amarela, em meados de 1917, de meu avô materno Inácio José de Arruda, sepultado em um cemitério localizado em terreno elevado do paraná do Cambixe, motivou a que “Vovó Maróca” e seus dois filhos se mudassem em definitivo para Itacoatiara. Minha mãe, Olívia Maria de Arruda contava então com 04 anos de idade.

Quanto à minha avó materna, no ano seguinte ela contrairia um segundo casamento com o imigrante João Ferreira da Costa: desse relacionamento resultariam duas meninas natimortas (de 1919 e 1921) e o menino Edgard Ferreira da Costa (outro cunhado de meu pai), nascido aos 20 de junho de 1923. João Ferreira da Costa abandonou a família em meados de 1927, passou de Itacoatiara para Urucurituba e

daí se transferiu para sua terra natal, Fortaleza. “Vovó Maróca” e seus filhos ficaram em casa de Pedro Baturité até o casamento de Olívia Maria, em 1932, e daí se transfeririam para uma barraca vizinha à de meus pais.

Quanto a meu tio Edgard, feito homem, adotou a profissão de mecânico (serralheiro) e se casou em 23 de setembro de 1944 com Jaci de Oliveira Freitas (nascida em Itacoatiara aos 04 de agosto de 1925), que lhe deu 10 filhos, 12 netos e 10 bisnetos. Edgard Ferreira da Costa faleceu em Manaus aos 07 de novembro de 1982, vitimado por um acidente de trânsito.

Finalmente, o primogênito da família, titio José Inácio de Arruda, fez-se carpinteiro e se casou em Manaus aos 07 de janeiro de 1961 com a viúva de seu primo José Amorino de Oliveira - Augusta Monteiro de Souza. Natural de Itacoatiara onde nasceu em 15 de agosto de 1927, ela faleceu em Manaus, acometida de hepatopatia, em 30 de janeiro de 1988. No ato de seu casamento, sacramentando uma união de fato nascida nos idos de 1948, foram legitimados 06 filhos, que lhes deram 25 netos e 32 bisnetos. José Inácio de Arruda faleceu em Manaus aos 08 de fevereiro de 1963, tendo por *causa-mortis* pneumonia.

## Capítulo V:

### A TRAVESSIA

Graças à exportação da borracha *in natura*, o Acre conheceu um período de grande prosperidade, até 1913, quando teve início o declínio desse produto nos mercados norte-americano e europeu. A crise foi agravada com a eclosão da primeira guerra mundial (1914/1918), que desmantelou em definitivo a economia amazônica: os seringais foram esvaziados, as casas aviadoras faliram e os seringueiros se descapitalizaram, vendo seus créditos cortados e suas propriedades em liquidações.

A derrocada final se faria sentir nas sedes dos departamentos, cujas prefeituras estavam impossibilitadas de combater os flagelos da fome e da miséria, devido a que as verbas do governo federal, comprometidas com a região, decresciam de ano para ano. Ainda houve o complicador da enchente anormal que o inverno de 1915 trouxe às cidades com o transbordamento dos rios, deixando um rastro de verdadeira calamidade, durante meses. Para desespero geral, a alagação se repetiu, em 1918, destroçando a pequena lavoura e exterminando a criação das classes pobres. Os desabrigados urbanos e os retirantes dos seringais procuravam os poderes públicos na esperança de obter passagens para os seus estados de origem. Diariamente aumentava o número de pedintes.

Em relação ao Departamento do Alto Purus, onde moravam os pais adotivos de Pedro Gomes da Silva, os marcantes acontecimentos tiveram maiores conseqüências com a retirada, entre 1917 e 1918, de todas as repartições federais de Sena Madureira. Nos altos rios Iaco e Purus o impaludismo atacou com intensidade, forçando grande quantidade de doentes a abandonar os centros em busca de recursos médicos. No final de 1918, a exemplo de milhares de outras famílias, a de Manoel Gomes da Silva deixaria a cidade, a caminho do Amazonas. Os que ficaram no Acre permaneceram na mais lamentável penúria. Muitos morreram abatidos pela moléstia e pela miséria.

Transportados na terceira classe, que ficava na parte inferior dos “gaiolas”, quase ao nível das águas, num salão amplo e sujo, onde os passageiros se acotovelavam, com suas redes e teréns, em promiscuidade com os animais transportados, os retirantes entravam como anônimos no porto de Manaus e se viravam de qualquer jeito.

Manoel Gomes da Silva vinha acompanhado de sua esposa, Maria de Nazaré, filhos Pedro, Oflia, Paulo, Alexandre, Raimundo e Cinira, menores respectivamente de 12, 08, 07, 06, 04 e 02 anos de idade, de seu irmão Raimundo Gomes da Silva e cunhada Francisca (tia *Chiquinha*) Gomes da Silva.(1)

Remarquemos que Manoel Gomes da Silva nasceu no Ceará em 1856, emigrou para o Amazonas em 1880 e se tornou proprietário de um seringal no Alto Purus. Acumulou riqueza e prestígio nos setores de produção e comércio da borracha, e em algum momento do final do século XIX manteve negócios em Manaus. Com residência fixa em Sena Madureira, a partir de 1904, viajou por todos os quadrantes do Acre, fazendo-se presente até no Alto Juruá, onde constituiu família. Precursor, como outros familiares seus, da jornada migratória do Acre, militou na política, participou de várias associações beneficentes ou representativas de seu ramo de trabalho e, por diversas vezes, atuou como membro do júri, inclusive ao lado do famoso causídico Antonio Pinto do Areal Souto. Aos 62 anos de idade, ainda que emocionalmente abatido em razão da quebra de seus negócios, o corajoso cearense-acreano chega a Manaus e logo se transfere para Itacoatiara, disposto a recomeçar.

À frente dos seus, a filha caçula agarrada ao colo da mãe, e de alguns carregadores com bagagens à cabeça, desembarcou, subiu o barranco nu e se introduziu no Mercado Público, implantado no

---

(1) Para acompanhar Manoel, Raimundo e *Chiquinha* Gomes da Silva se desfizeram do seringal “Cecy”, às margens do rio Muru, que vinham explorando desde 1884: lá o casal ganhara dois filhos (Pedro, nascido em 08.11.1908, e Laura, em 16.07.1912), falecidos e sepultados no interior de Tarauacá.

*Barro Alto*, de frente para o Amazonas, abastecido de peixe fresco, carne de caça salgada e, espalhados pelo chão, muitos quelônios vivos de vários tamanhos. A tartaruga grande custava cinco mil réis, sendo o quarto vendido a setecentos réis o quilo, o peito a mil réis, o casco a mil e quinhentos réis e a dúzia de ovos a mil réis.

Seguindo o curso do rio, a rua principal de Itacoatiara abrigava os prédios do português Óscar Ramos, construção alemã e outrora um entreposto da Madeira-Marmore, e do espanhol Aquilino Barros, de parede azulejada, obra italiana em estilo neoclássico com material importado de Portugal - únicos a se destacar dentre os demais de madeira e taipa. Mais abaixo, no centro de uma larga e mal cuidada praça, postava-se a igreja matriz, consagrada a Nossa Senhora do Rosário, ainda guardando o aspecto colonial, e parte dela estava em ruínas. O vigário, nervoso e birrento, era o português Joaquim Pereira. Nas laterais do imenso logradouro público estavam: o comércio de Reinaldo de Albuquerque, o sobrado de dona Iaiá Palmério, a Tabacaria Stone, o armazém *Canto das Novidades*, à esquerda; a casa comercial dos Ezagui, as sedes das repartições municipais, a estação telegráfica e a agência do Lloyd Brasileiro, à direita; e a escola mista, a cadeia pública e um largo terreno baldio, aos fundos.

A cidade possuía uma grande colônia de portugueses, judeus e árabes; era destituída de ruas pavimentadas, a maioria simples caminhos cobertos de capim; não possuía água encanada e a iluminação pública constava de alguns lampiões a querosene. Mais para dentro, seu aspecto era dolorosamente paupérrimo, lembrando coisas estacionadas no tempo. A queda da borracha atingira fortemente a antiga Serpa. Demais, à imposição da guerra que se processava nos campos da Europa, o povo itacoatiarense se ressentia das mercadorias trazidas pelos navios do sul. Salvante a exportação de outros produtos colhidos na selva e no rio (castanha, sorva, cacau, cumaru, óleos, resina, couros de onça e caititu, pirarucu e jacaré), o comércio local sobrevivia com dificuldades.

A assistência à saúde se resumia à Farmácia *Cruz Vermelha Brasileira*, de manipulados, dirigida pelo odontólogo e bioquímico maranhense Jáder Colaço Veras, onde davam consultas pagas os médicos Jerônimo Ribeiro da Costa e F. Ibyapina, e a educação - ressalvada a Escola Minerva, há dois anos criada pelo secretário da Intendência, Vicente Geraldo de Mendonça Lima, subvencionada pelo município e dirigida pela professora Joaquina Lindoso - era representada pela escola pública, depois grupo escolar "Venceslau Brás", a cargo do professor Aureliano Paes de Andrade, e duas outras mistas distritais, instaladas na periferia.

O município, cuja receita anual fora orçada em oitenta e quatro contos e quinhentos mil réis, no momento estava sendo governado pelo superintendente João da Paz Serudo Martins. E o Conselho Municipal, integrado por sete intendentes, era presidido por Joaquim Pereira Barroncas Júnior. A área urbana de Itacoatiara, no sentido sul/norte, ia do litoral à rua Eduardo Ribeiro; e no sentido leste/oeste, da rua Ocidental do Jauary à avenida 15 de Novembro. A zona suburbana compreendia os bairros Jauary e Colônia.

Manoel Gomes da Silva conduziu sua família a uma pensão das cercanias do centro histórico. Dias depois foi morar na boca do igarapé do João Manoel, limítrofe ao lago de Serpa, passando em definitivo à beira do Amazonas, próximo ao igarapé de Serpa e abaixo da propriedade da *velha* Izabel, entre o bairro da Colônia e a fazenda *Guajará*.

A região, que incluía o lago, os lugares *Guajará*, *Ventura* e *Venturinha*, movimentava regular comércio e agricultura, era rico em madeiras e fora distrito da antiga vila de Serpa. Os Gomes da Silva tomaram conhecimento de que no período pós-provincial a mão-de-obra fora empregada nos seringais dos irmãos Antonio e Aniceto Abreu, na extração de lenha para uso da serraria e olaria da Colônia *Itacoatiara*, na colheita de castanha, no plantio de mandioca, café, milho, feijão, arroz e frutíferas e na fabricação de farinha. Entre o final do século XIX e o começo do XX, a lenha colhida nas matas

vizinhas era vendida à serraria do industrial Aquilino Barros e aos navios de roda a popa que, em demanda do Solimões e altos rios acreanos, tocavam o porto de Itacoatiara. À época, sobressaíram-se como proprietários na região: coronel Raymundo Gomes de Freitas (citado entre os ascendentes de meu pai), José Felipe de Lima, Aquilino Barros (fazenda do *Guajará*), Enos Alves Lobão Veras (fazenda *Ventura*) e Pedro Rattes Antonio de Lisboa (fazenda *São Pedro*, depois popularizada como *Rattes*).

À chegada da família Gomes da Silva, a comunicação entre lago de Serpa e cidade ainda exigia muito esforço de seus moradores. Em condições normais a produção agrícola era transportada em canoas. Durante a cheia os moradores atalhavam pelo furo do Meriti, abaixo do *Guajará*, e iam dar no campo da fazenda *Rattes*. Na vazante, varavam “por cima de paus e pedras”, transpondo com dificuldades o igarapé de Serpa até sair no rio Amazonas, por meio do qual chegavam ao porto do Mercado Público. Os comerciantes portugueses, Hilário José Antunes, José *Casquinho* e José Oliveira, e espanhol Marcelino eram grandes adquirentes dos produtos oriundos de lá. Já a borracha e o sernambí, coletados nos seringais de Joaquim Alves de Lima Verde e Francisco Peixoto, eram preferencialmente vendidos para Óscar Ramos & Cia., rivais de J. Adonias & Cia. e Isaac Pérez & Cia., todos empórios de representação e de comércio importador e exportador.

Alguns anos depois, o adolescente Pedro Gomes da Silva, na condição de filho mais velho, teve que assumir perante a família maiores responsabilidades. Enquanto seu pai se deslocava pelo interior, embarcado em um batelão, no serviço de extração de balata e sorva no rio Anibá, de pau-rosa no alto Jatapu e, depois, no de regatão pelos Autazes e Madeira, o rapagão acreano se esbaldava para cumprir as tarefas do cotidiano e suprir as necessidades de casa: pescar e cuidar da roça; auxiliar os tios e a mãe adotiva na farinha; cortar lenha e tirar madeira na mata próxima.

Ainda sem tino para compreender os processos conflituosos

próprios de sua idade, assimilava-os naturalmente e, a seu modo, persistia nos esforços de auto-afirmação. Assim, procurou sair do enclausuramento que lhe impunham o meio e o tempo, fazendo-se amigo de outros rapazes das proximidades, entre eles *Doca Rattes*, Raimundo Sabino e os irmãos *Zeca* e João Severino.

Aos domingos e dias santos de guarda, quando não acompanhava os seus colegas nas peladas do improvisado campo do lago ou nas brincadeiras de pular n'água do igarapé da fazenda *Rattes*, ia aos jogos do campeonato da Liga de Desportos, no campo sem cerca da praça 13 de Maio, local onde hoje se ergue a Catedral da cidade. Havia forte disputa entre as equipes do Sport Club Itacoatiara, Aliança Futebol Clube, Ypiranga Futebol Clube e Club Luzo-Brasileiro, esta agremiação da colônia portuguesa. Empolgavam-no sobretudo os encontros entre Coloniense e Grêmio 1º de Janeiro, o primeiro integrado pela rapaziada do bairro da Colônia e o segundo por jovens do centro, que invariavelmente descambavam para as discussões e pancadarias.

Freqüentador das festas do Bosque Municipal, onde até 1920 se comemorou Nossa Senhora de Nazaré, evento desde lá proibido pelo bispo diocesano de Manaus, dom João Irineu Joffily - "por se realizar fora do recinto da igreja matriz" - Pedro também era assíduo nas sessões de regatas do lago Jauary e nas corridas de cavalo ao longo da atual avenida 7 de Setembro. Comparecendo outrossim aos arraiais pós-novenários da padroeira da cidade, sob os acordes da Banda "5 de Setembro", comandada pelo popular músico Raymundo Nelson Bagre, encantava-se com os jogos e leilões que lá ocorriam.

Na humildade que os distinguiu, Pedro e seus amigos agiam motivados pelo meio que freqüentavam ou em que viviam, assumtavam em razão da sua própria faixa etária e se entregavam às distrações que o momento explicava. O pragmatismo os orientava a agir de forma madura, responsável, espelhando-se nos exemplos dos mais velhos, e assim só se lançavam às aventuras naturais da idade quando possível e conveniente. Os imutáveis princípios de conduta do

interior puniam severamente os atos falhos, daí que os rapazes da beira do Amazonas, além do bairro da Colônia, teriam que obedecer aos padrões cotidianos do ramerrão local.



## Capítulo VI:

### MOCIDADE VIRIL

Em 1926 o mais poderoso comércio de Itacoatiara pertencia a Casa Moisés, fundada em 1890 por imigrantes judeus, que mantinha ligação permanente com o interior através das lanchas “Marcos”, “Moisés”, “Firmeza” e “Morena”. A cidade somava cerca de 6.000 habitantes e voltara a ser um centro de feições animadas pelo movimento comercial, embora no aspecto urbano ainda deixasse muito a desejar. A coleta d’água para o consumo público continuava um desastre. Enquanto os pobres adotavam o velho sistema da “lata d’água na cabeça”, os mais abastados compravam o precioso líquido de pipas que o levavam diretamente aos seus domicílios.

O perímetro urbano havia sido ampliado até a rua Nossa Senhora do Rosário e o casario da Colônia começava a se espalhar por detrás do Cemitério. O lugar do cacau, seringal e casa de comércio do empresário Pedro Aguiar, próximo da propriedade de Manoel Gomes da Silva, desde 1922 passara a ser identificado por “Centenário”, uma referência aos cem anos da Independência do Brasil, comemorados no dia 07 de setembro daquele ano. A denominação se popularizou e foi estendida a toda a área. No local atracavam, regularmente, navios de até médio porte para desembarcar mercadorias constituídas de estivas, secos e molhados, receber lenha e produtos de extração regional arrecadados entre os aviados de Pedro Aguiar, um homem influente e comunicativo que em 1929 patrocinaria a primeira sala fixa de cinema mudo da cidade.

Manoel Gomes da Silva ficou abalado com a morte de sua cunhada Chiquinha, em 1923, e a de seu irmão Raimundo Gomes da Silva, em 1925. Ainda, incomodado pela concorrência dos camelôs sírio-libaneses, recém-chegados à região, Abdou Raman Hauache, Abdou e Antar Razac, Bady e Mamed Bacry, que negociavam do Igarapé Boca do Padre até a boca de baixo do paraná da Eva - montados em canoas movidas a faia, conduzindo imensos baús com

bugigangas, anunciados à freguesia pelo instrumento sonoro denominado “tec-tec” - resolveu dar uma parada nos serviços de regatão; desfez-se de seu batelão-sede de comércio flutuante e passou a se dedicar mais à mercearia, que desenvolveu. Paralelo a isso, ampliou os serviços de tiragem e venda de lenha, concorrendo fortemente com Pedro Aguiar: ambos vendendo o produto para serrarias da cidade, navios que ali aportavam e, a partir de 1928, para a usina de força e luz municipal.

Os portos de lenha de Manoel Gomes da Silva e Pedro Aguiar funcionaram a pleno vapor até meados de 1933 e, a partir daí, seus novos proprietários *Joca Ferreira* e *Ozéias de Tal* os conduziram até cerca de 1954, embora a cada dia decrescessem os seus elevados ganhos do passado.

Em fins de 1926 o pai de Pedro se juntara com uma terceira mulher, Joaquina Gonçalves Cordovil, em face de dois anos antes haver rompido com Maria de Nazaré. Mais velho que esta pelo menos trinta e cinco anos, Manoel Gomes da Silva morria de ciúmes dela. Esse sentimento de desconfiança, que resultara em repetidas discussões, respondeu pela separação definitiva do casal: antes de viajar para Santarém, Nazaré ainda moraria alguns meses na fazenda de seu compadre Aquilino Barros.

Periodicamente, a família ia se hospedar em uma casa que alugara na cidade, instalada no final do caminho onde desembocava a avenida 15 de Novembro, junto ao igapó *da Pedreira* (assim conhecido pela proximidade da pedreira do delegado de Polícia Pedro Fernandes de Assis). O imóvel, de madeira e palha, vizinho à residência de Maria Francisca Ferreira, futura sogra de meu pai, servia aos descansos de fins de semana e feriados de Manoel Gomes da Silva. Já sua nova esposa e as crianças utilizavam-no como suporte para consultas médicas e assistência farmacêutica, buscadas na cidade, quando necessário. Sabia-se que o lugar “Centenário” disponibilizava apenas os recursos da medicina caseira, centrada na aplicação dos chás de ervas e cascas de pau, dos unguentos e,

acessoriamente, da benzedura. Muito popularizada, a curandeirice servia para curar quebrantos, erisipela e mau olhado, e a ela também os Gomes da Silva recorriam.

A comunicação fluvial entre essa casa de Itacoatiara e o “Centenário” era feita sem atropelos pelo igarapé da fazenda *Rattes* que ligava o Amazonas ao igapó da *Pedreira* e aningal da fazenda *Ventura*, por onde circulavam os batelões carregados de boi para abate no Matadouro Público, sobretudo durante a época da cheia.

Feito adulto, Pedro Gomes da Silva se transformou no principal sustentáculo de sua família. Além de dividir com o pai adotivo a direção da mercearia, cuidava dos serviços de aquisição e vendagem de lenha, esteios, peixe seco, amêndoas, couros, etc., atividades que se avolumavam a cada dia, em razão de que Manoel Gomes da Silva envelhecia, estando prestes de atingir a inatividade. Demais disso, o segundo irmão de meu pai, Paulino, cinco anos mais novo, nem bem chegara à adolescência e, ainda que demonstrasse interesse em ajudar, pouco podia.

Moço corajoso, reservado e pleno de virilidade, Pedro Gomes da Silva tratava diretamente com os caçadores José Sarmento, Francisco Fortunato e um tal de *Profirão*, peritos na arte de matar animais silvestres, cujos couros e peles negociavam abertamente; dirigia a compra, salga e secagem da carne de jacaré e pirarucu; e encomendava de Pedro Melo, Antonio Abreu, Eron Bezerra (o famoso *Mestre Erão*) e os irmãos Francisco e Antonio Severino, castanha em ouriço recolhida dos castanhais que se estendem do lago de Serpa ao igarapé do Jacaré e furo do Canaçary. Todos esses produtos, depois de beneficiados, eram estocados e revendidos aos comércios de Ozório Teixeira, Óscar Ramos e Ezagui & Irmão.

O embarque de lenha – vendida então ao custo de cem mil réis o milheiro, que equivalia ao salário mensal do porteiro-arquivista da Superintendência – constituía mais uma etapa de sacrifício dos homens valentes da região e, habitualmente, Pedro Gomes da Silva estava entre eles. Rio cheio, a “Chatinha” da *Amazon River* (empresa

que nacionalizada em 1940 se substituiria pelos SNAAP) encostava ao barranco para receber o produto. Os carregadores tinham que conduzir vários milheiros de lenha para consumo da fornalha do barco, subindo e descendo através da prancha enlameada e escorregadia que ligava o seu convés ao chão. Centenas de vezes, com não menos de quinze achas às costas, os ombros e pescoço feridos, as mãos expostas às arpas dos pedaços de madeira, os pés aos estrepes do barranco enlameado, sem falar do risco do ataque de uma surucucu ou jararaca peçonhenta, porventura escondida entre os montes de lenha, subiam e desciam às carreiras, porque nessa faina não se permitia conversa fiada e nem demonstração de moleza. Ao final, ofegantes, calosos, os trabalhadores se dispersavam à procura de outras tarefas.

Em muitas outras oportunidades, meu pai teve que recorrer à pescaria, extraíndo do rio e lagos próximos o alimento de que ele e os seus necessitavam.

A região rural de Itacoatiara era detentora de múltipla quantidade de caça e rica em pescados. O pirarucu e o peixe-boi ali constituíam um lixo. No verão, as praias do *Risco* e do *Boqueirão*, abaixo da cidade, e as do *Quelé*, do *Cumarú* e da boca do Madeira, acima, que se sobrecarregavam de pitiús, tracajás e tartarugas, estimulavam os caboclos à viração e à cata de ovos. Os lagos e rios não estavam muito saqueados em razão dos cuidados na pesca: fazia-se pouco uso da malhadeira e da rede de arrastão, utilizando-se mais tarrafas, arpão ou linhada, com anzol. Nas temporadas de pesca, salvo o desconforto de noites mal dormidas, consequência dos temporais ameaçadores, do ataque dos insetos e do perigo das cobras, arraias e poraquês, comia-se bem e fartamente, geralmente debaixo de uma árvore postada à margem de qualquer lago ou furo d'água. A vida no interior, embora cheia de sacrifícios, atraía pelo pitoresco e pelo inusitado.

Na cheia, havia comunicação perfeita entre os igarapés de Serpa, João Manoel, Jacaré e Ventura – hoje, infelizmente dizimados

pelo “progresso”. A região adjacente à fazenda *Ventura*, que foi posteriormente vendida a João Batista de Araújo Costa, constituía um imenso parque ecológico, ambicionado por caçadores, mateiros e pescadores. E o *Venturinha*, rico em madeiras de lei, especialmente itaúba preta, casca-preciosa, acariquara e louro, era freqüentemente invadido por estranhos que para ali iam a fim de coletar o material necessário à construção de embarcações, casas e móveis.

O lago de Serpa, margeado de casas, era um movimento só. As mulheres, tradicionalmente operosas, auxiliavam seus maridos na roça e na confecção de farinha e doces caseiros. Desde muitos anos lá se produzia carvão vegetal, e os pioneiros dessa atividade foram José Capitolino, Joaquim Felipe, Manoel Inácio e Antonio Sabino.

Os moradores da região eram dados a festas e esportes. Salvo quando se deslocavam até à cidade, através do igarapé de Serpa ou a pé, durante a vazante, para festejar a padroeira do Rosário e São Francisco de Assis, compraziam-se aos folguedos improvisados no local pelos “promesseiros” Raimundo Sabino, Antonio Abreu, João *Carioca* e Pedro Melo. As ladainhas (tradicionais “rezas”), misto de religião e festa profana, em louvor de São Raimundo, Santo Antonio, São Pedro e São João, antes restritas aos comunitários do lugar, dali a pouco passaram a atrair multidões procedentes do lago Canaçary, igarapé da Penha e cidade, transportadas em canoas, carros de tração animal ou vindo a pé pelos caminhos abertos no mato.

Obedecendo-se ao calendário anual, as festas dançantes que se seguiam às orações ditadas num latim estropiado tinham lugar nas “ramadas”: casas de chão batido, cercadas de varas e cobertas de palha de inajá, construídas para aqueles significativos momentos. Sob a luz dos candeeiros, os festejos começavam às sete da noite com o solene cantarolar da ladainha e os fiéis ajoelhados diante da imagem do santo da vez, colocada sobre uma mesa forrada de branco. Cerca de uma hora depois, os homens e mulheres presentes passavam de devotos a dançarinos e, animados pelos acordes musicais, tomavam

conta do amplo salão e se movimentavam pela noite adentro até o amanhecer.

No dia seguinte, depois da pausa do almoço, em que se servia comida farta, tudo do bom e do melhor, a dança recomeçava indo até o final da tarde, quando se abria uma nova ladainha - isso se repetia por uma semana inteira. Os festejos findavam no domingo, com a edição de um torneio esportivo, antecedido do pau-de-sebo: disputa para buscar prêmios no alto de um mastro ensebado. Às partidas de futebol, realizadas no campo da ilha Santa Rosa, acorriam delegações de várias procedências, especialmente das redondezas, ansiosas por ganhar o troféu de campeão.

Idênticas comemorações aconteciam em lugarejos próximos dos lagos Seripá e Sargento, na margem oposta do rio, defronte à cidade; da Penha e lago Canaçary, nos fundos, mais para nordeste; dos igarapés Arauató, Boca do Padre, Cainamã, e ilhas da Maqueira, da Benta e do Cumaru, subindo o Amazonas; e do paraná de Serpa, igarapés do Açacu e Carão e ilha do Risco, descendo.

Os festeiros se redobravam para evitar altercações e, em razão do desarme dos freqüentadores, especialmente visitantes, os conflitos eram poucos e de menor gravidade. Ainda assim, os fomentadores de briga em festas resistiam. Entre os maiores encenqueiros, estavam: no lago de Serpa, João *Periquito*, Raimundo Sabino e João *Carioca*; e no Canaçary, Firmino Roosevelt.

Nas festas dançantes, os instrumentos mais utilizados eram banjo que substituía o violão, pandeiro, clarinete, flauta, maracá e tambor, tocados por alguns membros da família Sabino que, aqui e ali, recebiam adjutório do sanfoneiro Luiz Rebouças, do saxofonista *Doca Rattes* e do violinista Luiz Gama. Tratavam-se, todos eles, de músicos autodidatas que, inclusive, se apresentavam nos carnavais, arraiais e aniversários da cidade. Nestas e naquelas ocasiões, as bebidas sorvidas variavam do aluá (consumido mais pelas mulheres) à boa aguardente de cana importada do Pará; do vinho aos licores caseiros, feitos de cacau, abacaxi, mangaratáia, genipapo, etc..

O jovem Pedro e seus amigos eram assíduos nesses eventos. Trabalhavam muito e era natural que se divertissem nas horas vagas. Andavam sempre em grupo para se proteger de confusões. Alegres e descontraídos, bebiam pouco e assim evitavam as desfeitas – motivo de muitas brigas. Além de freqüentarem os salões, aproveitavam os serenos para namorar as moças que compareciam aos montões.

Tratando-se de simples paqueras, relacionamentos amorosos não comprometedores, inconseqüentes, havia o cuidado de não exorbitar, mesmo porque as moças vinham acompanhadas de seus pais. Assanhamento era “crime” punível; o galanteio exagerado ou uma carícia mais afoita poderia se traduzir em desrespeito à honra, ofensa ao pudor, resultar enfim na obrigação de casamento.

O caminho entre o “Centenário”, Penha e Canaçary, por ser longo e difícil, exigia coragem e audácia da parte dos caçadores de onças, coletores de castanha e freqüentadores de festas, e lá estava a mocidade viril que meu pai integrava. Além da ultrapassagem, por canoa, dos igarapés próximos (Ventura, Jacaré, Jacarezinho, etc.), tinha-se que vencer, a pé, os estreitos caminhos através da floresta tomada por imensos castanhais. Anos mais tarde, a abertura da rodovia AM-010, ligando Manaus a Itacoatiara, e de suas vicinais propiciaria a destruição dessa riqueza florística que se espraiava por dezenas de quilômetros, desde o lago de Serpa até o rio Urubu e lago Canacary. Conseqüência da especulação e do desmate, os imensos chapadões de terra firme foram tomados por chácaras e fazendolas, mas ainda se vêem por ali, espalhadas, centenas de castanheiras.

O mesmo processo de destruição atingiu os terrenos de várzea e os aningais das antigas fazendas *Ventura* e *Rattes*, na área de expansão da cidade, destruídos pela erosão e por aterros, hoje praticamente destituídos de mata virgem e água corrente, fato que resultou na morte e expulsão dos peixes, garças, marrecos, patos selvagens e outras espécies de fauna que por lá proliferaram.

Enquanto meu pai amadurecia, Itacoatiara ganhava outras feições. Desde 1926 o prefeito Isaac Perez vinha desenvolvendo uma

atividade assombrosa na execução de melhoramentos imprescindíveis à remodelação da cidade. Em fevereiro de 1928 o presidente estadual, Ephigênio Ferreira de Salles, viera para conhecer obras em andamento e inaugurar as concluídas: alargamento, ajardinamento e construção do passeio central da principal avenida, a Conselheiro Ruy Barbosa; nova escadaria do porto, facilitando o acesso aos passageiros e à carga e descarga de mercadorias; remodelação total do Cemitério, dotado de uma nova capela, alinhamento de sepulturas e divisão de quadras; reforma da ponte *Stone* sobre o Jauary, que recebeu novos pilares de alvenaria e assoalhado de madeira de lei; e melhoramentos interno e externo do Mercado e do Matadouro. A rampa do porto, que se estendia ao longo do litoral, prestes de concluir, era uma obra sólida e vultosa, sustentada por muros de arrimo; só faltava o aterro da rua Quintino Bocayuva para o seu conveniente nivelamento e calçamento em concreto.

A administração municipal cogitava de transferir a Cadeia Pública do velho sanatório militar, na praça principal, para o prédio histórico da praça Deodoro, à entrada do bairro da Colônia. Mas, a obra mais importante, sem dúvida, era a da usina de força e luz, com dínamo e caldeira novos. Na solenidade de sua inauguração, o presidente do Estado moveu as alavancas das duas seções de luz, operacionalizando-se “a incandescência dos fios, com a produção de uma bela luz, clara e intensa”, iluminando a cidade em lugar dos velhos lampiões alimentados a querosene.

## Capítulo VII:

### CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA

Aos 25 anos de idade, meu pai começou a namorar minha mãe que, então, beirava os 18. Foi amor à primeira vista, como se diz modernamente. A proximidade das casas de suas famílias, na descida para o igapó, facilitava os encontros, antes furtivos. Oficializado o namoro, todos os domingos ele vinha à cidade: pontualmente, às 7 da noite, sentava-se defronte à casa da namorada, sob o olhar vigilante de “Vovó Maróca”. Esta, pretextando a iluminação do terreiro para refletir a luz e a imagem das pessoas ali postadas, colocava sobre o batente da gasta janela uma acesa lamparina de pavio alto e grosso. No fundo, a tarimbada anciã almejava mesmo evitar alguma possível traquinagem do moreno discreto e charmoso que enfeitiçara sua única e bem prendada filha.

No início de 1932, o romance entre eles se transformou em um firme compromisso: dali a alguns meses decidiriam viver uma relação de fato, experimentar uma vida de mútua dedicação e fidelidade absoluta. A morte prematura do primeiro filho, em meados do ano seguinte, a despeito de representar um duro golpe para o casal, aos poucos foi assimilada com paciência e resignação. Finalmente, selando a sociedade conjugal que o tempo tornaria longa e só a morte quebraria, casar-se-iam aos 27 de junho de 1936, na forma do Ritual Romano, em presença do vigário Joaquim Pereira.

Então, Pedro Gomes da Silva se desligou da família que o adotara, transferiu a Paulino Gomes as funções de co-gestor dos negócios do “Centenário” e foi trabalhar por sua própria conta. Morando inicialmente no mesmo teto de sua sogra, pouco depois passaria a ocupar a barraca de madeira, coberta de palha e chão batido das proximidades do Cemitério, levantada em terreno da Prefeitura aforado ao alfaiate Antonio Serudo Martins, alugada e apalavrada para futura compra e venda.

A luta de meu pai para construir e manter sua família foi enfrentada da forma mais corajosa possível. No começo, teve que encarar qualquer tipo de trabalho. Mateiro experimentado, participou de expedições à cata de sorva e balata, no rio Anibá. Bom caçador, ia ao centro das matas com a sua espingarda, daquelas que carregava pela boca, e o seu terçado afiado nas pedras de amolar, caçar ou colher castanha, cujos ouriços eram catados do chão, carregados em paneiros e após quebrados para diminuir o peso na canoa. Ótimo pescador, tarrafeava bem, era bom de azagaia e enfrentava com naturalidade as correntezas violentas e os banzeiros perigosos.

Muitas vezes, a necessidade o obrigou a caminhar, à noite, pelas trilhas de matas distantes, e assim procedeu sem temer os animais. Nessas sortidas, por que aprendera a manobrar os mistérios da floresta, não o espantavam os cânticos agourentos que marcavam a solidão naqueles espaços.

Na execução das tarefas que lhe estavam afetas, Pedro não escolhia local e nem media distâncias. Além das incursões realizadas através dos rios Amazonas, Urubu, Caru e Anibá, ainda transpôs os igarapés de Serpa, Irlanduba, Miracangüera, Arauató, Uixituba, Boca do Padre e Cainamã – acima da cidade, e Ingãipáua, Açacu, Carão e paraná de Serpa – abaixo. Em missão extrativista, foi ter à Costa do Amatary e à boca do Madeira. Frequentou, vezes sem conta, os lagos frontais à cidade: Sumaúma, Redondo, Seripá e Sargento; e os igarapés dos fundos: Ventura, Jacaré, Jacarezinho, Tucunaré e lagos de Serpa e das Pedras.

Além das atividades de caça e pesca nos rios e furos acima mencionados, meu pai recolheu bichos de casco, plantou e colheu frutos agrícolas nas praias das ilhas do Risco e Ponumá (abaixo da cidade); e Maqueira, Benta, Soriano e Cumaru (acima).

Semanas inteiras duravam suas ausências do lar. Ao regressar era sempre festejado pela esposa que ficara, saudosa, cuidando dos filhos e tratando dos afazeres de casa. Além de alimentos, trazia regular quantidade de produtos vegetais e animais – castanha, sorva,

sementes, couros, peles, etc. – parte deles vendida diretamente no porto, pelo que apurava o dinheiro necessário ao suprimento de prementes necessidades domésticas; e outra entregue a fornecedores, para encontro de contas de mercadorias fiadas à família.

Um desses retornos coincidiu com o sepultamento de Manoel Gomes da Silva, falecido no rio Urubu em 13 de outubro de 1935, nove meses após o desaparecimento de sua terceira mulher, Joaquina Gonçalves Cordovil. Em consequência, Paulino, Nair, José e seus meio-irmãos Floro, Raimunda e Maria, passariam a morar com a avó dos três últimos, Joana Gonçalves Cordovil. Antes disso, por dois meses estiveram provisoriamente na casa ocupada por meus pais, donde saíram devido à acanhada dimensão de seus cômodos. À época, Raimundo Gomes Sobrinho – meu irmão mais velho, nascido em 27 de julho de 1934 – contava um ano e seis meses de idade.

Ainda no decurso da década de 1930, meus pais dariam ao mundo mais quatro filhos: Wanilda Yolanda, nascida em 15 de dezembro de 1935; Alexandre, em 18 de março de 1937; Maria de Nazaré, em 28 de junho de 1938; e Olívia, em 19 de setembro de 1939. Esses felizes eventos estimularam Pedro a melhorar o visual da residência da família, recobrando-a de palha nova e acrescentando-lhe um segundo quarto.

Na década seguinte, minha mãe daria à luz Olendina, nascida em 18 de fevereiro de 1941; Jandira, em 31 de maio de 1942; Francisco, em 24 de novembro de 1945; e Francisca, em 04 de outubro de 1947. Nesse período, exatamente no dia 22 de setembro de 1942, formalizou-se definitivamente a aquisição da nossa casa, com escritura de compra e venda lavrada em nome de minha mãe, mediante o pagamento, à vista, de 80 mil réis a Antonio Serudo Martins e sua esposa Sarah Benaion Martins.

Esse fato, de grande significação para a crescente família de meu pai, tornou-se possível porque, entre 01 de abril de 1940 e 22 de junho de 1943, ele passara a fazer parte do quadro de empregados efetivos da serraria de Ezagui, Irmão & Cia. Ltda., vencendo por dia a

remuneração de 8 mil réis. Recontratado pela empresa em 29 de setembro de 1944, desta feita com o salário diário de 15 cruzeiros, seria despedido em 02 de maio do ano seguinte.<sup>(1)</sup>

O poder aquisitivo ampliado, o salário certo e recebido em dia deram mais conforto e segurança à família. Além da quitação da casa, meu pai semanalmente pagava um rancho fiado no comércio do judeu Isaac Benchaya. E ainda lhe sobrava dinheiro para comprar, junto à loja *Casas Pernambucanas*, porções de tecido para proteção e vestiário das crianças, filhos mais crescidos, dele e de minha mãe.

Na década de 1950 viriam ao mundo os três últimos irmãos meus: Pedro Gomes da Silva Filho, nascido em 29 de janeiro do mesmo ano; Maria das Graças, em 16 de novembro de 1953; e Gutemberg, em 27 de setembro de 1957.

No decurso desses anos, não foi nada fácil para minha mãe cuidar de suas crianças, acompanhá-las na meninice, encaminhá-las na vida. O sacrifício se iniciava na gestação, passava pelo trabalho de parto realizado na própria casa, comumente em condições dramáticas, sob os cuidados de parteiras curiosas que, sem conhecimento técnico, lidavam com o estranho, o inesperado. Depois viriam as fases de amamentação e crescimento. As freqüentes ausências a trabalho de meu pai agravavam ainda mais aquelas situações. Como administrar a casa, cozinhar, lavar e passar?

Nessas ocasiões, valia por demais a ajuda de “Vovó Maróca”. Na proximidade da ocorrência dos partos ela chegava para assistir à filha e só a deixava dois ou três meses depois. Assim foi, anos seguidos: em todos os momentos de maternidade de mamãe, minha avó comparecia e se comportava como um seu verdadeiro anjo da guarda. Incansável, morando a poucos passos dali, ia e voltava. Somente em meados de 1958 foi morar em companhia da filha, para

---

(1) Um cruzeiro (Cr\$ 1,00) equivalia a mil réis (1\$000). Cruzeiro (símbolo Cr\$) era a nova Unidade monetária criada pelo presidente Getúlio Vargas (decreto nº 4.791/1942), em substituição ao Real (símbolo \$).

ajudá-la definitivamente a criar os netos: em nossa casa ficou até morrer, em maio de 1964.

Nos idos de 1949/1951, meu pai trabalhou em um roçado que abriu no Campo Agrícola Municipal, na estrada da “Cacáia”. Para lá levava a família inteira a fim de cuidar das plantações, colher frutos e hortaliças, torrar farinha e fazer *pés-de-moleque*, beijus, etc. A lenha rachada no local era conduzida em um carro de mão por meu irmão mais velho, Raimundo, e vendida para consumo do Hotel Municipal, no centro da cidade.

*Situado nas proximidades da fazenda Cacáia, criado pelo decreto nº 82, de 09.05.1930, com o nome de Núcleo Agrícola Municipal e dirigido por um Encarregado remunerado à base de cento e vinte mil réis mensais, o Campo Agrícola teve seus altos e baixos. Reativado em 1942, graças ao Acordo de Cooperação celebrado entre o Brasil e os Estados Unidos, para incentivar a produção de gêneros alimentícios em face do racionamento imposto pela segunda guerra mundial, o interventor federal Álvaro Maia pensou em instalar ali nordestinos recém-chegados à Amazônia. Mas o prefeito Alexandre Antunes priorizou os agricultores locais. Além de um lote de terras, a Prefeitura distribuía implementos agrícolas, veneno contra a saúva e um pequeno rancho a cada posseiro. Em pouco tempo, a produção de farinha, hortaliças e frutos de pequeno ciclo aumentou consideravelmente. O Campo Agrícola funcionou até meados de 1952, dando lugar ao Fomento Agrícola Federal, deslocado das cercanias de São José do Amatory. A extensa área começava no local onde está a Escola Dom Paulo Mc-Hugh, no bairro de São Jorge, indo alcançar o campus da Universidade do Estado do Amazonas, no atual bairro de São Francisco. Dois caminhos conduziam os colonos até o local: as atuais ruas Nossa Senhora do Rosário e Benjamin Constant.(2)*

(2) Cf. de minha autoria, in *Cronografia de Itacoatiara*, 2º volume, págs. 240, 242 e 261, Manaus, 1998.

A estrada da “Cacáia”, que cortava ao meio o Campo Agrícola Municipal, é a atual Avenida Mário Andreazza, e o roçado de meu pai se situava nas imediações do CREPI, coincidentemente o local onde hoje comemoramos os seus cem anos de existência.

Mais adiante meu pai explorou outro terreno de lavoura, desta feita em terras de várzea na margem oposta do Amazonas, defronte à cidade. Eventualmente, sua atividade de roceiro era revezada com a de pescador. Além do peixe fresco e farto que, em casa, era salgado e moqueado para facilitar a conservação, de lá trazia quelônios, frutos do mato, melancia, jerimum, melão, macaxeira, milho verde e seco, feijão de praia e de corda, tomate, pepino, maxixe, quiabo, etc..

A história de vida, minha e de meus irmãos, compõe um interessante capítulo, complementar da história de Pedro e Olívia Gomes. Obedientes ao lema “Um por todos e todos por um”, fomos criados para unir e somar e, por isso, somos mutuamente amorosos.

•Raimundo e Wanilda estudaram com as professoras Iracema Valério, Júlia Girão de Alencar e dona *Diquinha* Moreira. Ele, em menino, conviveu mais estreitamente com meu pai, acompanhando-o ora pelas veredas do mato ora embarcado, quando era solicitado a esgotar água da canoa, a alimentar o improvisado fogareiro de lata forrada de terra, colocado no fundo da montaria, ou a acender a *poronga*, à noite.

Nas pescarias, colocava-se na popa da canoa, equilibrando-a com o remo, enquanto meu pai, com um chapéu de palha à cabeça e um cigarro de papelinho pendurado nos lábios, postava-se em pé no banco da frente para lançar e colher o principal sustento de casa.

O outrora menino de 12/13 anos de idade e atual *velhote* de quase 72 anos conta orgulhoso que lá pelos idos de 1946 nosso pai, montado em sua canoa, ao largo da ilha do Cumarú, apreendeu uma enorme árvore de açacu. Na seqüência, manobrou sua pesada marreta com que introduziu uma argola de ferro enlaçada por um cabo de arame na parte mais grossa e acima das raízes do lenho, que o

prende a popa. Em seguida, contornando correntezas e aproveitando os remansos, remou várias horas rio abaixo, guiando a árvore até fazê-la encalhar nas imediações do igarapé de Serpa, amarrando-a com grossos cabos de manilha em troncos da margem do rio. Essa complicada operação-resgate começara cedo da manhã e terminara quase à noite.

Cedo do dia seguinte, meu pai – que junto com Raimundo pernolitara em casa dos Sabino – retornou para fazer a limpeza da árvore, torná-la efetivamente uma tora de madeira. Para tanto, e já contando com a ajuda de um terceiro, fez uso de um serrotão dotado de suportes de madeira em ambas as pontas para eliminar a raiz e os galhos, tarefa árdua que lhe tomou a manhã e quase a tarde inteira. No outro dia, após medição e cubagem feitas por um funcionário da serraria de Ezagui, irmão, negociaria por uma boa soma a imensa tora de açacu.

Raimundo fez várias viagens desse tipo e assistiu, ao vivo, o arriscado trabalho, cansativo mas heróico de Pedro Gomes da Silva. Sazonalmente, entre novembro e junho, as árvores caíam ribanceira abaixo e eram levadas de bubúia. Papai abiscoitava os açacuzeiros que desciam do Madeira, enquanto as espécies mais nobres – cedro, aguano, jacareúba e louro – vinham em jangadas, rebocadas pelos motores dos altos rios do Solimões.

Os principais pernolites aconteciam na casa do *velho* Enéas, na ilha da Maqueira; na do *seu* Benedito, mais conhecido por *Beré*, no Cumaru; ou na casa do *seu* João *Padeiro*, na costa do Surubim. Geralmente às 04 da manhã meu pai e Raimundo dali partiam, com a intenção de ir tomar um café mais reforçado na fazenda de Porfírio Almeida, junto à boca do Madeira. Calmamente remando rente à beira do rio, só depois de seis ou sete horas é que alcançariam o destino traçado; então, a pretensa primeira refeição do dia já se transformava em almoço.

Dois fatos marcaram o garoto Raimundo Gomes Sobrinho:

- O misterioso desaparecimento de *Beré*. Em dias alternados esse comerciante saía para fazer cobranças. Certa feita, ele não mais regressou e do seu paradeiro jamais se teve notícias. Passados alguns dias, longe dali, somente pedaços de sua canoa foram encontrados. O seu misterioso desaparecimento deu vazão a muitos comentários. Durante meses os moradores das redondezas ainda se perguntavam: Se não foi afogamento, teria a cobra-grande engolido o *Beré*?

- A tomada da bênção. Certa feita, após a chegada para o pernoite, meu pai resolveu ir dar umas pernadas na festa próxima e o filho se recolheu à rede para dormir. No dia seguinte, cerca de cinqüenta adultos se achavam sentados em volta do salão, curtindo a ressaca. À saída, Raimundo foi aconselhado a ir ao encontro deles para lhes pedir a bênção, no que foi prontamente obedecido. Na canoa, já ao largo, reclamou: “Papai, por que tomar bênção de todo esse pessoal?” Ao que o sábio Pedro Gomes da Silva redargüiu: “Ora, meu filho, na vida é melhor a promessa de muitos ‘Deus te abençoe’ do que um ‘Diabo te carregue’”.

Antes de completar 15 anos, Raimundo teve que se desdobrar para ajudar minha mãe a resolver uma situação triste e emergencial. Meu pai, além de desempregado, fora acometido de uma estranha doença, depois diagnosticada como sendo ácido úrico. Prostrado, tendo as mãos e os pés inchados e purulentos, ficou impossibilitado de trabalhar por mais de seis meses. Enquanto *dona* Olívia lutava para dar conta de uma e outra lavagem de roupa, seu filho mais velho fazia carretos a partir do Mercado para arrecadar os trocados necessários às despesas de casa. Esse meu heróico irmão muito souou para implementar a compra do medicamento que possibilitaria a recuperação e rápida volta de *seu* Pedro ao trabalho.

Em 1946 Raimundo quebrou pedra para construção da Caixa d’água do SESP, à entrada do bairro da Colônia, próximo de nossa casa. Aos 24 de julho de 1951, ainda adolescente, ajudou a fundar o Atlético Brasil Clube, do qual anos depois seria presidente. Em 1953, já adulto e na condição de auxiliar de carpinteiro, foi trabalhar na

propriedade “Sol Nascente”, da família do imigrante japonês Toshizo Nakajima, junto à boca do rio Autaz. Em 1956 contraiu casamento com Cléa Rodrigues Costa, de quem dez anos depois se divorciaria. Entre 1956 e 1960 montou marcenaria motorizada e uma indústria de vassouras em Itacoatiara.

Na década de 1960 fundou e manteve por vários anos, em sociedade com Alexandre, seu irmão, a Oficina Mecânica “Plínio Ramos Coelho”. Casado em segundas núpcias com a professora Maria Almeida Gomes, criou e comandou, em 1970/1980, a empresa R. Gomes & Cia., atuando no ramo comercial de eletrodomésticos e material de construção. Finalmente, entre 1989 e 1993, fez parte do quadro de secretários da Prefeitura Municipal de Itacoatiara.

Oito filhos, quatorze netos e quatro bisnetos compõem a família de Raimundo Gomes Sobrinho, atualmente aposentado e um eterno otimista que jamais abandonou sua terra natal.

•Wanilda Yolanda, na meninice, curtiu as brincadeiras de *roda* (cantando “Atirei o pau no gato...”), do *anel* (na berlinda), da *peteca* (boneca feita de palha de milho), de *bole-bole* (jogo de pedrinhas), de pular corda e *macaca* (sobre desenhos feitos no chão com o manuseio da *patela*). Vivia-se uma época em que as pré-adolescentes tinham que cuidar primeiramente dos serviços de casa e ajudar na criação de seus irmãos menores. As subseqüentes irmãs de Wanilda também atuaram da mesma maneira.

Sua mocidade transcorreu de forma alegre e descontraída: participante da ala jovem do Atlético Brasil Clube, destacou-se nas festas comemorativas e nos blocos carnavalescos dessa tradicional agremiação sócio-esportiva do bairro da Colônia. Contemporâneas dessa época: Alzerina, Clemildes (a *Bolinha*), Lindalva Rodrigues, Maria Elígia, Valquíria, Cleonice, Vilma, Vilce, Selma, Silma, Eney, *Piquixita*, Maria Helena, *Dóris*, *Cecy*, *Dadá*...

Ex-servidora da Prefeitura Municipal de Itacoatiara, onde ingressou na metade de 1957 e permaneceu até se casar, em julho de

1963, com o comerciante e depois secretário da mesma Prefeitura, João Falcão de Azevedo, Wanilda Yolanda ainda quando regressava do emprego cuidava dos irmãos menores, levando-os a se banhar no igapó. Compulsiva leitora de obras literárias, de revistas de época e jornais diários, por mais de doze anos residiu com sua família em Manaus, donde em meados de 1980 retornou definitivamente para Itacoatiara e aqui terminou de criar os seus 04 filhos e ajudou na formação de seus 05 netos.

Wanilda Yolanda Gomes de Azevedo disponibilizou a nosso pai atenção, amor e carinho, especialmente no período de sua viuvez ao seu falecimento. Tais gestos de doação e a condição de primeira filha credenciaram-na ao direito de posse definitiva da casa onde todos nascemos. Esse imóvel é (sempre foi!) o porto seguro da nossa família; ali, freqüentemente nos reunimos na mais perfeita sintonia. Nesses momentos, Wanilda nos recebe com escancarada alegria.

•Alexandre teve parte de sua primeira infância tomada por uma estranha doença que requereu o maior desvelo de meus pais. Sarado com remédio caseiro, já que à época eram poucos os recursos médicos, posteriormente o rapazola alto e bem apessoado, ex-aluno da professora *Diquinha*, tornar-se-ia um auxiliar de ferreiro. Atuou na serralheria da antiga usina “Progresso”, de beneficiamento de pau-rosa do bairro da Colônia, sob orientação do mecânico Francisco Vieira de Souza, o popular *Canarana*.

Conforme anteriormente mencionado, mais tarde Alexandre trabalhou em sociedade com Raimundo Gomes Sobrinho. E, como construtor autônomo, dirigiu obras de construção civil nesta cidade, algumas delas licitadas pela EMBRATEL. Na década de 1980 foi responsável pelo traçado, arruamento e a construção das principais repartições públicas das atuais cidades de Urucurituba e Castanho e por alguns serviços de urbanização na sede municipal de Itapiranga.

A par de suas atividades profissionais, Alexandre enveredou pela política e, após um concorrido pleito, elegeu-se prefeito de Urucurituba, município que dirigiu de 1983 a 1987. No seu retorno a

Itacoatiara exerceu funções nas administrações de Francisco Pereira da Silva (1989/1993) e Miron Osmário Fogaça (1997/2001). Faz pouco tempo foi aposentado pela Previdência Social.

Da relação estabelecida entre Alexandre Gomes da Silva e sua primeira esposa Margarida Janeth da Silva, tragicamente falecida na madrugada de 14 de novembro de 1976, advieram 07 filhos, 21 netos e 06 bisnetos. Da segunda mulher, Marly da Silva Guimarães, de quem se separaria em 1992, não resultou nenhum descendente. Quando a seu filho mais velho, Alex Fred, faleceu em 05.10.2004.

•Maria de Nazaré fez o curso primário com as professoras Iracema Valério, Júlia de Alencar, *Diquinha* Moreira e no grupo escolar “Coronel Cruz”. Em 1957 concluiu o curso de professora no Instituto Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Em 1967/1970, já casada, realizou o curso de contabilidade no Colégio Estadual “Vital de Mendonça”. Mais tarde, em Manaus, seria graduada assistente social pela Escola de Serviço Social “André Araújo” da Universidade Federal do Amazonas (1977/1980).

Durante mais de 17 anos (março de 1958 a setembro de 1975) serviu à Diretoria Estadual de Saúde da Fundação SESP, período esse distribuído por Itacoatiara e Boca do Acre (nesta última cidade em 1974/1975). Posteriormente, após estagiar por um ano no Serviço Social da CELETRAMAZON, em Manaus, passou a integrar (de 1981 a 1999) a equipe de assessores da Diretoria-Geral desse órgão, e por aí se aposentou.

Na Fundação SESP, Maria de Nazaré Gomes Lopes integrou uma equipe pioneira na prestação de serviços de saúde pública e saneamento básico. Na CELETRAMAZON, além de gerir e orientar o serviço social de casos, auxiliou pessoas e as encaminhou à solução de suas carências; participou de reuniões de trabalho no interior e de encontros e seminários em diversas capitais do país.

Há 47 anos casada com o ex-servidor da CELETRAMAZON João dos Santos Lopes, Maria de Nazaré estudou com dificuldades e

trabalhou duro para criar e educar os 06 filhos que a retribuíram com 07 netos. Orientadora da família, sempre podemos contar com o seu carinho e a sua consideração. Foi extremamente zelosa ao assistir à nossa mãe, quando da traiçoeira doença que a conduziu à morte.

•Olívia é uma das mais extrovertidas da família. Espontânea e de fácil diálogo, dá-se com todo mundo e por isso possui amigos de diversas origens e em todas as classes sociais. Dos 09 aos 18 anos de idade morou, numa casa defronte ao portão do Cemitério público, em companhia de “Vovó Maróca”.

Fez o curso primário com as professoras *Diquinha* Moreira, Iracema Valério, Olga Figueiredo e Aurelina Vieira, e parte do curso normal rural no Colégio das Irmãs Dorotéias (1955/1957). Casou-se, aos dezoito anos, com Francisco Luiz da Rocha e dele ficou viúva em 1997. Deu à luz 10 filhos, sendo que o mais velho deles, Ricardo Luiz, faleceu aos 03 anos de idade. Sua família se completa com 23 netos e 01 bisneto.

Desde os 13 anos abraçou a profissão de modista e a ela se dedica com amor e rara competência. Trabalhando inicialmente em Itacoatiara e depois em Manaus, em cooperação com duas de suas filhas, seus trabalhos têm sido aprovados até no Rio de Janeiro, aonde de vez em quando passa temporadas.

Afeita a festas e comemorações, a otimista Olívia é assídua em reuniões de família ou fora dela. Como anfitriã ou convidada está sempre a demonstrar alegria e boa vontade para com as pessoas. Generosa e sentimental, sofre diante da necessidade de alguém e é das primeiras a comparecer para prestar uma solidariedade.

•Olendina iniciou seus estudos na escola de dona *Diquinha* e, depois de passar pelo grupo escolar “Coronel Cruz”, concluiu o curso primário no Instituto Nossa Senhora do Rosário. Durante um largo período (1972/1989) trabalhou nas empresas R. Gomes & Cia. e Gomes & Azevedo, ambas de Itacoatiara. Ainda nesta cidade, foi secretária do programa de cooperação SESAU/Secretaria Municipal

de Saúde (1990/1991). De seu consórcio com Antonildes Bezerra de Mendonça nasceram 03 filhos.

Uma grave doença que lhe acometeu e a trágica morte de seu único filho homem, *Tonizinho*, tornaram Olendina uma mulher triste e sofrida. Com determinação e muita fé, ingressou no Apostolado do Sagrado Coração de Jesus - segmento da Igreja Católica a que serve desde meados de 1996. Certamente que suas orações, o constante apoio dos irmãos, amigos e, por último, o convívio amoroso de seus 02 netos, têm contribuído para superar os seus momentos cruciais.

Olendina da Silva Mendonça morou vários anos em Manaus (1967/1972) e, agora em Itacoatiara, quando não está tratando do lar ou ao serviço da Igreja, integra-se com os irmãos Raimundo, Wailda Yolanda e Gutemberg no trabalho de recepcionar os demais ausentes que chegam para as costumeiras sessões de conagração em família. Nessas ocasiões ela aproveita para se distrair e interagir com alegre naturalidade.

•Jandira: como os meus outros irmãos, teve uma infância marcada por dificuldades. Aluna das professoras *Diquinha* Moreira, Cleide Rattes e Maria Ivone Araújo Leite, concluiu o curso primário no grupo escolar "Coronel Cruz", em 1958. Dez anos depois de seu casamento com Ladislau Santiago Rebelo (1972), foi tentar a vida em Manaus. Aí fez o curso supletivo de 1º grau na Escola Estadual "Francelina Dantas" (1975), o ginásial na Escola "Maria Amélia Espírito Santo" (1976/1979) e o curso de Auxiliar de Enfermagem na Escola "Senador Petrônio Portela" (1985/1987).

Matriarca de 08 filhos, 21 netos e 01 bisneto, há exatamente vinte anos faz parte do quadro de profissionais de enfermagem da Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas.

Vaidosa, Jandira está sempre impecavelmente vestida e prima por ser uma voraz consumidora de produtos cosméticos. Essa característica de sua personalidade contrasta com um comportamento tímido que a leva, em certas ocasiões, a se manter reservada e pouco

falante. Tais modos de ser não a impedem de expressar, quando necessário, suas preferências e o sentimento de afeição que devota àquelas pessoas que lhe são muito caras.

A dança é outro atrativo de Jandira da Silva Rebelo, levando-a freqüentemente a estar presente em comemorações festivas, ensejo em que, fazendo par com o marido – também reconhecido como um grande dançarino – revela-se feliz e extremamente descontraída.

•Francisco das Chagas – por promessa de mamãe nome de batismo do autor deste livro – em sua segunda infância foi acometido de reumatismo articular agudo que o deixou com ligeiras seqüelas no aparelho locomotor. Apesar de já existir o SESP, foi tratado e curado pela Ciência “caseira e popular”: rezas, fricções, unguentos, bebestivers e exposições ao sol pela manhã.

Francisco realizou, entre 1953 e 1960, o pré-primário, o 1º ano “A” e o 1º ano “B” na escola da professora *Diquinha*; o 1º ano “C” e o 2º ano primário com *dona Cleide Rattes*; o 3º ano na Escola “Vicente Telles”, regida pela professora *Maria José Athayde*; o 4º ano na Escola “Progresso”, de *dona Maria Yvone Leite*; e o 5º ano no grupo escolar “Coronel Cruz”.

Graças ao preparatório para o exame de admissão ao ginásio feito com a professora *Maria Haydée Valdez Chacon de Almeida*, deu ingresso na Escola Comercial de Itacoatiara, onde militou por quatro anos (1961/1964). O resto da história de Francisco Gomes da Silva, casado com *Maria de Fátima Oliveira Gomes*, pai de 03 filhos e avô de 02 netos, poderá se colher em “Notícia sobre o autor”, texto inserido no final desta edição.

•Francisca de Assis – nome de batismo por ter nascida no dia de São Francisco de Assis, embora não confirmado em Cartório - estudou, do 1º ao 3º ano (1959/1961), com a professora *Maria José Athayde* e, após curta temporada no grupo escolar “Coronel Cruz”, veio de concluir o curso primário (1962/1963) no Colégio Nossa Senhora do Rosário. Nos momentos de folga, revelava-se a peralta

menina que, além de habituada aos femininos *jogos de cemitério*, jogava futebol com garotos de sua faixa etária no campo da Caixa d'água e não levava desaforos para casa.

Em Manaus, já casada, fez o curso supletivo (1982), o 2º grau (1986/1988) e o Adicional (1999) no Colégio Bandeirante. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, desde 1987 leciona para alunos de 1ª a 4ª séries, na rede estadual de ensino.

Dentre as características de Francisca Gomes de Vasconcellos Dias estão a espontaneidade e o alegre sentido de viver. É presença constante em festas carnavalescas e outros eventos sociais, e assim combina com Raimundo José de Vasconcellos Dias, esposo e outro apaixonado pela dança. Dessa união nasceram 03 filhos e 07 netos.

Simple e prestativa, solidária com o próximo e amorosa com a família, Francisca sentiu enormemente a morte de nossos pais. Sua casa está sempre disponibilizada para reunir parentes e amigos: ao som da boa música e entre muitos comes e bebes, lá imperam a espontaneidade, a paz e a alegria.

•Pedro cursou, do 1º ano “A” ao 3º ano, a Escola “Vicente Telles” (1958/1962), concluiu o curso primário na Escola Estadual “Luiza de Vasconcellos Dias” (1963/1967) e o ginásial na Escola de 1º e 2º Grãos “Dep. Vital de Mendonça” (1968/1970).

Motivado por um tempo em que os filhos se esforçavam para ajudar os pais, aos 12 anos de idade começou a trabalhar na oficina mecânica dos irmãos Raimundo e Alexandre, tornando-se mais tarde seu encarregado e dela saiu aos 21 anos como um tarimbado torneiro.

Em meados de 1972, acompanhado da esposa Ivanildes Costa da Silva, do filho mais velho ainda criança e da família de sua irmã Jandira, foi ariscar a vida em Manaus. Partida sofrida aquela: nossa mãe havia falecido e Pedro, que mesmo casado continuou morando em companhia dela e de meu pai, deslocava-se de sua pacata cidade movido pela esperança de melhores dias.

No segundo ano de sua estada na capital, frustradas algumas tentativas de vencer por conta própria, passou a trabalhar na sede da COMPENSA: por indicação de seu cunhado Raimundo José de Vasconcellos Dias foi admitido como torneiro mecânico no setor de manutenção de máquinas de laminados; logo mais seria alçado à chefia da Oficina Mecânica da empresa.

Disputado pela Companhia de Eletricidade de Manaus e pela Indústria de Jóias BETA, optou pela última. Durante os 13 anos em que lá esteve (1976/1989), galgou todos os cargos de sua especialidade: torneiro mecânico de precisão; encarregado do setor de tornearia; chefe de divisão de contatos elétricos; e, afinal elevado ao posto de gerente, fez estágio de um mês na Suíça.

A convite da DEGUSA, multinacional concorrente da BETA, ensaiou uma temporada de trabalho em São Paulo. Motivara-o, além da residência fixa em Santo Amaro, a promessa de uma elevada remuneração e excelentes condições de lazer. Porém, por imposição de sua família que jamais se adaptaria ao clima e aos costumes paulistas, desistiu da empreitada.

Na seqüência, Pedro Gomes da Silva Filho ainda operou por quase um ano no serviço de prospecção de ouro em Porto Velho, tentativa que resultou inútil e lhe trouxe muitos prejuízos. Regressou a Manaus e, depois de uma experiência de seis anos (1990/1996) como empregado da indústria WILKENSON, resolveu montar seu próprio negócio.

Assim, instalou no quintal de sua própria casa uma pequena metalúrgica que, entre 1997 e 1999, funcionou precariamente. Mas, organizado e trabalhando sério, gradualmente ganhou a confiança dos clientes e se firmou no negócio. Pouco depois a Metalúrgica Gomes se capitalizava a ponto de adquirir o prédio número 129 da rua Paulo Paiva, no bairro Dom Pedro, ganhando feições definitivas.

Hoje, a Metalúrgica Gomes é nota 10 no setor microempresarial do nosso Estado. Mas, essa verdade pôde se tornar plena e

insofismável graças à discreta atuação do primogênito de meu irmão, o competente e operoso sócio-gerente da empresa, graduado e pós-graduado em Administração: Ronaldo Gomes da Silva.

Separado da esposa desde julho de 2003, Pedro constituiu uma família de 05 filhos e 08 netos. O educado, calmo, grande fazedor de amigos e mais elegante dos irmãos Gomes, aparenta hoje os mesmos traços fisionômicos do *velho* Pedro quando moço. É certo que todos nós carregamos os genes, portamos alguma característica, um traço, uma pinta, um gesto de nosso pai. Mas, ao mirarmos uma fotografia dele, datada de 26 de agosto de 1938, vemos ali a figura do nosso querido Pedrinho, com toda inteireza da sua aparência atual: corpo esguio, cabelos bem penteados, rosto bem desenhado, olhos cheios de brilho, bonito e sereno.

•Maria das Graças também fez o pré-primário, os primeiros anos “A”, “B” e “C”, o 2º e o 3º anos (1960/1965) na escola regida pela professora Maria José Athayde. Após concluir o primário, com a professora Maria Elígia do Nascimento, cursou o ginásio no Colégio “Vital de Mendonça” (1967/1970), diplomando-se professora pelo Colégio Nossa Senhora do Rosário (1971/1973). Casou-se aos 20 anos de idade com Aroldo Pereira Cavalcante.

Entusiasta da educação, lecionou na rede estadual de ensino, entre 1971 e 1978, para alunos de 1ª a 4ª séries, em Itacoatiara; e, entre 1979 e 1996, para alunos de 5ª a 8ª séries, em Manaus. Na rede particular (Colégio Nossa Senhora Auxiliadora), entre 1992 e 2000, para alunos também de 5ª a 8ª séries.

Aposentada da atividade docente, graduada em Direito pela Faculdade Nilton Lins (1997/2001) e pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário do Norte (2000/2001), Maria das Graças Gomes Cavalcante é advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Amazonas. Desde meados de 2004 presta assessoria jurídica à Prefeitura Municipal de Manaus, com passagens pela SEDEMA e IMPLURB.

A caçula das irmãs Gomes é uma doce figura humana que herdou alguns traços característicos de sua genitora, Olívia Maria de Arruda: beleza física, semblante sempre preocupado, sorriso triste e olhar contemplativo. É mãe de 02 filhos homens e de 01 mulher, Geise Ann, esta primogênita lamentavelmente falecida aos dezesseis dias de nascida.

Sem dúvida, esse trágico acontecimento fez renascer a dor da jovem mulher que aos 17 anos perdera a própria genitora. A orfanidade daí resultante marcou todos nós, porém feriu mais fundamentamente as almas de Maria das Graças e Gutemberg. Solteiros e menores de idade, a despeito do apoio de seus irmãos e cunhados, à época experimentaram um sofrimento mais psicológico e espiritual.

•Gutemberg fez o curso primário no grupo escolar “Professora Luiza Vasconcellos”. Quando, aos dezoito anos de idade, foi servir ao Exército em Manaus, estava na sétima série (1975). Após cursar, na Escola Estadual “Solon de Lucena”, as duas últimas séries do 1º grau e os dois primeiros anos do 2º grau (1976/1979), retornou a Itacoatiara, onde com 26 anos de idade contraiu matrimônio com Elielza Zacarias Queirós (1983), que deu à luz 03 filhos.

Voluntarioso, impelido por uma imensa vontade de crescer e contando sempre com o apoio de sua esposa, há 21 anos Gutemberg Gomes da Silva vem operando com sucesso no ramo comercial, à frente do Mercadinho Berg. É o mais jovem dos irmãos Gomes e único a se vangloriar por estar abaixo da linha dos cinquenta anos de idade.(3) Nascido de um parto difícil e doloroso que quase matou minha mãe, ainda hoje todas as nossas atenções se voltam para ele.

Gutemberg é o exemplo de homem persistente, integralmente dedicado à família que acredita na vitória de quem se esmera no trabalho. Sua filha mais velha, Olívia Maria, nascida em 1984 e que

---

(3) A partir de Gutemberg (48 anos), na ordem crescente, 03 de nós estão acima dos 50 anos; 06, acima dos 60 anos; e 02, acima dos 70 anos.

atualmente cursa Medicina em Manaus, leva o nome de minha mãe, sem dúvida uma das fortes razões para que em vida meu pai tenha se afeiçoado muito a ela. É o que constatamos de várias fotografias em que *Olivinha* aparece ao colo de seu emocionado avô.

Os prenomes de cinco netos e quatro bisnetos de meus pais lembram suas respectivas denominações e assim foram registrados com o objetivo de homenageá-los: Pedro Camilo, Pedro Osvaldo, Olívia Márcia e Olívia Maria (netos); e Pietro, Petronilo Antonio, Pedro Luiz, Olívia Joice e Izaolvívia (bisnetos).

Como é da natureza dos avós, meu pai jamais discriminou um neto; ao contrário, devotou carinho e consideração por todos. Difícil seria discorrer sobre as estórias de cada um dos 63 que deixou. Entretanto, mais de um terço deles – a seguir relacionados na ordem decrescente de sua faixa etária - estão sempre recordando momentos da meninice passados ao lado de seu avô: Frassinety, Robson, Almino Afonso, Jânio Hélder, James Dean, Margarivanda, Olenildes, Gersey Jean, Alan Douglas, Ricardo Francisco, Ladislene, Jane Mary, Nair Fernanda, Jhonildo, Lúcio Andrey, Raimundo José Júnior, Vânia, Jeane Mara, Olenívia, Wagda, Jander, Olivaneeth Mary, Ronnie, Jansen Mauro, Ronaldo, Rejane Mércia, Fábio, Frank, Jhonsonildo, Ronielly, Alysson George e Aroldo César.

O atual advogado e outrora menino muito apegado ao *velho* Pedro, Jânio Hélder Gomes Lopes, mandou registrar seus dois filhos com o sobrenome Hollanda Franco, aludindo aos ancestrais daquele que muito amou e de quem sente infinitas saudades.

Em vida, Pedro e Olívia Gomes se mantiveram estreitamente ligados com seus genros e noras, tratando-os como se filhos fossem. Esse sentimento de extrema atenção e cordialidade era recíproco. À ocorrência da morte de meus pais, meus cunhados demonstraram sentir muito a sua falta.



## Capítulo VIII:

### MINHA SANTA MÃE

Como foi mencionado no Capítulo IV, meus avós maternos Inácio José de Arruda e Maria Francisca Ferreira (“Vovó Maróca”) vieram do Nordeste no início do século XX. Casam-se em 1905 no interior de Itacoatiara e, oito anos depois, já estão trabalhando no paraná do Cambixe, distrito municipal de Manaus e lugar de procedência de Olívia Maria de Arruda, minha mãe.

Nascida aos 13 de novembro de 1913 e órfã de pai a partir de 1917, ano em que retornou a Itacoatiara em companhia de seu irmão mais velho, José Inácio, e de “Vovó Maróca” – sua infância e adolescência foram recheadas de muito trabalho e sofrimento. Criada num ambiente de pobreza e quase comiseração, testemunhou os maltratos infligidos à sua genitora pelo segundo marido dela, João Ferreira da Costa, declarado farrista e notório mulherengo que em 1927 abandonaria a família com um terceiro filho menor, Edgard. O sustento do lar provinha dos pequenos ganhos amealhados pela mãe de Olívia da prestação de serviços de limpeza e torrefação de café, na quitanda do português José Oliveira, e de encomendas de peças de roupa, costuradas em sua máquina de mão.

À proporção do passar dos anos, as condições de renda da família melhorariam com a entrada no mercado de trabalho de José Inácio, na condição de ajudante de carpinteiro. Minha mãe, à medida que ganhava ares de mocinha, passava a cuidar das tarefas domésticas, a tricotar e auxiliar nas costuras da mãe. Só a partir de 1940 é que o caçula Edgard, operando como auxiliar de mecânico, ajudaria nas despesas de casa.

A localização da residência de “Vovó Maróca”, defronte ao igapó da *Pedreira*, até que facilitava as coisas. Alguns roçados e cacimbas das proximidades permitiam que se colhessem lenha seca para o uso doméstico e água fresca necessária aos banhos, à lavagem

de roupa e louça, ao suprimento do pote de beber e ao preparo da comida. A fartura de peixes nas águas do igapó favorecia a colheita dos gordurosos acarás, tambuatás e bodós que eram servidos à mesa em dias alternados.

No fundo do quintal havia a reserva de dois ou três capados e vários bicos de galinha, propícios ao assado, ao cozido e à canja nos dias mais festivos. Sem falar na possibilidade de, por generosidade ou permuta entre vizinhos, serem recebidas porções de carne de anta, capivara, cotia, paca, tatu, pato e marreco, caças facilmente encontradas nas capoeiras e chavascais próximos. Tais gestos de boa vontade expressavam bem o caráter das famílias simples do interior e ajudavam a minorar as necessidades do seu dia a dia.

As mais chegadas amigas de infância de minha mãe, que moravam nos arredores do igapó, vivendo seus dissabores e desfrutando da mesma vida simples, eram sua prima Maria Creuza Ferreira, Gemima Almeida, as irmãs Olendina e Iracema Batista e Emília e Clara Fernandes. Partilhavam de brincadeiras inocentes e entabulavam conversas destituídas de maldades, umas e outras realizadas nas folgas de seus afazeres domésticos. Desembaraçadas, sonhavam os mesmos sonhos; juntas ou isoladamente faziam idênticos planos, encarnavam a pureza e a meiguice.

A jovem Olívia deve de ter aprendido as primeiras letras na escola “Progresso”, regida pela austera professora Aurora de Souza Garganta. O percurso de casa à escola, no bairro da Colônia, próximo da chácara da saudosa *dona Liúca*, incluía um atalho pelo interior do Cemitério público, destituído de cerca em suas laterais, e passagens por vários quintais.

Além da obrigação escolar, a adolescente Olívia assistia às missas celebradas na matriz, acompanhada de sua mãe, tias Antonia e Josefina e a prima Maria Creuza. Anunciada pelos sinos da igreja, cujo badalar incomodava aqueles mais reticentes, a domingueira cerimônia ministrada pelo vigário Joaquim Pereira, antes do nascer do sol, enchia as dependências do velho edifício de taipa. A liturgia da

missa era toda em latim, mas os fiéis estavam ali firmes, contritos, respeitosos. À guisa de cantar e recitar o *Ora pro nobis* e o *Kyrie eleison*, simplesmente arremedavam o celebrante. Somente trinta e oito anos depois o Concílio Vaticano II (1962-1965) renovaria o ritual, modificando-o no sentido da simplificação e da participação dos seguidores da religião católica.

Mas, naquele provinciano momento valia a súplica para que Nossa Senhora do Rosário intercedesse junto ao Pai Celestial em favor dos habitantes de Itacoatiara. No sermão, que antecedia à distribuição da Santa Hóstia, padre Pereira aproveitava para investir contra os maus costumes, aconselhar aos fiéis a não incorrerem no pecado e convidar o povo a auxiliá-lo na empreitada que idealizara de “fazer uma igreja nova, mais decente e mais digna do Senhor”. No final de 1926, estando minha mãe com treze anos de idade, foi dado início à construção da nova matriz.

*Em 1926/1927, estando a velha igreja matriz assaz deteriorada, a comissão pró-construção da nova, presidida pelo vigário Joaquim Pereira e integrada ainda por Américo José Peixoto, Ozório Alves da Fonseca e Antonio de Araújo Costa, deu início às obras da nova matriz. O terreno havia sido doado por Josephina Stone Martins e, a pedido do prefeito Isaac José Perez, o presidente do Estado Ephigênio Ferreira de Salles liberou uma vultosa importância em dinheiro, proporcionando o começo dos trabalhos. Paralelamente, o rigoroso inverno forçou o desabamento da parede dos fundos do prédio de mais de cem anos, carcomido pelo tempo. Livre do impacto da queda, o altar da velha igreja ficou inteirinho, operando-se ali um verdadeiro milagre. Após o lamentável incidente, as obras do templo substituto foram aceleradas, trabalhando-se nelas dia e noite. Em 1933, o prédio velho foi totalmente demolido, sendo no ano seguinte realizados os serviços de cobertura da nova igreja. Ainda que carecendo de reboco e alguns retoques na parte externa, o seu interior foi concluído e dotado de um belo altar de madeira, propiciando o início da celebração dos cultos. Final-*

mente, em 1936/1937 foi concluída a nova matriz de Nossa Senhora do Rosário.(1)

Depois de seu casamento, as responsabilidades de minha mãe aumentaram consideravelmente. Catar lenha, apanhar água no igapó, cozinhar, lavar, passar, coser ou cerzir as roupas de meu pai eram as suas principais tarefas, avolumadas com o nascimento dos filhos. O cansaço físico daí advindo e o mal-estar das noites maldormidas, pensando nas intermitentes ausências por motivo de trabalho do marido, tornaram-na uma mulher frágil e indisposta.

Acometida, no final dos anos 1940, de um grave ataque de nervos tratado na própria Itacoatiara e, logo em seguida, de uma crise de fígado, Olívia teve que se socorrer de Manaus. Por recomendação do deputado Francisco de Assis Peixoto, na capital recebeu cuidados médicos dos famosos clínicos Gama e Silva e Moura Tapajós.

Era início de 1953 e, confirmada estar grávida da caçula de suas filhas, mamãe prometera a Nossa Senhora das Graças que se não sofresse cirurgia dar-Lhe-ia o nome ao futuro bebê. Ainda cuidou de adquirir um lindo quadro da Santa milagrosa que manteve durante muitos anos pendurada na parede da sala de nossa casa.

Essa viagem de mamãe, acompanhada de Wanilda, que durou cerca de uma semana, deixara os filhos todos apreensivos e nervosos, principalmente as crianças: eu, Francisca e Pedro Filho. Este, por que demasiadamente “agarrado” com ela, era o mais sentido e chorão. Olendina e Jandira, respectivamente com 12 e 11 anos de idade, constituíam o grupo intermediário entre esses três menores e os mais velhos que já davam uma forte contribuição: Raimundo e Alexandre, trabalhando fora, e Wanilda Yolanda, Maria de Nazaré e Olívia, servindo de amas-secas à criançada.

Estas, nas ausências maternas, acalantavam-nos competentemente. Na tardinha anterior à chegada de Wanilda e de minha mãe, embarcadas na terceira classe do navio/motor “Itapuranga”, Maria de

---

(1) Cf. de minha autoria, in *obra e volume citados*, pág. 185.

Nazaré e Olívia nos levaram para distrair ao quintal cheio de árvores frutíferas da vizinha Maria Angélica (*dona Jeca*): lembro-me de que minha curiosidade de menino de sete anos se voltava para um repetitivo cântico de pássaro Vem-Vem. Então, uma dessas minhas duas irmãs proferiu a carinhosa frase: “Meninos, por favor, não chorem. Tenham calma, mamãe já vem!”.

Ansiosos, tínhamos que esperar. A percepção infantil ainda não nos permitia avaliar as dificuldades de comunicação da época, possível somente através de telegrama, e o transporte fluvial entre Manaus e Itacoatiara se circunscrevia às semanais viagens daquele barco de linha e às escalas dos navios dos SNAAPP. Mas, no caso sob comento, o águare cantar do Vem-Vem representou para nós o milagre de confirmar para a manhã do dia seguinte o regresso de nossa amada genitora.

Ela extravasava suas preocupações fumando cachimbo, um hábito copiado de “Vovó Maróca” ainda quando solteira e que só deixaria próximo de cair gravemente enferma. Realizava-se quando ia às compras e estava sempre cantando quando debruçada sobre a máquina simples de costurar. Até próximo de sua morte usou um pente-de-coque queo colocava na cabeça após os banhos.

Mãezona que sempre almejou ter os seus a rodeá-la, assistiu ao nascimento de quase todos os seus netos. Abstraídas as pesadas atividades do lar, usufruiu alegrias e emoções ao lado do marido e dos filhos. Visitas a parentes, arraiais, festas dançantes e passeios de fim de semana ao igrapé de Serpa representavam entretenimentos, formas de compensação à rotina de seus serviços diários.

O convívio de amigos alegres a distraía de suas obrigações. Gostava muito de comícios, procissões e ladainhas, eventos a que fazia questão de comparecer. Entre as mais antigas amizades de minha mãe estavam: *Mimosa Peixoto*, *Luzia Delfino*, *Noca do Chico Venâncio*, *Dica do Manoel Português*, *Marcionília Chaves*, *Rosa Rebouças*, *Corina e Francisca Alves*, *Vicência Carvalho*, *Diquinha Auzier Moreira*, *Nazaré Lima*, *Raimundinha Diniz*, *Olívia Barbosa*,

Maria Peres, *dona Jeca*, Orfisa Monteiro, *dona Morena*, Cléa Pereira da Costa, Sarah Benaion, Luiza Simões, Clara Fernandes Gomes e Nair Gomes Benaion, as duas últimas suas cunhadas, comadres e grandes confidentes.

Devota da milagrosa padroeira de Itacoatiara, cheia de fé e persistente no rezar o terço diariamente, minha mãe fez questão de batizar e crismar a todos os filhos ainda em tenra idade. Em outubro de 1952, participou do novenário promovido pelas Santas Missões e, em meados de 1953, da cerimônia de recepção à chegada da gloriosa imagem de Nossa Senhora de Fátima. Num e noutra, tendo a cabeça encoberta por um véu negro, trazia nas mãos um rosário gasto e um missal novo. Apesar de garoto, acompanhei-a a várias sessões do novenário e me emocionei diante da enorme multidão de fiéis que, postada defronte à matriz, entoava belos cânticos de exaltação à Virgem Santíssima.

O parto de que resultou o nascimento de Gutemberg, em fins de 1957, foi o seu último, mais doloroso e difícil. Mamãe estava com 44 anos e já apresentava visíveis sinais de cansaço e abatimento. As mortes de seu irmão mais velho e da sua genitora, ocorridas em 1963 e 1964, além de um duro golpe, representaram mais um aditivo ao seu extenso rol de martírios.

Por mais que ela se esforçasse não dissimulava a apreensão e o desapontamento nascidos da eventual ausência de qualquer um dos filhos. À ocorrência das viagens de Wanilda (para os rios Madeira e Solimões em 1962/1966 e para Manaus em 1968/1980); deste autor (para Manaus em 1965/1979); de Olendina (para Manaus em 1967/1972); de Olívia (para Manaus em 1970/1972); e de Maria de Nazaré (para Coari em junho/outubro de 1971), não mais escondeu o mau humor e o olhar sombrio.

*Para dar prosseguimento aos estudos, no início de 1965 me desloquei à capital do Amazonas. Doloroso foi o momento da partida. Estabelecido na segunda classe do navio/motor Itapuranga, para onde meu pai conduzira minha pesada mala de*

*madeira, vi mamãe, aos prantos, postada em frente à ex-serraria de Antônio de Araújo Costa, fazer-me um aceno que significava ao mesmo tempo uma súplica para que eu não partisse. Aquela cena ficou gravada perenemente na minha retina e, ainda hoje, quando me lembro dela me emociono.*(2)

Minha transferência para Manaus, aos dezenove anos de idade, abalou muito o coração de minha mãe e o meu próprio. As diversas cartas ditadas por ela a Nazaré e que me chegavam às mãos, semanalmente, embaralhavam-me o pensamento, provocando em mim a tentação de retornar. Muitas das minhas noites, passadas em claro num quarto pobre do bairro da Matinha, foram de atormentada reflexão. Mas, a força do ideal de vencer me impeliu a contrariá-la. À falta de maiores horizontes em minha cidade, que ela tivesse paciência: eu queria ser alguém na vida. E fiquei na capital.

Com o passar dos anos e minha mãe ausente, a lembrança daquele gesto que eu tinha na conta da “desobediência”, produziu em mim um sentimento de culpa, quase um remorso, a ponto de até ainda há pouco me perguntar se ela em vida me perdoara. Como é da natureza humana, alimentava tais dúvidas da equivocada noção de que a maternidade pressupõe direito de posse sobre os filhos. Na verdade, mãe é sinônimo de doação, de desvelo, daí que o amor maternal não tem tamanho, é forte e intenso.

Estou plenamente convencido de que minha determinação em ficar para prosseguir os estudos em Manaus nunca significaria um ato de desobediência à minha mãe. Aquele meu gesto, ainda que ousado, jamais feriria a santa criatura que me botou no mundo, desde ali e sempre devotada em carinho e amor, a rezar pedindo a Deus pela saúde e progresso do filho que um tempo dela se ausentou.

O desvelo de minha mãe foi igualmente para com meu pai e todos os meus irmãos. E para com os netos com quem tratou. Pena

---

(2) Cf. de minha autoria, in *Itacoatiara. Roteiro de uma cidade*, 2ª edição, revista e ampliada, págs. 22 e 23, Manaus, 1997.

que nenhum de meus três filhos a tenha conhecido, perdendo, assim, a oportunidade de lhe merecer os cuidados e de lhe receber a bênção.

Em julho de 1971, mamãe foi a Manaus para assistir a meu casamento com Maria de Fátima, realizado em 17 daquele mês e ano na igreja de Santa Rita, na Cachoeirinha. Na antevéspera, hospedada em casa de minha irmã Olívia, no bairro dos Educandos, levou um tombo do que resultou uma forte batida à altura de seu tórax direito.

A doença é um estado de vida limitada e está sempre servindo de desculpa para a morte. Há tempos, mamãe vinha sentindo dores intensas que se agravavam pelos movimentos respiratórios, fortes sintomas de “doença do lado” ou “doença da pleura”. Dias depois do meu enlace matrimonial, ela voltaria a Itacoatiara e, por que agravado o seu estado de saúde, embarcou novamente para Manaus e lá chegou no dia 15 de agosto.

Internada, três dias depois, aos cuidados do cirurgião João Lúcio Pereira Machado, no Pavilhão Sant’Anna da Santa Casa de Misericórdia de Manaus – onde, desde o início de abril de 1970, eu assessorava a sua Provedora Josephina de Mello – os exames radiológicos confirmaram o diagnóstico prévio: minha mãe estava acometida de uma inflamação na pleura pulmonar direita. Realizada a punção para retirada da pleurite, em poucos dias ela convalescia a olhos vistos.

Até à chegada de Maria de Nazaré, no dia 25, procedente de Coari, eu, Wanilda e Olívia nos revezávamos na Santa Casa para lhe fazer companhia. Desde aí a nova assistente não desgrudou do leito hospitalar até o desfecho final da paciente, infelizmente ocorrido às 06 horas e 45 minutos do dia 27 de agosto de 1971, em consequência de embolia pulmonar.

Na véspera de sua morte, *dona* Olívia exigiu a presença de Raimundo que, chamado às pressas de Itacoatiara, foi de *carona* no carro do senhor Lincoln Queiróz e, entre 18 e 21 horas daquele 26 de agosto, lá estava conversando alegremente com ela na enfermaria da

Santa Casa. Cedo da fatídica manhã seguinte, já estando de alta e se preparando para deixar o hospital, mamãe começou a passar mal. Sarada da pleurite, porém presumivelmente com a circulação pulmonar prejudicada, ainda que imediatamente socorrida, faleceu.

Rememoremos que durante sua viagem, através da estrada Manaus-Itacoatiara, Raimundo dormiu ligeiramente no interior do veículo e teve um sonho aflitivo que coincidiria com a aterradora imagem da morte, velório e sepultamento de minha mãe. Acordou cheio de preocupação, mas o semblante sereno dela e a conversa amistosa entre ambos, horas depois, no hospital, fizeram-no esquecer momentaneamente daquilo que sua mente anteriormente desenhara.

Curioso é que tudo o que meu irmão mais velho viu em sonho depois se repetiria real. Ademais, ao manifestar o desejo de vê-lo, minha mãe não teria sinalizado uma despedida fúnebre? O certo é que, após o traslado de seu corpo e o conseqüente sepultamento no Cemitério Divino Espírito Santo, ainda me fiz muitas perguntas e não obtive as correspondentes respostas.

A morte de minha mãe, como a de meu pai, deixou em mim (e em meus irmãos) um enorme vazio. Marcada por gemidos de dor e de saudades, sua lembrança é eterna, revivesce sempre. Decorridos quase trinta e cinco anos e o toque de uma sirene ainda me traz à memória o dia em que ela, aos prantos, foi levada em ambulância do endereço de minha irmã Wanilda, à rua Presidente Kennedy, no bairro da Colônia Oliveira Machado, para o hospital.

Ainda hoje, a visão do Necrotério da Santa Casa de Misericórdia, à esquina da rua 10 de Julho com a Ferreira Pena - percurso que faço invariavelmente retornando de visitas à casa da Nazaré, na rua Luiz Antony, ou depois de honrar compromissos profissionais no centro histórico de Manaus vindo em demanda de casa, no Parque 10 de Novembro - mexe com o meu coração, por que projeta em meu cérebro a trágica cena de seu corpo deitado na pedra fria, depois colocado num caixão e dali transportado para Itacoatiara em um carro da Funerária Almir Neves. Até agora sinto o transe das horas gastas,

desde aquela viagem pela rodovia AM-010, a chegada, o encontro com os familiares e amigos chorosos, enfim o sepultamento. Quanta emoção, que sofrimento, meu Deus...

Recuando no tempo mais de cinqüenta e dois anos, minha memória rejuvenesce a comovente cena em que ela, presente a uma das novenas das Santas Missões, invocava as bênçãos da gloriosa padroeira Nossa Senhora do Rosário, cantando:

Com minha mãe estarei  
Na Santa Glória um dia  
Junto a Virgem Maria  
No céu triunfarei.

No céu, no céu  
Com minha mãe estarei  
No céu, no céu  
Com minha mãe estarei.

Àquela altura, o conteúdo do belo canto católico simbolizava uma simples súplica, um mero vaticínio. Hoje, representa uma incontestável certeza.

Hosana à minha santa mãe, Olívia Maria de Arruda, desde 27 de agosto de 1971 morando na Casa Celestial, sorridente e feliz por estar junto à Imaculada Virgem Maria, intercedendo pelos seus.

## Capítulo IX

### A CASA NÚMERO 585 DA AVENIDA 15

A casa nº 585 da Avenida 15 de Novembro desta cidade de Itacoatiara, onde eu e meus irmãos nascemos, em 1932 uma simples barraca de sala, quarto e cozinha, alugada por meu pai, somente dez anos depois seria oficialmente adquirida em nome de minha mãe.

*Transferência de uma parte de um terreno do patrimônio municipal, medindo 07 metros de frente por 26 ditos de fundos, comprada de Antonio Serudo Martins e sua mulher Sarah Benaion Martins, pela quantia de oitenta mil réis, paga à vista e em moeda corrente. Formalizada em 22 de setembro de 1942 perante o secretário interino da Prefeitura, Sebastião Higino de Vasconcellos Dias, e as testemunhas Moacir Chaves de Abreu e Francisco Nelson de Oliveira, obedeceu a despacho exarado pelo senhor prefeito Alexandre José Antunes em petição protocolada com o nº 406 e autuada sob o nº 27.(1)*

Ao longo de setenta e cinco anos, a fim de atender eventuais necessidades familiares, dito imóvel recebeu diversos melhoramentos, ampliando-se o número de seus cômodos e substituindo sua cobertura de palha por cavaco e depois telha tipo marselha; suas paredes de madeira tosca por madeira nobre e depois alvenaria; seu chão batido por assoalho de tábua e depois piso de cimento chamuscado de vermelho. Hoje, uma moderna casa que abriga a família de Wanilda, nem de longe lembra aquela primitiva barraca.

Os primeiros e mais próximos vizinhos da casa de meus pais foram, defronte: as famílias do funileiro Raimundo Cardoso, de meu tio Paulino Gomes, do fazendário Luiz Moreira de Souza e do pescador Álvaro Figueiredo Gonçalves; à esquerda: “Vovó Maróca” e titios José Inácio e Edgard (até 1948), *dona Bitoca* e o filho Daniel Rocha

---

(1) Cf. Certidão datada de 22.09.1942, passada pela Prefeitura Municipal de Itacoatiara e registrada no Cartório do 2º Ofício desta Comarca.

(até 1953) e depois Luiz Cursino; mais adiante, numa casa de táipa junto ao Cemitério: José Calixto (depois, substituída essa habitação por uma outra de melhor aparência, lá moraria a família de Pompílio Marques); à direita, quase na esquina da Caixa d'água: a alfaiataria de Antonio Serudo Martins e, depois de 1945, a casa de comércio de Abraão Zogayb e Lourival Barros, alcunhado de *Reco-Reco*.

Ainda à direita, próximo da Caixa d'água e junto à residência do popular *Preto Trovoada*, havia um *trem* de cinco casas geminadas ocupadas pelas prostitutas *Esmerinda*, *Nenê Peruana*, *Chica Abigail*, *Maricota* e *Chica Nogueira*. Discretas e sem debochar de ninguém, elas recebiam seus “clientes” geralmente à noite e sem alardes. *Nenê Peruana* despontava como a mais elegante de todas. A sexualidade da época extrapolava para uma extremada, hipócrita defesa do pudor. A sociedade se dividia entre moças de família e putas. Era prudente casar virgem, tratar o adultério como um pecado mortal e ignorar a existência de mulheres separadas. As moradoras do *trem* eram fortemente discriminadas e seus amantes policiados.

Entre a residência da 15 e o *trem* – que funcionou como casa de prostituição pelo menos até 1947 – havia um pequeno macaxeiral plantado por meu pai, donde se inteirava o café diário dos Gomes. Posteriormente, esse espaço foi ocupado por uma casa de madeira coberta de telha, habitada sucessivamente pelas famílias do músico Nelson Von (enigrado de Santarém), do boêmio bicheiro Benjamin Pereira Barros (popular *Califórnia*) e do comerciante Heraclides do Rego Monteiro (originário da cidade de Manicoré).

Até próximo de 1945, somente as ruas centrais recebiam os cuidados da Municipalidade; a 15 de Novembro, salvo seus dois ou três quarteirões iniciais, carecia de serviços de roçagem e capinação. A circulação de pessoas por ali era feita através de um largo caminho aberto no matagal pelos próprios moradores. Sua denominação data de 1897: antes, fora a “travessa inominada que levava ao Cemitério Divino Espírito Santo”, aberto em 1892. Até meados de 1930 eram raras e salteadas as casas levantadas ao longo dela.

À época, a partir da margem do rio, suas mais destacadas construções eram: Mercado Municipal, agência do Lloyd Brasileiro, saboaria “Santo Antonio”, Casa Abreu & Cia., meia-água do *velho* Raimundo Nogueira, Casa *Nazira*, residência de Manoel Oliveira Lamarão, casarão que viria a ser o Bar do Moisés Rodrigues, Igreja Batista de Itacoatiara, palacete do Nicandro e entrada dos cemitérios israelita e cristão.

Em 1940, nessa via pública residiam, além das já citadas, as seguintes famílias: Albano Nascimento, Raimundo Nogueira, *Chico* Antonio, Abdon Mamede, Geraldo Braga, Amaral, José Marques, *Zito* Simões, Manoel Bentes, Farid Sêmen Filho, Francisco Acácio, João Costa Filho, Arthur Arévalo Benaion, Pedro Alexandrino, *Bebé* Moreira, *Chico* Chaves, Agenor Alves, José Gadelha, Milton Corrêa, Vicência Carvalho, *Finuca* Braga, Bernardo Batista, Gedeão Almeida, *Chico* Venâncio, Pedro Baturité e Raimundo Viana.

Primando por cultivar amizade com esses clãs familiares, meu pai mantinha uma relação respeitosa com pessoas de quaisquer níveis sociais, a exemplo de Alexandre José Antunes, Ozório da Fonseca, Antonio de Araújo Costa, Teodorico Nunes, Acácio Soares Leite, Raimundo Perales, Galdino Alencar, Jurandir Pereira da Costa e Chibly Abraham (prefeitos), Mendonça Júnior, Francisco de Assis Peixoto, Estácio Alencar, Tércio Araújo da Silva, Antonio Vital de Mendonça, João Valério de Oliveira, José Mendes e Paulo Sampaio (deputados), Gaspar Guimarães Maia (promotor de Justiça), Marcílio Dias de Vasconcellos e Edson Marques de Araújo (juízes), Vicente de Mendonça Lima, Gregoriano Magalhães Auzier, Gervásio Ruiz Júnior e Pedro Bezerra (tabeliães), Jáder Colaço Veras, Adamastor de Figueiredo, Pedro Penalber, Camilo de Vasconcellos Dias, Argos do Amaral Valente, Francisco Athayde, Otoniel de Mendonça, Jurandir Vital de Mendonça, Luiz da Paz Serudo Martins, José Tomás de Aquino, Antonio Gesta Filho, Milton Lobão Veras, Francisco Fiúza Lima, Dib Miguel Barbosa, Osmar Marques Vital, Luiz Onety e Mário Benigno (vereadores), Marcos Esteves, Resk Maklouf, José Serrão Victal, Abdon Raman Hauache, Lourival e Ozete Mamede,

Marcos Ezagui, Néder Nassib Monassa, Ozório José Teixeira, Isaac Benchaya, Hilário José Antunes, Manuel André de Souza, Adolfo Olímpio, Ilídio, Antonio e José Manuel Ramos, Alírio Fernandes, Joca Vital, Alípio Teixeira, Carlos e Raul Girão de Alencar, Wilson França, Nestor Raposo e José de Paula (comerciantes), Avelino Pereira da Costa, Arico Barros, João Batista de Araújo Costa, José Simões e Zito Barros (pecuaristas), *seu* Hermógenes (grão-mestre maçon), Sebastião Higino de Vasconcellos Dias e Agenor Corrêa Prado (gerente e subgerente do Banco do Brasil), Antonio Carolino e Manoel Lucas Rattes (administradores do Mercado), Dede Menezes e Silvino Montenegro (telegrafistas), Augusto de Vasconcellos Dias, Moacir Chaves de Abreu, Francisco Nelson de Oliveira, Cristóvam Hermida, Márcio Agassis de Oliveira, Murilo do Monte Holanda e Zeca Carolino (servidores públicos), Floro Rebelo de Mendonça e Hely Ruben de Paiva (despachantes), *seu* Matias e Zoroastro Lima, Alberto Menezes Batista e Horácio Alencar (dentistas), Laureano Seixas da Silva, Antonio de Menezes e Manoel Mendes da Silva (servidores do SESP), Chico Miguel e Chico Guedes (marchantes), Roldão Alves, Zé do Icó, Doca Rattes, Luiz Gama, Luiz Bacurau, José de Souza Benjamin e Luiz Pinga (músicos), Nilson Miranda Machado, Miguel Jakson Pinho, Paulino José de Nazaré, Fileto dos Santos Lopes, Beato de Oliveira, Valdemar (*Tartaruga*) dos Santos e João (*Pretinho*) Balby (estivadores), Raimundo Firmo, Ivo Rebouças e Tônico Mendes da Silva (magarefes), Ramiro Barbosa (alfaiate), *seu* Arnolfo, Zé Delfino, Manoel Venâncio, Guilherme Nazaré e João Romão (carreiros), César do Carmo Garcia (funileiro), Aristóteles Peixoto, Raimundo (*Tatá*) Nunes do Carmo, Antonio Arruda Filho, Antônio Negreiros e Ítalo Benchimol (carregadores), Emiliano Felipe de Lima e José da Silva Repolho (agricultores), Felinto Teixeira (calafate), Raimundo (*Dico*) Pereira e Melício Lira (pescadores).

Destacaram-se, como compadres de meus pais: Francisco de Assis Peixoto, Ismael Benigno (Tarcila) de Figueiredo, Raimundo (Nazaré) Lima, Mário Barata, Martinho Maria Alves, Arquimima Fernandes, Arnóbio Frias de Oliveira, Manoel Machado, Angelina

Costa, *Doca (Mimosa)* Peixoto, Ester Moura, Raymunda (*Dadade*) de Vasconcellos Dias, Ery de Figueiredo, Júlio (Joaquina) da Silva e Osman (Marilza) Fernandes da Rocha.

Os trabalhos de posteamento, fiação e instalação de luz no perímetro urbano somente alcançariam a 15 de Novembro em 1955, e os de terraplenagem e capeamento asfáltico, dois anos depois. Quanto à energia elétrica domiciliar, só em 1957 a casa de meus pais viria a ser beneficiada, aposentando-se lamparinas a querosene que, décadas a fio, iluminaram os passos noturnos da nossa família.

Antes, a iluminação pública, entre 18 e 06 horas da manhã do dia seguinte, liberada pela usina a vapor inaugurada no ano de 1928, beneficiava apenas as ruas do centro e casas de autoridades. Além das lamparinas, o grosso da população também se prestava ao uso de candeieiros. Essa situação resultaria mais crítica em 1951 quando, após várias panes em seu único motor de geração de energia, a velha usina quebrou. A luz voltaria a brilhar nas ruas desta cidade somente após a inauguração, em meados de 1957, da Usina de Força e Luz “Waldir Boudi”, movida por dois motores a diesel e, mesmo assim, timidamente: das 18 às 24 horas do dia.

Até 1948, à falta de um serviço público regular, tinha-se que ir apanhar água no igapó da *Pedreira* (igapó da Cruz a partir de 1950, pela imposição de uma cruz no local, em razão da morte de uma criança atacada por um jacaré-açu). Após aqueles idos, a população passaria a se beneficiar de torneiras públicas, captadoras de água dos poços artesianos construídos pelo SESP. Junto ao posto de distribuição situado nas proximidades da Caixa d’água, pela manhã e à tarde de segunda-feira a sábado, meus irmãos mais velhos, misturados a centenas de outros beneficiários, postavam-se em fila esperando a vez de encher as latas e cumbucas que portavam. Esses momentos antecediam à abertura das válvulas de controle, feita rotineiramente pelos operadores Milton Corrêa e Zeca Carolino.

Todavia, a grande demanda das torneiras públicas fez com que ainda até um certo tempo os meninos Gomes carregassem água do

igapó, especialmente para lavar roupa e louça. Emergencialmente, para abastecer o pote de beber, retiravam o precioso líquido de um olho d'água natural, locado à margem do rio Amazonas, defronte ao armazém de Ilídio Ramos, Irmãos.

No final de 1959, graças à efetivação de um contrato para ampliação do serviço de abastecimento d'água da cidade, celebrado entre o SESP e a Prefeitura, as torneiras públicas foram totalmente desativadas e a rede domiciliar amplamente beneficiada. Por causa disso, o antigo sonho de levar água tratada diretamente à casa de meus pais, tornar-se-ia finalmente uma palpável realidade em 1962.

Graças às melhorias calcadas na evolução dos tempos e a colaboração eficiente de meus irmãos mais velhos na economia de casa, desde meados de 1950 não mais colhemos lenha na mata: além da troca da máquina de costura de mão herdada de vovó por uma de pé, marca Singer (1955), ganhamos um fogão a querosene (1957) e depois a gás (1961) e telefone domiciliar (1962).

Até sua completa desativação, em 1978, um aparelho receptor de rádio marca Phillips, a corrente e de 03 faixas, adquirido em 1949/1950 - que noticiou a morte de Getúlio Vargas e a descida do homem à lua - transmitiu, via rádios Globo e Nacional, do Rio, o noticiário diário e os jogos de futebol semanais, e através das rádios amazonenses Baré e Difusora, os programas musicais e de avisos populares. Em dias de folga, postado defronte ao velho aparelho, meu pai se deleitava em ouvir músicas de época, acompanhando-as disfarçadamente com os pés. Desde 1971, através de um receptor de imagens comprado a prestações, os habitantes do imóvel nº 585 da Avenida 15 assistiam à programação em preto e branco veiculada pela estação repetidora TV Ajuricaba, anos mais tarde substituída pela TV Amazonas.

Dentre os muitos eventos acontecidos em nossa família, as festas juninas eram celebradas com alegria, especialmente a de 29 de junho, data do aniversário de meu pai. Igualmente às demais casas da

rua, defronte à nossa eram feitas grandes fogueiras de lenha grossa, verde, recém-tirada da mata, que queimava por até três dias seguidos.

Em torno delas a vizinhança se reunia para conversar, cantar, soltar fogos de artifício, pular e passar fogueira, com farta mesa de canjicas, pamonha, cuscuz, munguzás, tapiquinhas, bolos de milho e de macaxeira, *pés-de-moleque*, milho assado ou cozido e outras guloseimas acompanhadas do gostoso aluá, feito de casca de abacaxi com água e fermentada com açúcar.

Passar fogueira era uma cerimônia popularíssima em que duas pessoas, previamente combinadas, davam várias voltas em torno dos toros que ardião, comprometendo-se como madrinha e afilhada. Esse afilhadismo, muito mais freqüente nas festas de Santo Antonio, era respeitado como se verdadeiro fosse, e durava toda vida. Também durante esses festejos as moçoilas casadeiras faziam adivinhações, alcunhadas de “simpatias”, para saber se arranjarão noivos ou se casariam em breve.

Nessas ocasiões era comum a apresentação de quadrilhas formadas de pares de casais, vestidos à moda caipira. Na intenção de dar um maior brilhantismo à festa, habitualmente meu pai contratava *bois-bumbás* para dançar defronte à nossa casa, terreno que ficava rodeado de bancos e outros assentos improvisados para acomodar sobretudo os mais velhos. Nas décadas de 1940/1950, estavam entre os mais famosos pelas toadas e versos que seus amos apresentavam os *bumbás Mimoso, Mina de Ouro, Corre-Campo, Tira-Teima, Flor-do-Campo, Caprichoso e Garantido*. Os dois últimos, representando o bairro do Jauary e o da Colônia, foram grandes rivais e os que mais se destacaram.(2)

Uma alegre serenata sempre antecedia às festas de aniversário de meu pai. Nos idos de 1950, da meia-noite do dia anterior para

---

(2) Coincidentemente ou não, os *bois Garantido e Caprichoso*, da vizinha Parintins, só ganhariam fama a partir de 1965, ano em que começou o declínio da apresentação de seus homônimos de Itacoatiara.

madrugada de 29 de junho, o violinista Luiz Gama, os violonistas Luiz *Pinga* e Luiz *Bacurau*, o tamborista *Tonico* Reis de Jesus Filho e o pandeirista Edson Peixoto, liderados pelo grande amigo *Doca* Rattes, chegavam de mansinho, acordando o aniversariante ao som da boa música. Minha mãe, avisada a tempo, já providenciava os doces, salgados e a *batida* forte com que os homens brindariam. Enquanto alguns mais íntimos aproveitavam para dançar, curiosos tão-somente assistiam à movimentação, debruçados à janela ou acomodados nos bancos laterais da sala.

A festa se repetia todos os anos. Muitas das serenatas que a antecediam foram abrilhantadas pelos saxofonistas Roldão Alves, Nelson Von, Agenor Alves e *Zé* do Icó, além do violinista José de Souza Benjamin.

Afora isso, meu pai, para compensar o trabalho do dia-a-dia, até começos da sua melhor idade e estando sempre acompanhado de minha mãe, freqüentava festas em casas de amigos ou realizadas em clubes populares, destacando-se como dois animados foliões. Todos os anos, fantasiados de roupa feita de chitão estampado, várias vezes acompanhados de titios Paulino e Clara, eles compareciam à festa dos casados, realizada no Atlético Brasil Clube. Essa comemoração antecedia ao primeiro grito de carnaval, do qual participavam blocos formados exclusivamente por solteiros.

Enquanto o carnaval do suburbano Brasil Clube podia contar com um conjunto local formado pelo músico Agenor Alves ou *Zé* do Icó, baterista Jarbas Alves Pereira e pandeirista Edson Peixoto, as festas de Botafogo e Amazonas, clubes da chamada elite da cidade, eram animadas por bandas de música oriundas de Manaus, inclusive a famosa da Polícia Militar do Estado.

Os desfiles de rua, alegres e diversificados, eram comumente puxados pelo excêntrico saxofonista Cristóvão, o mesmo que certa feita subiu ao teto da Caixa d'água e, embriagado, de lá passou a noite incomodando os moradores da Colônia com o trinar de seu instrumento. No dia seguinte, já refeito da cachaça mas sem coragem

para descer vinte metros abaixo, teve que ser trazido de volta ao chão às costas do até então saudável desportista João *Catianga*.

No dia 07 de outubro de 1940, aboletado em um hidroavião da Panair do Brasil, o célebre Getúlio Vargas passou por Itacoatiara, a caminho de Manaus. Meu pai, que simpatizava com o ditador, postou-se no porto da cidade mas não pôde vê-lo. No ano seguinte, a 17 de abril, dava-se a ordenação do padre Alcides de Albuquerque Peixoto, logo nomeado vigário coadjutor da Paróquia de Itacoatiara. Minha mãe, que acabara de sair do resguardo de Olendina, marcou presença nesse ato religioso solene.

Ao redor da residência de meus pais havia a falada “casa da caveira”, justo na sala do setor administrativo do Cemitério Público, e as sepulturas dos judeus, nos fundos da casa de Pompílio Marques – motivos utilizados pelos idosos para assustar os peraltas garotos da época. Um comprido tucumanzeiro, fincado no quintal dessa última, dando frutos o ano inteiro, e uns carregados pés de caju, no terreno de *dona Jeca*, atraíam os apedrejadores e manipuladores de baladeiras.

No limite direito do quintal de meus pais sobrevive até hoje um pé-de-laranja-da-terra, frondoso e sempre frutificando. Próximo a ele existiam moitas de erva-cidreira, capim-santo e pé-de-alho. Ao fundo, quase encostado à surrada cerca de estacas, o banheiro com um camburão até o beijo de água, uma touceira de banana-branca, o galinheiro repleto de aves, um pequeno cercado com alguns porcos e bacorinhos e um canteiro elevado com cebolinhas, chicória e cheiro-verde. Ao centro, junto à privada, o velho jirau de tratar peixe.

Outras coisas e acontecimentos, ao redor da casa da 15, ainda transmitem lembranças: o *páu-grande* do Cemitério - espécie vegetal que, por falta de cuidados, desde 1990 não é mais um símbolo da cidade; o prédio do Nicandro - de linhas clássicas, datado de 1900 e demolido em fins de 1989, que abrigou escolas, residências oficiais, clubes, a casa de alugar bicicletas do boliviano Luiz Pomar, o IAN, o INCRA, o IBRA, o INDA e o SESI; a Caixa'água - construída pelo SESP em 1946, local de muitas “batalhas” entre a rapaziada da

Colônia e a do Jauary pela posse e malhação do Judas, aos sábados de Aleluia, e dos jogos de *bate-parede*, botão e gude, a cargo dos meninos que foram da minha geração; o Cine Geny - com suas sessões de *bang-bang* empolgando a garotada de 1950/1960, suplantado pelo aparecimento da Televisão; o bar do Agenor Alves e em seguida o quiosque do Jorge *Chabrega*, defronte ao “campinho” de futebol onde o Botafoguinho se apresentava; na mesma linha - um cutiteiro carregado de enjoativos frutos e uma frondosa mangueira, em cuja sombra o ex-jogador do Atlético Brasil Clube, João *Catianga*, vitimado pela tuberculose, vomitava pedaços de pulmão.

À época, a tuberculose - “doença que pega nos outros” era pensada como moléstia infecto-contagiosa: o doente ficava sozinho, geralmente isolado no fundo do quintal, sem o amor dos filhos, sem a consideração dos amigos. Essa prática seria mudada com a chegada do SESP, em 1945. Além de João *Catianga* que, estigmatizado pelo preconceito e entregue ao vício da cachaça, não se cuidou como devido, vindo a falecer em meados de 1950, havia o caso do Luiz Bruno, defronte à escola da professora Cleide Rattes, na descida para a Colônia, curado do mesmo mal graças aos cuidados das visitadoras sanitárias do SESP, ao adjutório dos chás de mastruz e à merenda que os alunos lhe levávamos todos os dias.

O posto sanitário do SESP, instalado no edifício “Aquilino Barros” enquanto os americanos concluíam a sede da unidade, junto à capela de São Francisco de Assis, prestava assistência médica de forma generalizada pela manhã e à tarde, de segunda a sexta-feira, e assistência infantil e pré-escolar. Para isso contava com atendentes de enfermagem, treinadas para visitas domiciliares, encaminhamento de gestantes e crianças ao ambulatório, orientação às parteiras curiosas e aos clubes de saúde organizados nas escolas da cidade.

Nestes, eram feitas palestras sobre hábitos higiênicos, apresentações de teatro infantil, implantação de jardins e hortas domésticas, além de práticas esportivas. O posto mantinha vários canteiros

de hortaliças, neles ensinando a meninada a plantar, para o que fornecia gratuitamente sementes e o material necessário.

Anteriormente ao funcionamento do SESP, cuja fundação coincidiu com o ano de nascimento do autor deste trabalho, minha mãe dera à luz oito filhos, assistida por parteiras leigas e improvisadas. Por razões óbvias, os trabalhos de parto não mereciam, antes, os cuidados da Ciência, e assim também aconteceu com milhares de outras mães de Itacoatiara. Porém, a partir dali, além da orientação às parteiras, foram estabelecidos novos critérios de higiene, assepsia e esterilização. A população, antes avessa, comparecia regularmente ao SESP, cujos novos procedimentos de saúde pública possibilitaram a diminuição dos índices locais de mortalidade infantil. Demais disso, trabalhando em tempo integral o médico-chefe da unidade e seu pessoal auxiliar adotaram com sucesso o sistema de vacinação em massa contra doenças infecto-contagiosas.

Como todo trabalhador amazônico, meu pai era um homem frugal. Quando saía a trabalho no interior levava um naco de peixe assado com um pouco de farinha. Sóbrio no falar, parecia poupar energias. Dormia cedo e acordava escuro ainda, quando saía para o seu roçado, à caça, à pescaria ou à cata de produtos extrativos. Sua arma era um terçado, bem amolado, salvo quando ia cortar estacas ou lenha, e então levava o seu machado e cunhas de madeira rija. Uma de suas fraquezas era o fumo, que retirava dos *moles*, migado e agasalhado ao papelinho. Antes de fumar, sorvia alguns goles de café quente: para “temperar” a garganta, segundo dizia.

Numa das reformas prolongando o corpo central da casa da 15, a puxada que servia de cozinha ganhou esteios de louro-cheiroso ou casca-preciosa: duráveis, resistentes e aromáticos foram colhidos por meu pai nas matas do *Venturinha*. Aqui e ali, os filhos adolescentes éramos flagrados lavrando-os para retirar deles o ingrediente dos nossos chás medicinais ou, à falta de café, destinados ao saboreio com macaxeira cozida, farinha-de-tapióca ou pão torrado comprado na Padaria *Bijou*.

Quaisquer dificuldades em família, principalmente quando das longas ausências de meu pai, eram enfrentadas com serenidade e paciência. Para que não faltassem alimentos em casa, minha mãe até usava de criatividade: além de mingaus de todos os tipos, fazia os popularíssimos pratos caldos-de-caridade e cabeça-de-galo. Quando a situação apertava por demais, recorriamos aos chibés de farinha com açúcar ou sal.

Quando meu pai vinha do interior trazendo vários paneiros de farinha e muita carne de caça e peixes, minha mãe e minhas irmãs mais velhas, à inexistência de outros processos de conservação dos dois últimos comestíveis, executavam trabalhos de salga, moquém e preparação da *mixira*. Em seguida, Raimundo e Alexandre botavam as mantas para secar num tendal de arame liso. Ambas cansativas atividades recebiam a colaboração de vizinhos, premiados ao final com tracajás, miúdos e postas de peixe ou carne.

Nessas ocasiões, o excepcional volume de frutas e legumes trazido, além da fartura de peixes, quelônios e carnes, levava os filhos menores a nos empanturrar de melancias, laranjas, abacaxis, jenipapos, mamões, mangas, ingás, taperebás, piquiás, uichis, melões, goiabas, tucumãs, maracujás-do-mato, bacuris, marimaris, pupunhas, canas-de-açúcar, carás roxo e branco, batatas-doces, camapus... Sem falar nos mingaus feitos por mamãe de jerimun, macaxeira, *crueira*, milho, banana, etc., e no arabu, iguaria feita com ovos de tartaruga ou de tracajá, farinha e açúcar.

O serviço de conservação de alimentos através dos processos de salga e moquém, no seio de nossa família, caíria em desuso a partir de 1955, com a aquisição de uma geladeira a querosene, substituída por uma outra movida à eletricidade em 1964.

Nos idos de 1950/1960, ao navegar de canoa pelo Amazonas, em direção das ilhas do Risco, Maqueira e Soriano ou para ir cuidar de seu roçado que ficava defronte ao Jauary, no outro lado do rio, meu pai só levava os filhos mais velhos. Temia a amerissagem em frente à cidade, às segundas-feiras e sextas-feiras, do hidroavião da

Panair do Brasil, e a passagem, em dias incertos e sem prévio aviso, da *burra-preta* (lança veloz) da PETROBRAS e dos cargueiros do Lloyd Brasileiro e Booth Line, dando causa a naufragos de pequenas e médias embarcações.

Ao longo dessa década, diversos acontecimentos marcariam intensamente Itacoatiara: em 1953, a chegada da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima; a grande enchente do rio Amazonas; o incêndio da saboaria “Santo Antonio” (11 de abril); e a instalação da facção do Exército brasileiro - Tiro de Guerra nº 276 (dezembro); em 1954, a visita do comandante militar da Amazônia, general Justino Alves Bastos (julho); em 1955, a visita do candidato presidencial Juscelino Kubitschek (06 de abril); a cassação do prefeito Teodorico de Almeida Nunes (08 de julho); e o desastre de aviação que resultou na morte do deputado estadual Antonio Vital de Mendonça (09 de agosto); em 1956, a frustrada ocupação da cidade por um avião militar tipo Douglas B-17, pilotado por rebeldes da FAB, sob a liderança do major-aviador Haroldo Coimbra Veloso, como reflexo de uma tentativa de golpe de Estado, iniciada em Jacareacanga/PA, contra o presidente Juscelino (fevereiro); o início da construção da rodovia AM-010, pelo lado de Itacoatiara (12 de março); a descoberta de petróleo no lugar “Nova Olinda”, território de Itacoatiara; a nomeação do novo vigário, padre Alcides Peixoto (22 de abril); e a fundação do Grêmio Estudantil “Fernando Ellis Ribeiro” (10 de agosto); em 1957, a inauguração do Aeroporto “Arico Barros”; e o início das obras de ampliação do serviço de abastecimento d’água; em 1958, a inauguração da Casa de Saúde “Dr. Heitor Santo Sé”; e em 1959, a instalação do projeto ETA-54, objetivando o plantio racional de seringueiras no rio Urubu.

Meu pai, ativo na campanha eleitoral de 1958, recepcionou a comitiva do PTB liderada pelo governador Plínio Coêlho. Era noite e os visitantes foram contemplados com uma lauta peixada preparada por minha mãe, ajudada por comadres e vizinhas. Aliás, conforme placa grafada na sua parede frontal, a casa nº 585 da Avenida 15 recebeu muitas outras personalidades públicas estaduais, ressaltando a

histórica visita do governador Arthur Cézar Ferreira Reis que, em caráter apenas afetivo, esteve visitando nossa família em 1965.(3)

Carregados de amor no coração, meus pais faziam questão de ajudar, principalmente àqueles que lhes estavam mais próximos.

A solidariedade entre vizinhos se revelava mais forte em caso de parto, doença ou desgraça na família. Em casos que tais, alguém logo se apresentava para trazer a medicação caseira cabível ao caso concreto, com as recomendações terapêuticas e a notícia de quem fez uso dela favoravelmente. Outro se oferecia para trazer o melhor benzedor ou a mais eficiente parteira. Não havia residência que não tivesse, para as “emergências”, mastruz, mamoma, crajiru, andiroba, copaíba, manjerição, banha de sucuriçu, sebo-de-carneiro, arruda, mangarataia, óleos e cascas de pau de toda espécie.

Quando da morte de um amigo ou conhecido, todos acorriam para colocar a mortalha no falecido, ajudar na confecção do caixão, estar presente no velório e afinal acompanhar o sepultamento.

A solidariedade era também nas coisas simples do dia-a-dia. Havia, entre todos, o hábito da troca de materiais e comestíveis: dois ou três ovos por um pouco de farinha, uma xícara de café torrado por um pedaço de carne de porco, algumas gramas de açúcar por uma pitada de sal ou óleo de cozinha... Assim como alguns próximos de nossa família vieram buscar auxílio em nossa casa, minha mãe, sem cerimônia embora de forma discreta, socorreu-se várias vezes de seus vizinhos mais chegados.

Além da solidariedade, a prática da religião e o respeito ao próximo estavam entre as boas orientações repassadas por meus pais. Entendíamos a casa como o lugar do recato, dos cuidados com os filhos e da honestidade. Guiavam-nos o olhar severo de meu pai e o brando de minha mãe. Éramos obrigados a rezar à mesa e ao deitar, cumprimentar as pessoas, tomar a bênção aos tios e padrinhos e comparecer à missa aos domingos. Filho homem devia se comportar

---

(3) Cf. de minha autoria, in *obra citada*, pág. 26.

como tal. Que as filhas, ao se casar, respeitassem seus maridos. Essa orientação foi encarada como um sagrado mandamento: minhas irmãs só tiveram, cada qual, um marido; a única que enviuvou felizmente se conserva, até hoje, cuidando somente de seus filhos.

Meus pais não admitiam filho dengoso. A propósito, registro aqui um fato simples: numa certa madrugada, eu e Francisca fomos acordados para tomar mamoma: à época o mais forte instrumento de combate à verminose. Instada por primeiro a ingerir o seu “remédio”, Francisca ensaiou chorar, sendo punida com uma palmada por meu pai, sob os protestos de minha mãe, clamando para que “não batesse na criança”. À minha vez, pensando receber a mesma proteção, eu igualmente reclamei. Ao que minha mãe, ato contínuo, falou: “Pedro, acaba com a manha desse nego. Dá mais uma palmada nele!”

Economizava-se, por necessário, mas sem prejuízo do bom paladar e do bem vestir.

O café, comprado na taberna da esquina em grãos, torrado e triturado em um pilão de toco de pau, era preparado com alguma pitada de erva-doce, adocicado com açúcar mascavo e servido na hora. O óleo de cozinha era substituído pela banha-de-porco vinda enlatada do sul do país e comprada a retalho. Quando se abatia um leitão, o toucinho era frito, transformado em torresmo e a banha daí resultante guardada em recipientes hermeticamente fechados para o consumo doméstico.

Tal qual suas comadres, minha mãe fazia, para uso interno ou para servir às visitas, saborosos bolos de milho, macaxeira ou trigo misturado com ovos e levados ao forno de lenha, tarefa que exigia malabarismos e louça apropriada; à inexistência desses instrumentos de cozinha os bolos eram assados em casa do vizinho mais abastado que, em troca da cortesia, recebia parte da guloseima.

Cozinheira de mão cheia, ela preparava desde simples fritos, assados e moquecas à caldeirada de peixes e cozidão de carne com verdura, estes baseados em um caldo gostoso carregado de urucu e

pimenta-do-reino seca, moída na própria casa. Daí, evoluía para a cabidela, o bife acebolado e a tartarugada com seus variados tipos de prato: guisado, picadinho, sarapatel, paxicá e farofa servida no casco.

A adição dos ganhos de meu pai e de seus filhos mais velhos à ajuda recebida mensalmente por minha mãe, durante o governo de Vargas, a título de abono às famílias com maior número de filhos, permitiu aos Gomes usufruir um razoável nível de vida. Ela mesma costurava a roupa dos de casa, velando por adquirir, além de toalhas, redes de dormir e lençóis de cama e mesa, tecidos ralos, finos, leves e encorpados, estampados ou lisos, usualmente destinados às suas batas, camisolas, vestidos simples do dia-a-dia e aos cueiros e roupas dos meninos (morim, flanela e chita); à indumentária de trabalho de meu pai (cáqui e fustão); e às roupas sociais de ambos (musselina, crepi, cambraia, linho, casimira e tricoline).

Em casa e em público, meus pais se vestiam adequadamente. Apesar das dificuldades, quando convidados para reuniões sociais ou cerimônias de casamento, compareciam vestidos a caráter: ela, com um elegante conjunto de saia e blusa; ele, de paletó e gravata, sempre portando um relógio de algibeira num dos bolsos da calça. Roupa que vinha engomada e bem passada.

Meu pai, também um improvisado carpinteiro que, no início de seu casamento, dedicou-se com a ajuda do cunhado José Inácio à tarefa de modificar sua própria casa, desde o começo da década de 1960 experimentou trabalhar na extração de estacas e na construção de cercas. Saía cedo de casa, pegava *carona* em um dos caminhões que trafegavam pela recém-aberta estrada Manaus-Itacoatiara, descia nas proximidades do quilômetro 14 e adentrava na mata fechada. Lá, passava o dia inteiro realizando as mais duras tarefas.

Após derrubar a machadadas uma grossa itaubeira ou pé de aquariquara, cortar a parte ereta de seu lenho em pedaços iguais de dois metros de altura, rachá-los na feição de estacas, carregava essas peças até um local propício à entrada do caminhão.

Conduzidas para a cidade, as estacas eram logo negociadas porque o serviço do *velho* Pedro sempre mereceu crédito. Meu pai fez a cerca da Maçonaria e de vários quintais de Itacoatiara. Em menino, eu o acompanhei a várias dessas tarefas: ficava espantado com a sua força e perícia. Era zeloso no alinhamento das cercas e jamais alguém o igualou na ação de apontar estacas a golpes de machado.

Pouco antes, meu pai tentara ser um pequeno comerciante, instalado num quiosque que Raimundo construía e sortira para ele, à esquina das ruas Coronel Queiroz e Isaac Perez, nos fundos da casa do Bedeu, um velho fazedor de tamboretas e contador de estórias. Vendendo mercadorias a retalho, quinquilharias, cigarros e bebidas, o estabelecimento não suportou o enorme volume de fiados e, por isso, em menos de um ano meu pai teve que fechá-lo.

A casa nº 585 da Avenida 15 sediou algumas ladainhas. Entre as promesseiras da cidade estavam dona Luiza Simões e as irmãs Corina e *Chiquinha* Alves. Devota de Nossa Senhora das Graças, minha mãe convidava seus amigos para a prece litúrgica formada por curtas invocações. Apesar de tediosa por que cantada num estropeado latim, a cerimônia juntava muitas pessoas. O curioso é que a mesma sala onde costumeiramente eram realizadas festas dançantes, de repente se transformava num centro de reza coletiva, de recolhimento cristão, de fé e invocação das coisas de Deus.

Em Itacoatiara, fatos atípicos marcariam todo o período 1960 e os anos imediatamente posteriores.

A estadualização da Escola Comercial, no dia 14 de março de 1963, desde aí enquadrada no rol das oficiais, vinha coroar uma antiga luta da juventude estudiosa local. Todo o país estava envolto no debate das “reformas de base”, defendidas pelo presidente João Goulart, deposto pelos militares em 01 de abril do ano seguinte.

Treze dias antes, a 19 de março, fora instalada a Prelazia. Em 05 de setembro de 1965 foi aberta ao tráfego de veículos a rodovia Manaus-Itacoatiara, batizada de “Torquato Tapajós”. Como parte da

programação desse dia foi lançado o meu primeiro livro “Itacoatiara. Roteiro de uma cidade”, prefaciado pelo insigne governador Arthur César Ferreira Reis. Naquele instante nossa casa recebeu a afluência de muitas pessoas e meus pais se encheram de contentamento.

No dia 07 de setembro de 1966 foi inaugurada a nova usina termelétrica de Itacoatiara; em 07 de novembro do mesmo ano foi nomeado o interventor federal Armindo Magalhães Auzier; em maio de 1968 foi dado início à construção do conjunto residencial “Iracy”; e em 1970 foi reformada a igreja matriz Nossa Senhora do Rosário.

No dia 27 de agosto de 1971, quarenta dias após meu casamento, uma negra cortina de silêncio e um ar de grande tristeza cobriram Itacoatiara. A casa nº 585 da Avenida 15 de Novembro foi imediatamente preparada para receber o corpo de minha mãe que, cedo da manhã daquele dia, morrera em Manaus.

## Capítulo X:

### EPÍLOGO

Após a missa de sétimo dia do falecimento de minha mãe, em setembro de 1971, Maria de Nazaré levou meu pai para Coari, onde ele ficaria por cerca de quarenta dias.

Aquela lutuosa, triste cerimônia na igreja matriz, celebrada por alma dela, representou sobretudo um momento de reflexão para seus filhos. Choramos, agarrados às nossas mais caras lembranças.

A partir dali, redobraríamos os cuidados em favor de nosso pai. Tudo para distraí-lo, tornar seu sofrimento mais esmaecido. Uns tempos ele passava em Manaus, outros em Itacoatiara. Quando nesta cidade, era compelido a estar na fazenda de Raimundo, na estrada do Canaçary, ou em nosso sítio, na Manaus-Itacoatiara.

Ademais, almejando por uma vida mais tranqüila, em meados de 1973 meu pai abandonou suas atividades profissionais para se aposentar em seguida.

Mas, se por um lado os proventos do FUNRURAL lhe deram um ganho certo e a condição de desocupado um ar de franca despreocupação, por outro o sossego e quase sedentarismo daí resultantes o colocariam na linha de risco de vida.

Acomodado, passou a caminhar menos, mudando do estilo de comida frugal para o quase guloso. Festejado pelas filhas, noras e netas, que lhe serviam lautas refeições, começou a engordar. Mesmo proibido de fumar, aqui e ali burlava a vigilância dos filhos: se não podia comprar cigarros, pitava algum “cedido” por amigos fumantes. Nas festas, às vezes carregava na cerveja. Tudo ao contrário do que lhe prescreviam os médicos...

Pedro Gomes da Silva - alma boníssima, portadora de bom humor; um homem caladão, dotado de sabedoria, de bem com todos e

ao mesmo tempo um entusiasmado festeiro – lutou duramente pela vida e, no ocaso dela, relaxou.

Em certa altura da sua viuvez, como que para lembrar os áureos tempos de mocidade, fez-se presente em algumas festas do Canaçary e da Penha. Para ali era levado, sempre em companhia do velho amigo *Doca* Rattes, através de uma estrada de barro pelo filho caçula, Gutemberg, no jeep do mais velho, Raimundo – que, como os demais, fazíamos-lhe todos os gostos.

Também, como não podia mais contar com a dedicada esposa e companheira de folguedos, era disputado às danças pelas filhas, noras e netas nas festas de seu aniversário, natalinas e de final de ano, realizadas em rodízio familiar, em Manaus e Itacoatiara. Em tais ocasiões, apesar de estar acima dos 70 anos de idade, poucos o igualavam em disposição e alegria.

Meu pai personificou um homem correto e equilibrado, uma figura simples, alegre e generosa, integralmente dedicada à busca de felicidade para a sua família. Às vezes agia *politicamente*, revelando astúcia para conduzir acontecimentos e contornar situações, tudo no interesse de não magoar quaisquer de seus filhos. Estando certa feita no interior de uma loja em Manaus, ao agradecer um presente de Maria de Nazaré não economizou adjetivos: “Obrigado, minha filha. Você é a nega bacana e mais querida de seu pai”. Mas, ao notar que atrás de si outra filha (Wanilda) o observava, enciumada, remendou rápido: “E você, também, minha filha!”.

Pois, esse notável figurante da linda e ilustrativa história ora cantada, em prosa e verso, teimou até à morte. Sofreu sete AVC's. O primeiro, poucos dias antes do casamento de Gutemberg: 12 de fevereiro de 1983. Tratado mesmo em Itacoatiara pelo médico Paulo Nazareno Sarrazim, recuperou-se rapidamente e sem seqüelas. Pouco depois, ele sofreria outros seis surtos, um a cada ano, geralmente próximo do Natal, sendo que uma vez em dias anteriores ao seu aniversário, no mês de junho.

A maior parte dessas crises foi equacionada em Manaus, para onde era imediatamente transportado. Embora sem as forças, o ânimo e a vitalidade de outrora, meu pai surpreendia por responder favoravelmente ao tratamento e deixar o leito hospitalar em pouco tempo. Depois, ainda que não totalmente sarado mas expressando uma imensa vontade de viver, lá estava ele confraternizando com seus familiares e amigos.

Entretanto, os sucessivos derrames tornariam seu semblante cada vez mais triste e seu corpo muito vulnerável. O passar dos anos já externava estar ele prestes de passar desta para melhor vida.

O derradeiro AVC que o atingiu ocorreu por volta das três horas da tarde do dia 18 de dezembro de 1990. Estava ele sentado na sala da casa da Avenida 15 de Novembro. De repente, seus olhos ficaram fixos no horizonte, sua voz sumiu e seu corpo perdeu a mobilidade. Era o início de um processo que resultaria na sua morte agônica.

Ao alarme de Wanilda Yolanda, acorreram prontamente todos os filhos presentes em Itacoatiara. E depois viriam os residentes em Manaus. Internado sob os cuidados do doutor Alberto Ianuzzi Neto, na Clínica Médica Itacoatiara Ltda., meu pai ali ficou até 29 de dezembro. A pretexto de passar o final do ano com os filhos, obteve alta hospitalar e foi acomodado em um quarto de casa especialmente arrumado para recebê-lo.

Desenganado, Pedro Gomes da Silva passou a viver em um estágio de vida vegetativa: a que se processa sem interferência da vontade do paciente, sem interesses reais, alheia a tudo quanto se passa ao redor. O seu estado era de cortar o coração, tocava, comovia ao extremo. O outrora homem forte e sempre disposto estava, ali, prostrado, ofegante, entregue ao seu próprio destino. Incapaz de recobrar a coragem, o ânimo, o entusiasmo, enxergava, ouvia mas não compreendia. Sofria uma dor mais moral que física. E também fazia sofrer aos seus.

O quadro doloroso por que passava era amenizado pelo amor e desvelo de suas filhas. Para compensar os esforços diários delas à sua cabeceira, a partir dum certo momento, foram contratados dois enfermeiros que se revezariam em plantões noturnos.

Em 18 de fevereiro do ano seguinte, dia do aniversário de Olendina, dar-se-ia um verdadeiro milagre na casa da 15: meu pai balbuciou o nome de minha mãe, parecendo que se comunicavam. Ele, que já se alimentava com dificuldade, sobretudo por via venosa e com avaliações médicas periódicas, dali para frente se negaria a comer e beber, terminantemente. Então, dispensados os enfermeiros, suas filhas passaram a cuidá-lo com exclusividade.

Eis que, afinal, o ambiente precisaria apenas de silêncio e preces. No dia 22 de março de 1991, após três meses e quatro dias de angustiosa espera, deu a alma a Deus Pedro Gomes, meu pai.

**APÊNDICES/ANEXOS**





Navio vapor tipo "gaiola" da Empresa Amazon River.  
01 - Em meados de 1880, procedente do Ceará, Manoel Gomes da Silva veio de Belém para Manaus e daí para o Acre, embarcado no vapor "Marajó".

02 - Em meados de 1918, motivada pela crise da borracha, a família de Manoel veio do Acre para Manaus; daí para Itacoatiara num "gaiola" do mesmo tipo. Foto retirada do livro "Nos confins do extremo oeste", de Glímedes Rego Barros, editado em 1993.



Tapiri - Local de defumação da borracha em um seringal acreano no início do século XX. Foto retirada do livro "Nos confins do extremo oeste", de Glímedes Rego Barros, editado em 1993.

## PRELAZIA DO ALTO JURUÁ

PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ

CNPJ Nº 02.18/0005-30

PARÓQUIA SÃO JOSÉ

Rua Cel. Juvêncio de Menezes.

Tarauacá

Estado do Acre

CEP 69570-000

Tarauacá - Acre

## CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que às folhas 35 do livro de Casamento nº 1 da Paróquia de São José, encontra-se o seguinte termo:

Aos 16 dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e oitos (1908) em Jos. Santa Bárbara Freguesia de São José, desta Prelazia do Alto Juruá, depois de habilitados canonicamente, por palavras de presente, na forma do Ritual Romano, em presença do Pe. Vitadello e dos testemunhas abaixo assinadas, receberam-se em matrimônio os contratantes: Gonzalo de Hollanda Franco e Maria Gomes da Silva

Ele, neteiro nascido aos \_\_\_\_\_ dias do mês de \_\_\_\_\_ de mil novecentos e \_\_\_\_\_ filho legítimo de Alexandre Hollanda de Valle e de Maria Joana Franco natural de Baturiti - Ceará batizado em \_\_\_\_\_ Diocese de \_\_\_\_\_

Ela, neteira nascida aos \_\_\_\_\_ dias do mês de \_\_\_\_\_ de mil novecentos e 1878, filha legítima de Francisco Gomes da Silva e de Francisca Gomes da Costa natural de Comissão - Ceará batizado em \_\_\_\_\_ Diocese de \_\_\_\_\_

Receberam as bênçãos nupciais.

O Sacerdote: Pe. VitadelloOs noivos: Gonzalo de Hollanda Franco  
Maria Gomes da Silva

Testemunhas: 1ª \_\_\_\_\_ 2ª \_\_\_\_\_  
3ª \_\_\_\_\_ 4ª \_\_\_\_\_  
5ª \_\_\_\_\_ 6ª \_\_\_\_\_

NOTA — Este matrimônio foi realizado de acordo com a Lei nº 1.110, de 23 de Maio de 1950, que lhe garante todos os efeitos civis (cf. art. 163 da Constituição Federal).



referido termo, que foi fielmente transcrito do original a que me reporto e dou fé.

de 16 de Julho de 2005Padre: Pe. Matthias Laves

Certidão de Casamento dos pais de Pedro Gomes da Silva em 16/09/1908.  
Cópia emitida pela Paróquia de São José, Tarauacá/Acre em 16/07/2005.



PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO  
ITACOATIARA — AMAZONAS  
BRASIL

## CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que revendo os livros de registro de assentamentos de Casamentos efetuados nesta Paróquia de N. S. do Rosário, encontrei a fl. 131 n.º 2 do livro n.º 02 o termo do casamento seguinte:

"Nos 27 dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e trinta e seis em Itacoatiara, Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, na forma do Rito Romano, em presença do Revmo. Padre Joaquim Pereira e das testemunhas Arthur Benção e Francisca Fernandes receberam-se em matrimônio os contratantes: Pedro Gomes da Silva e Olivia Maria de Arruda

com trinta (30) anos de idade,  
Ele, nascido nos dias do mês de de mil novecentos e

Filho de Alexandre Franco da Silva e de Maria Gomes da Silva natural de Amazonas

com vinte e três (23) anos de idade,  
Ela, nascida nos dias do mês de de mil novecentos e

Filha de Ignácio José Arruda e de Maria Francisca de Arruda Natural de Amazonas

Doa fé de que o referido é verdadeiro.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Itacoatiara, 20 de fevereiro de 1974

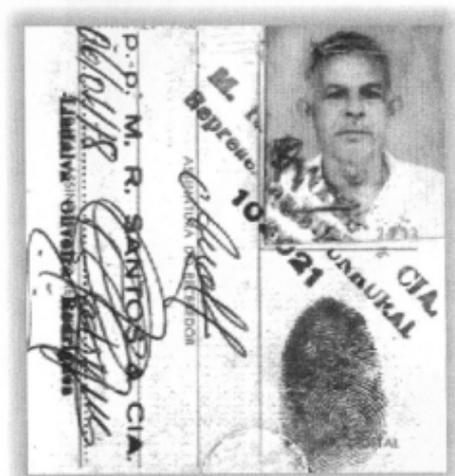
Vigário



*Certidão de Casamento de Pedro e Olivia, perante o vigário padre Joaquim Pereira, realizado em 27/06/1936. Cópia emitida pela Paróquia N. S. do Rosário em Itacoatiara, 20/02/1974.*



Pedro Gomes aos 32 anos de idade.  
Foto inserida em sua Carteira de Trabalho/1938.



Pedro Gomes aos 67 anos de idade.  
Foto inserida em sua Carteira de Aposentado/1973.



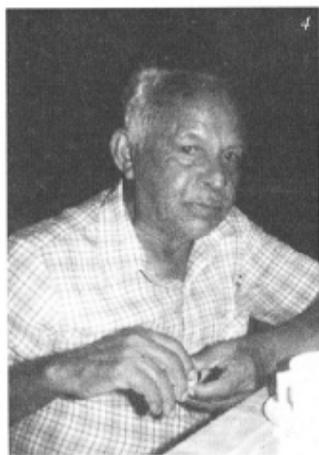
*Pedro Gomes em diversas ocasiões:*

1 - Rua Dr. Machado, Manaus: 1972.

2 - An. 15 de Novembro, Itacoatiara: 1975.

3 - Conjunto Kyssia, Manaus: 1987.

4 - An. 15 de Novembro, Itacoatiara: 1988.



*Olivia Maria entre os filhos Francisco e Maria de Nazaré, no casamento do primeiro. Igreja de Santa Rita Manaus, 17 de julho de 1971.*



*Olivia Maria aos 45 anos de idade. Foto: Título Eleitoral n° 2720. Itacoatiara, 1958.*



*Olivia Maria sentada, rodeada da sua cunhada Clara Fernandes, filhos e netos. Itacoatiara, 16 de novembro de 1968, comemorativo dos 15 anos de Maria das Graças.*



Pedro Gomes no Casamento da filha Maria das Graças.  
Itacoatiara: 04/01/1974.



Casamento de Olivia, 3ª filha de Pedro Gomes  
Itacoatiara: 25/12/1957.



Pedro Gomes no Casamento da filha Wanilda Yolanda.  
Itacoatiara: 20/07/1963.



Pedro e Olivia Gomes no Casamento do filho Pedrinho.  
Itacoatiara: 20/12/1970.



Pedro Gomes no Casamento  
do filho Gutemberg.  
Itacoatiara: 12/02/1983.



*Casamento de Maria de Nazaré,  
2ª filha de Pedro Gomes.  
Itacoatiara: 27/06/1959.*



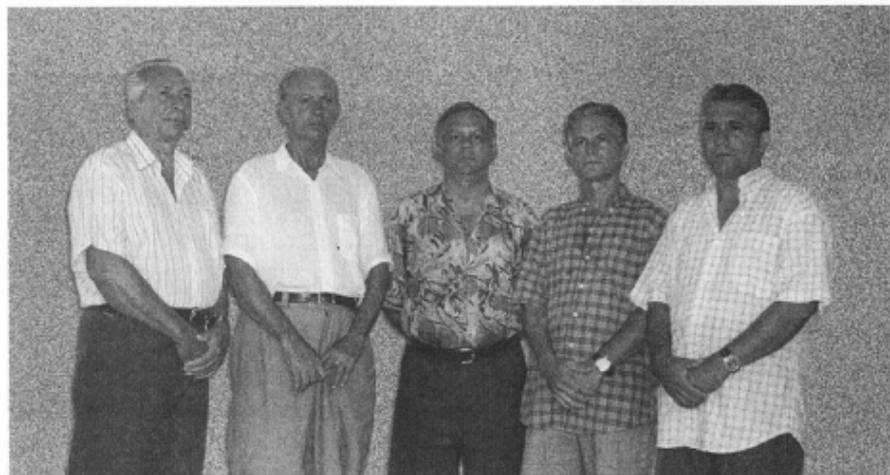
*Olivia Gomes no Casamento do filho Francisco. Igreja de  
Santa Rita. Manaus: 17/07/1971.*



*Casamento de Olendina, 4ª filha de Pedro  
Gomes. Itacoatiara: 20/05/1961.*



*Raimundo e Mariazinha no  
Casamento de Francisco e  
Maria de Fátima.  
Manaus: 17/07/1971.*

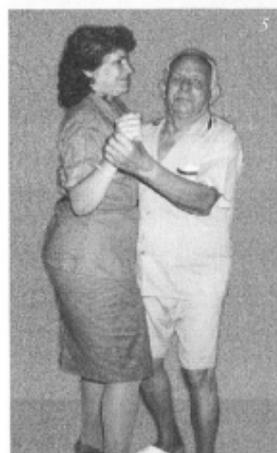


*Os cinco filhos homens de Pedro e Olívia Gomes. Da esquerda para direita: Raimundo, Alexandre, Francisco, Pedrinho e Gutemberg. Foto de 2001.*



*Pedro Gomes, em diversos momentos, dançando com as filhas:*

1. Wanilda;
2. Maria de Nazaré
3. Olívia;
4. Olendina
5. Jandira;
6. Francisca;
7. Maria das Graças.





*Pedro Gomes, em diversos momentos, dançando com:*

- 1. A neta Jeane Mara;*
- 2. A neta Ladislene;*
- 3. A neta Olivianeth Mary;*
- 4. A neta Wagda;*
- 5. A nora Elielza.*



*Momento de descontração:  
Pedro Gomes dançando  
com sua irmã Nair.*





*Pedro Gomes e seu irmão Paulino na festa de formatura em Direito do autor. Atlético Brasil Clube - Itacoatiara/Dezembro de 1972.*



*Pedro Gomes, sua irmã Nair e demais familiares, após solenidade de formatura em Direito do autor. Área externa do Teatro Amazonas. Manaus/Dezembro de 1972.*



*Pedro Gomes no lançamento da pedra fundamental do Olivia's Hotel, ao lado do diretor da EMAMTUR Aderson Frota, Itacoatiara/Março de 1970.*



*Pedro Gomes na formatura militar do filho Gutemberg, Quartel do 1º BIS. Manaus/junho de 1976.*



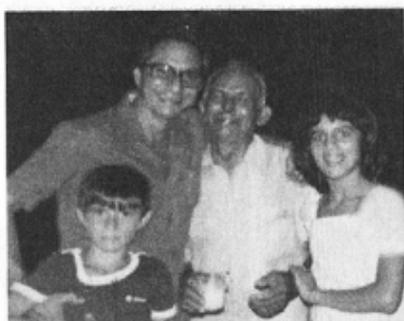
*Pedro Gomes ladeado pelo genro João Azevedo e os filhos Maria de Nazaré, o autor e Pedrinho. Itacoatiara /Março de 1970.*



*Pedro Gomes, sentado entre filhos e netos na casa do Raimundo, Avenida 15 de Novembro, Itacoatiara: 1972.*



*Pedro Gomes e sua filha Maria de Nazaré, após missa de 7º dia de sua esposa Olívia em 04/09/1971. Detalhe para a tarja preta em seu bolso.*



*Pedro Gomes, o filho Raimundo e os netos Ronnie e Wágda. Itacoatiara: 1979.*



*Pedro Gomes rodeado pelos netos Jânio Helder, Jane Mary, Olenívia e a nora Maria Auxiliadora. Av. 15 de Novembro. Itacoatiara: 1988.*



*Pedro Gomes rodeado pelas filhas Francisca, Nazaré e Maria das Graças, genro João Lopes e netos. Conjunto Kissia - Manaus, 01/07/1988.*



*Pedro Gomes ladeado por Raimundo e Mariaginha. An. 15 de Novembro. Itacoatiara, março de 1986.*



*Pedro Gomes com seu neto Jânio Heider. Itacoatiara, 1988.*



*Pedro Gomes, após restabelecido do Hospital, entre o autor e Raimundo. Manaus, 01/07/1986.*



*Pedro Gomes com sua neta Olivinha. Itacoatiara, 1985.*



*Pedro Gomes, sua filha Francisca e o neto Pedro Oswald. Manaus: 1983.*



O folião Pedro Gomes no Carnaval de 1977.



Pedro Gomes rodeado pelas filhas Francisca, Nazaré, Jandira, Olendina, a nora Ivanildes e netos. Manaus: 1983.



Pedro Gomes rodeado pelos genros Antonildes, Raimundo José e João Lopes. Conjunto Kissia - Manaus, 29/06/1987.



Pedro Gomes rodeado pela irmã Nair, seus filhos e filhas. Conjunto Kissia. Manaus, julho de 1988.



*Pedro Gomes rodeado pelo genro Aroldo, neta Jane Mary e o filho Raimundo. Manaus: revillon de 1982.*



*Pedro Gomes e seu irmão Paulino; festa de 10 anos do neto Jbsonnildo. Ar. 15 de Novembro/Itacoatiara: 22/11/1985.*



*Pedro Gomes rodeado pelos genros João Lopes, Raimundo José e o filho Pedrinho. Conjunto Kissia - Manaus: 1983.*



*Pedro Gomes rodeado pela filha Jandira, o genro Ladislau e o neto Pedro Osvaldo. Conjunto Kissia - Manaus, 1980.*



*Pedro Gomes ladeado pelas filhas Francisca e Maria de Nazaré. Conjunto Kissia - Manaus: 1983.*



*Foto tirada após o sepultamento de Pedro Gomes: 23/03/1991. Da esquerda para direita, em pé: os filhos Alexandre, Raimundo, Francisco, Pedrinho e Gutemberg. Sentadas: as noras Mariazuzina, Maria de Fátima, Ivanildes e Elielza.*

*Obr: A cadeira rosa simboliza a ausência de Margarida, falecida esposa de Alexandre.*

*Foto tirada após o sepultamento de Pedro Gomes: 23/03/1991. Da esquerda para direita, em pé: os genros Aroldo, João Lopes, João Azevedo, Francisco Luiz, Antonildes, Ladislau e Raimundo José. Sentadas: as filhas Maria das Graças, Maria de Nazaré, Wanilda Yolanda, Olívia, Olendina, Jandira e Francisca.*



*Foto dos filhos de Pedro Gomes, tirada após o seu sepultamento: 23/03/1991. Da esquerda para direita, em pé: Raimundo, Jandira, Alexandre, Francisco, Francisca, Pedrinho, Maria das Graças e Gutemberg. Sentadas: Wanilda Yolanda, Maria de Nazaré, Olívia e Olendina.*



Três lanes de fotos dos netos de Pedro Gomes, tiradas após o seu sepultamento.  
Itacoatiara: 23/03/1991.





## FAMÍLIA DE PEDRO GOMES DA SILVA ÁRVORE GENEALÓGICA

(**Legenda:** n. = Nascimento; b. = Batismo; c. = Casamento ou união estável; f. = Falecimento; e. = Enterro; d. = Desquite ou divórcio; s. = Separação de fato; di. = Data ignorada).

**01.** Gonçalo de Hollanda Franco (n. Baturité/CE di; f. Tarauacá/AC em fevereiro de 1909).

Esposa: Maria Gomes da Silva (n. Camocim/CE 1878; c. e f. Tarauacá/AC 16.09.1908 e 1916).

**02.** PEDRO GOMES DA SILVA (n. Cruzeiro do Sul/AC 29.06.1906; f. e e. Itacoatiara/AM 22 e 23.03.1991).

**01.** Inácio José de Arruda (n. Campina Grande/PB di; f. e e. Careiro/AM em meados de 1917).

Esposa: Maria Francisca Ferreira (n. Mossoró/RN 1887; c., f. e e. Itacoatiara/AM 1905 e 22.05.1964).

**02.** OLÍVIA MARIA DE ARRUDA (n. Careiro/AM 13.11.1913; c. Itacoatiara/AM 27.06.1936; f. Manaus/AM 27.08.1971; e. Itacoatiara/AM 28.08.1971).

**03.** Raimundo Gomes Sobrinho (n. e b. Itacoatiara/AM 27.07 e 27.12.1934).

1ª Esposa: Cléa Rodrigues Costa (n., c. e d. Itacoatiara/AM 07.06.1932; 22.07.1956 e 1966).

**04.** Socorro Frassinety Costa Gomes (n. Itacoatiara/AM 27.06.1957).

1º Esposo: Miguel Alves da Silva (n. São Francisco de Paulo/RS 29.09.1928; c. e s. Itacoatiara/AM 1974 e 1987; f. e e. Manaus/AM 04.02.2002).

**05.** Sérgio Romero Costa da Silva (n. Itacoatiara/AM 16.09.1975).

1ª Esposa: Matilde Pereira Diniz (n., c. e s. Itacoatiara/AM 28.08.1976; 1996 e 2000).

**06.** Mateus Pereira da Silva (n. Itacoatiara/AM 05.03.1999).



- **06.** Redney Pereira da Silva (n. Itacoatiara/AM 04.01.2002).  
2ª Esposa: Luciana Barbosa da Silva (n. e c. Manaus/AM em 08.04.1984 e 15.03.2002).
- **06.** Lavinha Barbosa da Silva (n. Manaus em 03.03.2005).
- **05.** Izaolivia Costa da Silva (n. Itacoatiara/AM em 14.11.1983).  
2º Esposo: Roberto Firmino de Lima (n. Eirunepé/AM 27.03.1956; c. Itacoatiara em 25.04.1989).
- **04.** Robson Rodrigues Gomes (n. Itacoatiara em 19.09.1958).  
Esposa: Graciney Ribeiro Lemos (n. e c. Itacoatiara/AM 11.12.1962 e 05.06.1981).
- **05.** Suyara Ribeiro Gomes (n. Itacoatiara/AM em 14.12.1981).
- **05.** Diego Ribeiro Gomes (n. Itacoatiara em 27.01.1984).  
2ª Esposa: Maria Zacarias de Almeida (n. Autazes em 11.11.1947; e c. Itacoatiara/AM 25.07.1980).
- **04.** Rodney Corrêa Nunes (n. em Itacoatiara aos 31.07.1955).  
Esposa: Luiza Maria Dabela Nunes (n. em Barreirinha/AM em 20.10.1955; e c. Manaus em 24.05.1975).
- **05.** Denize Dabela Nunes (n. Manaus em 01.11.1977).  
Esposo: Jucely Gonçalves Ferreira (n. e c. em Manaus/AM 23.11.1971 e 09.11.1996).
- **06.** Gabriel Nunes Ferreira (n. em Manaus em 01.02.1997).
- **05.** Darley Dabela Nunes (n. Manaus em 11.11.1980).



- **04.** Nazaré do Socorro Campos Costa (n. em Itacoatiara/AM em 08.10.1961).  
Esposo: Vilson Rodrigues da Costa (n. em Faro/PA em 08.01.1964; e c. em Parintins em 03.01.1986).
- **05.** Caio César Campos da Costa (n. em Itacoatiara/AM 06.09.1998).
- **04.** Nelson Raimundo Pinheiro Campos (n. em Itacoatiara/AM 09.10.1962).  
Esposa: Edna de Cássia Cardoso Campos (n. e c. Parintins/AM em 22.05.1971 e 30.07.1988).
- **05.** Rafael Cardoso Campos (n. em Parintins em 30.12.1988).
- **05.** Gabriel Cardoso Campos (n. em Parintins em 19.04.1996).
- **04.** Ronnie Almeida Gomes (n. Itacoatiara/AM em 02.12.1969).  
— **05.** Elessandra Passos da Silva Gomes (n. em Itacoatiara 04.03.1986).  
— **05.** Tiago Soares de Oliveira Gomes (n. em Itacoatiara em 22.07.1987).  
— **05.** Thaissa Paula Pereira Gomes (n. em Itacoatiara 04.01.1993).
- **04.** Ronielle Almeida Gomes (n. Itacoatiara em 20.04.1976).  
Esposo: Roberto Nogueira Antunes (n. Santa Izabel/GO em 23.01.1967; c. em Manaus em 28.07.2000).  
— **05.** Roberto Vinicius Gomes Antunes (n. em Belém/PA em 07.04.2005).
- **04.** Rômulo Almeida Gomes (n. Itacoatiara em 22.09.1981).  
Esposa: Suziellen Soares da Silva (n., c. e s. Itacoatiara em 26.01.1984; 07.07.2001 e 2004).  
— **05.** Samille Rayane Soares Gomes (n. em Itacoatiara/AM 30.10.2002).



- 03. Wanilda Yolanda Gomes da Silva (n. Itacoatiara em 15.12.1935).  
Esposo: João Falcão de Azevedo (n. em Humaitá/AM 23.06.1938; e c. Itacoatiara 20.07.1963).
- 04. Jhonildo Gomes de Azevedo (n. em Itacoatiara em 06.03.1964).  
Esposa: Giselle Vieira Alves (n. e c. Itacoatiara/AM 18.11.1965 e 28.12.1985).
- 05. João Falcão de Azevedo Neto (n. Itacoatiara/AM em 09.03.1987).
- 05. Jhonildo Gomes de Azevedo Segundo (n. em Itacoatiara/AM em 09.03.1987).
- 05. Jorge Alberto Alves de Azevedo (n. Itacoatiara/AM em 05.04.1990).
- 04. Vânia Gomes de Azevedo (n. Itacoatiara em 17.04.1965).  
Esposo: Gilvânio Neves Corrêa (n. e c. Silves/AM em 14.02.1977 e 20.04.2004).
- 04. Wagda Gomes de Azevedo (n. em Itacoatiara/AM em 08.05.1966).  
1º Esposo: Sidney da Costa Ramos (n., c. e d. Itacoatiara em 02.11.1958; 18.11.1982 e 18.06.1992).
- 05. Johansson de Azevedo Ramos (n. Itacoatiara/AM em 14.10.1985).
- 05. Yasmin de Azevedo Ramos (n. em Itacoatiara/AM 25.11.1990).  
2º Esposo: Evaldo Rocha de Souza (n. e c. Itacoatiara/AM em 27.06.1957 e em 27.06.1994).
- 04. Johnsonildo Gomes de Azevedo (n. Itacoatiara/AM em 22.11.1975).



- 03.** Alexandre Gomes da Silva (n. em Itacoatiara/AM em 18.03.1937).  
1ª Esposa: Margarida Janeth Medeiros Onety (n., c. e f. em Itacoatiara/AM 10.02.1942; 24.04.1958 e 14.11.1976).
- 04.** Alex Fred Gomes da Silva (n. Itacoatiara em 07.11.1958; f. em Manaus 05.10.2004; e e. Itacoatiara/AM 07.10.2004).  
1ª Esposa: Antonia da Silva Pinheiro (n., c. e s. em Tapauá em 10.04.1958; 09.12.1977 e 1980).
- 05.** Alexandre Gomes da Silva Neto (n. Tapauá/AM em 12.07.1978).
- 05.** Geni Pinheiro Gomes (n. Tapauá em 06.12.1979).  
1º Esposo: John Rabelo Lopes (n., c. e s. em Tapauá 06.10.1975; 05.09.1995 e 03.12.1999).
- 06.** Sara Gomes Lopes (n. em Tapauá/AM aos 03.05.1996).  
2º Esposo: Evandro Avelino Abreu (n. e c. em Tapauá/AM 05.01.1978 e 06.07.1999).
- 06.** Eydraini Erlen Gomes de Abreu (n. em Tapauá/AM em 01.08.2003).  
2ª Esposa: Neicilene Almeida Araújo (n. Urucurituba/AM em 31.08.1967; c. em Itacoatiara/AM 30.03.1983).
- 05.** Hugo Araújo da Silva (n. e f. em Itacoatiara/AM em 14.12.1984 e em 01.05.1994).
- 05.** Alexander Araújo da Silva (n. em Itacoatiara/AM em 17.07.1985).
- 05.** Alex Araújo da Silva (n. Itacoatiara em 26.01.1993).



- 04.** Almino Afonso Gomes da Silva (n. em Itacoatiara/AM em 15.03.1960).  
Esposa: Ana Rita Pereira Dias (n. e c. Itacoatiara/AM 15.09.1961 e 07.07.1991).
- 05.** José Alexandre Pereira da Silva (n. Itacoatiara/AM 23.07.1998).
- 04.** Margarivanda Gomes da Silva (n. Itacoatiara/AM em 26.07.1961).  
1º Esposo: Ulimar de Lima Fortes (n., c. e s. Manaus em 20.10.1960; 02.02.1977 e em 08.08.979).
- 05.** Ulisson Márcio Silva Fortes (n. em Manaus/AM 15.02.1980).  
2º Esposo: Sócrates Platão Marques de Paiva (n., c. e s. em Itacoatiara/AM 13.04.1959; 07.04.1987 e 03.03.1991).
- 05.** Luana Gomes Paiva (n. em Itacoatiara em 01.07.1988).  
3º Esposo: Raimundo Pinheiro da Silva (n. Sena Madureira/AC aos 14.01.1959; e c. em Manaus/AM em 16.03.1992).
- 04.** Alan Douglas Gomes da Silva (n. Itacoatiara/AM em 27.08.1962).  
Esposa: Luizete Batista Conceição (n. Itacoatiara/AM 02.01.1959; c. em Manaus/AM aos 16.09.1997).
- 05.** Alan Gomes da Silva Júnior (n. em Manaus/AM em 23.01.1983).  
Esposa: Morgana Roberta de Oliveira (n. Codó/MA em 15.07.1963; e c. Manaus/AM em 10.01.2002).
- 05.** Alexandre Gomes da Silva Neto (n. Itacoatiara/AM em 08.08.1984).  
Esposa: Adriana Ferreira dos Santos (n. e c. Manaus/AM em 07.09.1986 e em 20.11.2002).



- **06.** Suane dos Santos Gomes (n. Manaus/AM em 15.08.2004).
- **05.** Adson Allen Gomes da Silva (n. em Itacoatiara em 26.08.1986).
- **04.** Alain Delon Gomes da Silva (n. Itacoatiara aos 18.04.1966).
  - 1ª Esposa: Jonice Maria de Castro (n., c. e d. Urucurituba/AM 22.03.1968; 1984 e 1988).
  - **05.** Margarida Janeth da Silva Neça (n. Urucurituba/AM 13.10.1984).
    - Esposo: Ivan dos Santos Serrão (n. Urucurituba/AM em 26.03.1973; e c. Manaus junho/2005).
    - **06.** Maria Clara da Silva Serrão (n. em Manaus 14.04.2005).
  - **05.** Mainé Zenith Castro da Silva (n. Urucurituba/AM em 02.02.1986).
    - Esposo: Rodolfo de Almeida Rodrigues (n. e c. Urucurituba em 07.05.1984 e 07.02.2002).
    - **06.** Hanna Cristina Silva Rodrigues (n. Manaus 19.11.2002).
    - **06.** Luiz Henrique Silva Serrão (n. Manaus em 05.12.2004).
- **05.** Michelle Adriane Castro da Silva (n. Itacoatiara/AM em 02.07.1987).
- **05.** JérSYca Evelin Castro da Silva (n. Urucurituba/AM em 05.01.1991).
  - 2ª Esposa: Gorete Cunha Caiado (n. e c. Itacoatiara 06.03.1975 e 22.11.1992).
- **05.** Yolanda Cunha Caiado Neta (n. em Itacoatiara/AM em 23.10.1993).
- **05.** Alain Gutemberg Caiado da Silva (n. Itacoatiara/AM em 18.06.1997).
- **05.** Irlana Caiado da Silva (n. Itacoatiara/AM em 07.11.2001).



- 05. Yasmin Caiado da Silva (n. em Itacoatiara em 10.02.2006).
- 04. Alexandre Magno Gomes da Silva (n. em Itacoatiara em 12.10.1971).
  - Esposa: Maria Raimunda Claudomira da Silva (n. e c. Itacoatiara/AM 10.10.1968 e em 03.08.1994).
  - 05. Lorena Janeth da Silva (n. Itacoatiara/AM em 07.05.1995).
  - 05. Hugo Felipe da Silva (n. Itacoatiara em 10.08.1998).
- 04. Luzardo Allen Gomes da Silva (n. Itacoatiara/AM em 01.03.1973).
  - 2ª Esposa: Marly da Silva Guimarães (n. Urucurituba/AM em 25.05.1965; c. e s. em Manaus/AM 31.05.1986 e 20.06.1992).
- 03. Maria de Nazaré Gomes da Silva (n.e b. Itacoatiara em 28.06 e 31.10.1938).
  - Esposo: João dos Santos Lopes (n. e c. Itacoatiara em 30.09.1935 e 27.06.1959).
- 04. Jânio Hélder Gomes Lopes (n. Itacoatiara em 03.10.1960).
  - Esposa: Maria Auxiliadora Almeida Costa (n. Itacoatiara em 09.08.1962; c. Manaus em 06.08.1988).
  - 05. Pietro de Holanda Franco Almeida Costa Gomes Lopes (n. Manaus em 19.08.1991).
  - 05. Lucas de Holanda Franco Almeida Costa Gomes Lopes (n. Manaus em 02.01.1994).
  - 05. Géssica Carine Freitas Gomes Lopes (n. Itacoatiara em 03.10.1998).
- 04. Jane Mary Gomes Lopes (n. Manaus/AM aos 11.09.1963).



- Esposo: Jorge Luís Gonçalves Assef  
(n. Sena Madureira/AC 23.04.1963; e  
c. em Manaus/AM 17.12.1999).
04. Jeane Mara Gomes Lopes (n. Manaus/AM  
em 15.06.1965).  
Esposo: Márcio Antonio de Oliveira Al-  
meida (n. em Itacoatiara/AM 03.02.1962;  
c. em Manaus/AM em 11.04.1992).
05. Eduardo Vital Lopes Almeida (n.  
Manaus em 10.03.1995).
05. Daniel Vital Lopes Almeida (n. em  
Manaus em 23.08.2001).
04. Jânder Gomes Lopes (n. em Itacoatiara em  
08.08.1966).  
Esposa: Cleoseneide Soares dos Santos (n.  
em Cruzeiro do Sul/AC em 28.04.1974; c.  
Manaus/AM em 14.05.1999).
05. Isabelle dos Santos Lopes (n. em  
Manaus/AM em 14.12.2001).
04. Jansen Mauro Gomes Lopes (n. Itacoatiara  
em 17.12.1969).  
Esposa: Rejane Azevedo de Souza (n. e c.  
Manaus/AM em 21.04.1971 e 02.03.2002).
05. João Victor de Souza Lopes (n. em  
Manaus/AM em 31.08.2002).
04. João dos Santos Lopes Júnior (n. Manaus  
em 07.06.1971).  
Esposa: Josy Karla Maciel Veras (n. e c.  
em Manaus 09.07.1978 e 26.05.2006).
03. Olívia Gomes da Silva (n. e b. Itacoatiara aos  
19.09.1939 e 21.01.1940).  
Esposo: Francisco Luiz da Rocha (n. e c. Itacoa-  
tiara em 19.08.1937 e 25.12.1957; f. Manaus em  
17.08.1997; e c. Itacoatiara/AM 18.08.1997).
04. Ricardo Luiz Gomes da Rocha (n., f. e c.  
Itacoatiara em 22.10.1958; 22 e 23.10.1961).



- 04. James Dean Gomes da Rocha (n. Itacoatiara em 18.11.1960).  
Esposa: Eleomar Mousinho Batista (n. em Obidos/PA em 29.08.1963; e c. em Manaus aos 10.10.1981).
- 05. Olívia Joice Mousinho da Rocha (n. Itacoatiara em 22.12.1981).  
Esposo: Cristiano Augusto Carmo Ferreira (n. e c. em Manaus/AM aos 16.03.1977 e 20.12.2003).
- 05. Jocimara Mousinho da Rocha (n. Manaus em 26.08.1983).  
Esposo: Fabrício Mendes de Souza (n., b. e c. Manaus em 05.03.1978, 10.05.1978 e em 24.06.2005).
- 06. Luís Henrique Rocha de Souza (n. em Manaus/AM aos 19.08.2005).
- 05. James Dean Gomes da Rocha Filho (n. Itacoatiara em 28.07.1992).
- 04. Gersey Jean Gomes da Rocha (n. em Itacoatiara em 05.11.1961).  
1ª Esposa: Lenice de Souza Cunha (n., c. e s. Itacoatiara em 17.04.1965; 12.06.1981 e aos 03.11.1981).
- 05. Jean Cunha Rocha (n. em Itacoatiara aos 11.06.1982).  
2ª Esposa: Rosália Leite Rego (n. Manicoré/AM em 21.08.1957; c. em Ariquenes/RO aos 03.03.1984).
- 05. Marcelo Leite Rocha (n. Ariquenes/RO em 05.12.1987).
- 05. Nicácia Leite Rocha (n. Ariquenes/RO em 27.09.1991).
- 04. Ricardo Francisco Gomes da Rocha (n. em Itacoatiara em 11.08.1962).



Esposa: Margareth Lima da Silva (n. e c. Itacoatiara em 22.02.1971 e 11.05.1987).

— 05. Mayara Silva da Rocha (n. Itacoatiara em 21.09.1987).

— 05. Richard Nixon Silva da Rocha (n. Itacoatiara em 29.11.1991).

— 05. Thiago Silva da Rocha (n. em Itacoatiara em 16.02.1996).

— 04. José Roberto Gomes da Rocha (n. Itacoatiara aos 23.07.1963).

1ª Esposa: Carmen Maria Honorato de Souza (n., c. e s. Itacoatiara 05.06.1964; em 04.08.1982; e 09.07.1985).

— 05. Carla Roberta de Souza Rocha (n. Itacoatiara em 11.09.1983).

2ª Esposa: Francinesme Almeida Moraes (n., c. e s. Itacoatiara em 17.02.1972; 11.04.1986 e em 28.01.1995).

— 05. José Roberto Gomes da Rocha Júnior (n. Itacoatiara em 15.01.1987).

— 05. Tayana Amídia Almeida Rocha (n. Itacoatiara em 10.06.1990).

3ª Esposa: Denilza Pinheiro Campos (n. e c. Itacoatiara 06.12.1966 e 23.02.1995).

— 05. Francisco Luiz da Rocha Neto (n. Itacoatiara em 13.01.2003).

— 04. Robervaldo Luiz Gomes da Rocha (n. Itacoatiara em 28.08.1964).

1ª Esposa: Ana Paula Rosas Caraciolo (n., c. e d. em Sanharó/PE em 04.10.1965; em 12.04.1985 e 14.04.1995).

— 05. Ramon Helkier Caraciolo da Rocha (n. Pesqueira/PE 01.12.1986).

— 05. Alinne Ramona Caraciolo da Rocha (n. em Pesqueira/PE 29.10.1989).

1. ...  
2. ...  
3. ...  
4. ...  
5. ...  
6. ...  
7. ...  
8. ...  
9. ...  
10. ...  
11. ...  
12. ...  
13. ...  
14. ...  
15. ...  
16. ...  
17. ...  
18. ...  
19. ...  
20. ...  
21. ...  
22. ...  
23. ...  
24. ...  
25. ...  
26. ...  
27. ...  
28. ...  
29. ...  
30. ...  
31. ...  
32. ...  
33. ...  
34. ...  
35. ...  
36. ...  
37. ...  
38. ...  
39. ...  
40. ...  
41. ...  
42. ...  
43. ...  
44. ...  
45. ...  
46. ...  
47. ...  
48. ...  
49. ...  
50. ...  
51. ...  
52. ...  
53. ...  
54. ...  
55. ...  
56. ...  
57. ...  
58. ...  
59. ...  
60. ...  
61. ...  
62. ...  
63. ...  
64. ...  
65. ...  
66. ...  
67. ...  
68. ...  
69. ...  
70. ...  
71. ...  
72. ...  
73. ...  
74. ...  
75. ...  
76. ...  
77. ...  
78. ...  
79. ...  
80. ...  
81. ...  
82. ...  
83. ...  
84. ...  
85. ...  
86. ...  
87. ...  
88. ...  
89. ...  
90. ...  
91. ...  
92. ...  
93. ...  
94. ...  
95. ...  
96. ...  
97. ...  
98. ...  
99. ...  
100. ...

- 2ª Esposa: Kelly Borges Ferreira (n. e c. Manaus em 13.08.1980 e 12.04.1996).
- 05. Lucas Ferreira da Rocha (n. em Manaus/AM em 21.01.1998).
- 04. Oliveth Maria Gomes da Rocha (n. em Itacoatiara em 28.04.1967).  
Esposo: Afrânio Oliveira (n., c. e s. em Itacoatiara 24.02.1966; 25.02.1988 e 1991).
- 05. Olinne Sammara Oliveira da Rocha (n. Manaus em 10.06.1988).
- 05. Patrick Rennon Gomes da Rocha (n. Manaus em 18.08.1993).
- 05. Pedro Luiz Gomes da Rocha (n. Manaus em 15.01.1999).
- 04. Olivana Mara Gomes da Rocha (n. Manaus em 05.06.1968).  
Esposo: Aristides Martins de Queiroz (n. e c. Itacoatiara 08.06.1966 e 14.05.1987).
- 05. Thayse Gomes de Queiroz (n. em Manaus/AM em 10.06.1988).  
Esposo: Adiel Camargo (n. em Pouso Alegre/MG em 04.09.1966; e c. em Itacoatiara em 25.03.2006).
- 05. Thamyle Gomes de Queiroz (n. em Manaus/AM em 05.10.1990).
- 05. Tide Gomes de Queiroz (n. Manaus em 11.11.1992).
- 04. Olivane Mary Gomes da Rocha (n. em Manaus em 23.06.1969).
- 05. Laura Gomes Teixeira (n. Manaus em 19.03.1997).
- 04. Olívia Márcia Gomes da Rocha (n. Manaus em 25.06.1972).
- 03. Olendina Gomes da Silva (n. e b. Itacoatiara/AM em 18.02 e 29.06.1941).  
Esposo: Antonildes Bezerra de Mendonça (n. e c. Itacoatiara 05.11.1937 e 20.05.1961).



- **04.** Olenildes da Silva Mendonça (n. Itacoatiara em 26.03.1962).  
Esposo: Ronaldo da Silva Vitor (n. em Óbidos/PA 21.04.1977; c. Manaus em 1994).
  - **05.** Vitor Mendonça Vitor (n. Manaus em 31.01.2000).
- **04.** Antonildes Bezerra de Mendonça Júnior (n. Manaus em 26.05.1963; e f. em Itacoatiara aos 12.05.1996).
- **04.** Olenívia do Espírito Santo da Silva Mendonça (n. Itacoatiara em 29.05.1966).  
Esposo: Hélder Bragado Chaves (n. em Humaitá/AM 23.12.1977; c. Manaus em 05.07.2002).
  - **05.** Maria Clara Mendonça Chaves (n. Manaus em 02.10.2003).
- **03.** Jandira Gomes da Silva (n. e b. em Itacoatiara em 31.05 e em 26.07.1942).  
Esposo: Ladislau Santiago Rebelo (n. e c. em Itacoatiara aos 27.06.1942 e 20.10.1962).
  - **04.** Ladislene Gomes Rebelo (n. Itacoatiara/AM em 16.09.1963).
    - 1º Esposo: Josenir Fernandes (n. em Goiânia/GO 08.01.1962; c. e d. Manaus aos 03.04.1987 e em 25.07.2003).
    - **05.** Leonardo Felipe Rebelo (n. Manaus em 27.03.1984).
    - **05.** Josenir Fernandes Júnior (n. Manaus em 10.11.1989).
      - 2º Esposo: Rui Oliveira Solimões (n. e c. Manaus em 28.08.1962 e 24.11.2001).
      - **05.** Júlia Rebelo Solimões (n. Manaus em 24.11.2004).
  - **04.** Lúcio Andrey Gomes Rebelo (n. Itacoatiara em 15.11.1964).  
Esposa: Francisca Luciany Mota Vaz (n. em Novo Aripuanã/AM 06.10.1960; c. em Manaus em 02.05.1986).



- 05. Joelma Vaz Rebelo (n. Manaus/AM em 11.02.1985).
- 06. Luciano Vaz Rebelo (n. Manaus em 13.09.2004).
- 05. Joab Vaz Rebelo (n. Manaus/AM em 16.10.1987).
- 05. Lúcio Andrey Filho (n. Manaus/AM em 04.11.1989).
- 05. Noemy Gabriely Vaz Rebelo (n. Manaus/AM em 03.04.1991).
- 05. Eva Vaz Rebelo (n. Manaus/AM em 03.10.1992).
- 05. Ladislau Rebelo Neto (n. Manaus em 24.01.1996).
- 04. Luís Alberto Gomes Rebelo (n. Itacoatiara em 24.10.1965).
  - 1ª Esposa: Majorimeire Souza de Freitas (n., c. e s. Manaus/AM em 02.02.1964; 10.12.1987 e 10.03.2002).
  - 05. Frank Hudson de Souza Rebelo (n. Manaus/AM em 03.03.1988).
  - 05. Daliana de Souza Rebelo (n. em Manaus/AM aos 11.02.1990).
  - 2ª Esposa: Ivonete Alves (n. Araguaia/MA 02.03.1969; e c. Manaus 09.09.2002).
  - 05. Luciana Alves Rebelo (n. Manaus aos 31.08.2002).
- 04. Lucilene Gomes Rebelo (n. Itacoatiara/AM aos 08.11.1966).
  - Esposo: Ernando Abess Farah (n., c. e s. em Manaus em 11.04.956; em 06.10.984 e em 01.12.2003).
  - 05. Luana Rebelo Farah (n. Manaus/AM aos 17.04.1985).
  - 05. Luciane Rebelo Farah (n. Manaus em 25.05.1987).



- 05. Livianne Fernanda Rebelo Farah (n. Manaus em 01.02.1991).
- 05. Lillian Lorena Rebelo Farah (n. em Manaus aos 17.01.1993).
- 04. Leonildo Afonso Gomes Rebelo (n. em Itacoatiara em 19.11.1967).  
Esposa: Raimunda Russo da Silva (n. em Silves/AM em 01.03.1969; e c. em Manaus aos 20.11.1987).
- 05. Larissa da Silva Rebelo (n. Manaus em 18.11.1992).
- 05. Rafael da Silva Rebelo (n. Manaus em 22.09.1994).
- 04. Luciney da Silva Rebelo (n. Itacoatiara em 13.08.1971).  
1º Esposo: Valdomiro José Vasconcelos de Lima (n. Monte Alegre/PA 13.05.1969; c. e d. Manaus 15.01.1988 e 27.11.1991).
- 05. Polyana Priscilla Rebelo Lima (n. Manaus em 28.04.1988).  
2º Esposo: Felix Nonato Taveira (n. e c. em Manaus em 06.01.1969 e 17/06/1992).
- 05. Felipe Rebelo Taveira (n. Manaus em 19.05.2000).
- 04. Pedro Osvaldo da Silva Rebelo (n. em Manaus em 18.02.1975).
- 04. Leila Mara da Silva Rebelo (n. Manaus em 09.02.76).  
Esposo: Francisco Afonso Nogueira Lima (n. e c. Manaus 19.10.1974 e 18.03.1995).
- 05. Kauã Afonso Rebelo Lima (n. em Manaus em 05.02.2004).
- 03. Francisco Gomes da Silva (n. e b. Itacoatiara/AM em 24.11.1945 e 29.06.1946).  
Esposa: Maria de Fátima Oliveira Repolho (n. em Urucurituba 31.01.1953; c. Manaus em 17.07.1971).

02 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
03 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
04 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
05 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
06 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
07 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
08 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
09 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
10 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
11 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
12 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
13 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
14 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
15 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
16 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
17 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
18 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
19 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)  
20 Livro de Registro de...  
(de 05/1991)

- **04.** Fábio Oliveira Gomes (n. em Itacoatiara em 08.08.1974 e b. Manaus em 01.12.1974).  
Esposa: Magnólia Reis Praia (n. e c. em Manaus em 25.09.1978 e em 14.03.2003).
  - **05.** Fábio Oliveira Gomes Júnior (n. Manaus em 27.07.2003).
  - **05.** Mabelle Fernanda Praia Gomes (n. em Manaus em 14.10.2005).
- **04.** Frank Oliveira Gomes (n. em Manaus 14.11.1975; e b. Itacoatiara em 10.03.1976).
- **04.** Fabiane Oliveira Gomes (n. e b. Itacoatiara em 23.07.1980 e 05.04.1981).
- **03.** Francisca Gomes da Silva (n. e b. Itacoatiara em 04.10.1947 e 01.01.1948).  
Esposo: Raimundo José de Vasconcellos Dias (n. Itacoatiara 01.06.1942; c. Manaus em 16.06.1964).
  - **04.** Nair Fernanda Gomes de Vasconcellos Dias (n. em Manaus 04.06.1964).  
Esposo: João Bosco de Albuquerque Toledo (n. e c. em Manaus em 24.06.1955 e aos 06.02.1982).
    - **05.** Tenylle de Vasconcellos Dias Toledo (n. Manaus/AM 27.01.1984).
    - **05.** Taylla de Vasconcellos Dias Toledo (n. Manaus/AM 08.02.1985).
  - **04.** Raimundo José de Vasconcello Dias Júnior (n. Itacoatiara em 10.06.1965).  
Esposa: Rita de Cássia Ferreira de Oliveira (n. em Carauari/AM em 20.05.1965; e c. em Manaus/AM aos 12.01.1990).
    - **05.** Camilo Alencar de Vasconcellos Dias (n. Manaus em 04.09.1988).
    - **05.** Juliana Oliveira de Vasconcellos Dias (n. Manaus em 12.04.1992).
    - **05.** Jhordan Oliveira de Vasconcellos Dias (n. Manaus em 27.03.1995).



- **04.** Pedro Camilo Gomes de Vasconcellos Dias (n. Itacoatiara em 11.05.1970).  
Esposa: Guadalupe Antella da Silva (n. e c. Manaus em 12.05.1971 e 14.09.1990).
  - **05.** Kefreen Antella de Vasconcellos Dias (n. Manaus em 26.04.1987).
  - **05.** Kayo Antella de Vasconcellos Dias (n. em Manaus em 17.02.1992).
- **03.** Pedro Gomes da Silva Filho (n.e b. Itacoatiara em 29.01 e 23.07.1950).  
Esposa: Ivanildes Costa da Silva (n. e c. Itacoatiara 15.09.1953 e 20.12.1970; d. Manaus 20.07.2003).
  - **04.** Ronaldo Gomes da Silva (n. Itacoatiara/AM em 24.02.1971).  
Esposa: Elza Cristina Souza Bion Aquino (n. e c. Manaus 31.12.1972 e 16.06.1990).
    - **05.** Raynila Cristina Bion de Aquino Gomes (n. Manaus em 22.11.1990).
    - **05.** João Ricardo Bion Aquino Gomes (n. Manaus em 18.05.1996).
    - **05.** Petronilo Antonio Silva Bion de Aquino Neto (n. em Manaus no dia 28.04.1998).
  - **04.** Rejane Mércia Gomes da Silva (n. Manaus em 20.12.1972).  
Esposo: Eduardo Henrique do Nascimento Mesquita (n. Belém/PA 22.06.1961; c. em Manaus em 13.01.2001).
    - **05.** Thiago Henrique Gomes Mesquita (n. Manaus em 20.11.2004).
  - **04.** Robert Gomes da Silva (n. Manaus em 01.03.1975).  
Esposa: Míura Costa da Silva (n., c. e s. Manaus em 10.10.1975; em 18.06.1998 e em 03.09.2004).





*[The text in this section is extremely faint and illegible, appearing as a series of light grey lines and shapes.]*

## POSFÁCIO

Há, imanente em todo homem, um sentimento de respeito e de carinho à própria ancestralidade. Um elo de benquerer. Liame de reconhecimento e gratidão à linha avoenga, aos antepassados, aos antecessores. O selo da família!

Porque “a gratidão é a memória do coração!”, ensina J. B. Messieu.

O homem é produto estilizado e privilegiado da harmonia de sangues. Tem, no pai, o protótipo, o molde, o modelo que lhe determinará as ações no futuro. Herda, do gerador, num lance único e, não raro, desprezioso, uma carga altamente complexa e misteriosa de atributos, medidos em milésimos e átomos, à qual se unem todas as propriedades da mãe.

Se o núcleo da cadeia geratriz for de formação genética eivada de caracteres falhos, defeituosos, deturpados, o produto poderá conter as taras do doador. Mas, se ao contrário, a linfa responsável pela fecundação provier de matriz perfeita, de ser normal, é certo que daí resultará produto da melhor qualidade, porque a ele serão transmitidos os bons exemplos da cadeia familiar. Essa transmissão de qualificativos independente da posição social do adquirente, pouco importando seja ou não aquinhoado com bens materiais.

A riqueza, entendida materialmente, não entra na composição do ser gerado. As qualidades, sim, estas fazem parte, integram e interligam-se ao produto.

Não é à toa que muitos gênios, a maioria aliás, nasceram ou ainda nascem em manjedouras e mansardas, portanto em condições subumanas.

A lei da hereditariedade regula as ações do homem, enquanto capaz de raciocinar. Para ser bom, capaz e justo, não é necessário nascer em berço de ouro.

Pois, competente, benévolo e justiceiro é o autor de **PEDRO GOMES MEU PAI: um memorial de família**.

Ao estilo de Péricles, o escritor Francisco Gomes da Silva presenteia-nos com a biografia romanceada de Pedro Gomes, seu pranteado pai. E se o faz é porque pode, exímio pesquisador que é, um notável memorialista, um historiador consagrado.

O trabalho foi tecido com fios de ouro da lembrança e da pesquisa, do amor e da gratidão e alicerçado no universo interiorano intercalado de manhãs de devaneios e tardes de melancolia.

A obra não é um enfoque frio de narrador mas um buquê de ternuras numa salva pratea de saudades.

Pedro Gomes foi um homem comum, sem títulos nobiliárquicos ou rótulos esmaltados de estrelismo social ou econômico. E nisso residiu sua imensurável fortuna – na capacidade de ser grande sem meios para projetar-se numa sociedade avessa ao que é pequeno.

Lavrador, mateiro, lenhador, madeireiro, pescador, carpinteiro, bodegueiro, em todas essas profissões ou ocupações o biografado vitoriou-se, porque, do exercício delas soube ganhar a vida com honestidade e dignidade. E o maior galardão que lhe orna a frente é o fato de, com poucos recursos auferidos dessas humildes atividades, haver criado uma legião de filhos – sete mulheres e cinco homens, 12 ao todo, - sem que um só haja transgredido as leis da sociedade!

O feito merece reconhecimento, e o teve, de seus coestuanos e, também do presidente Getúlio Vargas, que concedeu a dona Olívia Maria de Arruda, esposa devotada do biografado, nascida no Cambixe, em Careiro da Várzea, módica ajuda financeira em razão de sua prole numerosa. Assim acontecia na era Vargas!

“Nenhum caminho de flores conduz à glória” – disse La Fontaine.

É verdade.

Nascido no Alto Juruá, no Acre, Pedro Gomes enfrentou, desde cedo, o espinhal de veredas hostis e caminhos pedregosos na longa rota de dificuldades desde Cruzeiro do Sul a Itacoatiara.

Na velha Serpa radicou-se. Lá explorou a mata virgem em atividade extrativista. E, plantando ou caçando, pescando ou catando ovos de quelônios nas praias amazônicas e participando da “viração” de tartarugas, pervagou rios, lagos, ilhas, igarapés, furos, ressacas... No recesso de uma intensa atividade interiorana plantou sua família.

“Há dois legados duráveis que podemos transmitir aos nossos filhos: um são raízes e outro, asas”, ensina Holding Carter.

Raízes e asas foram legadas por Pedro Gomes. As raízes são os bens morais que plasmou no caráter de sua prole numerosa. Ensinando-lhes suas artes manuais, doando-lhes suas habilidades de artesão do labor interiorano, fê-los ver a realidade da vida. Sobretudo transmitiu-lhes o perfeito sentido de moralidade, de honestidade e de honra, vigentes no meio campesino, e reverência aos poderes oriundos do plano superior e divino. Enfim, orientou-os quanto à necessidade de cimentarem a união e a solidariedade entre eles.

As asas são o exercício das conquistas sócio-culturais, no caso, pela solidária irmandade dos Gomes. Alguns desenvolveram, com maior relevância, os atributos que lhes permitiram voar pelas planuras intelectuais. Dentre estes o que se alçou às maiores alturas foi, sem sombra de dúvida, o autor desta obra, Francisco Gomes da Silva. Autêntico condor, em vôo alto e ligeiro, fez a rota Itacoatiara-Manaus, pousando na capital amazonense. Estudando com determinação, identificou-se com a cultura, estabelecendo vínculos indissolúveis com as letras jurídicas e histórico-literárias.

O beletrista nascera no rico berço da natureza aberto à contemplação dos que sabem e podem apreciá-la. E cimentou seu caráter no convívio diuturno com as coisas simples e belas do deusado nativo dedicado ao amanhã da terra, ao pastoreio, à caça e à

pesca, quando estas não eram predatórias, sob a liderança e influência de ascendentes de estrutura moral inquebrantável.

As lições do dia-a-dia, tomadas ao patriarca pobre de bens materiais mais riquíssimo em caráter e nos exemplos que semeava, às mancheias, nas aulas diárias de honradez e benquerença, de labor honesto e de diretrizes sócio-educativas, foram assimiladas pelo irrequieto futuro historiador.

Hoje um intelectual de brilho próprio, consta de seu belo currículo meticulosos trabalhos versando, prioritariamente, sobre a história de sua amada velha Serpa, tais como: “Itacoatiara. Roteiro de uma cidade”; “Itacoatiara: administrações municipais, realidade presente”; “Centenário de São José do Amatary”; “Cronografia de Itacoatiara”, em 2 volumes; “Instituto Alfredo da Matta, ontem e hoje: uma história de saúde pública”, em parceria; “A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara”; “Presença do Poder Judiciário no município de Itacoatiara”; e texto introdutório de “Constituições do Estado do Amazonas (1891/1989)”, em 04 volumes, integrantes da coleção “História do Poder Legislativo do Amazonas”.

E, agora, o notável historiador-cantor de Itacoatiara, brindanos com esta jóia primorosa que é **PEDRO GOMES MEU PAI: um memorial de família**, tomo de amor filial e de ternura familiar com que coroa sua obra histórico-literária, engrandecendo o seu trabalho de artesão das letras, para alegria de seus pares da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Manaus/junho de 2006

### ALMIR DINIZ

Da Academia Amazonense de Letras  
Do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas  
Da Associação dos Escritores do Amazonas  
Do Clube dos Escritores de Piracicaba/São Paulo  
Da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro.

## NOTÍCIA SOBRE O AUTOR

**FRANCISCO GOMES DA SILVA**, filho de Pedro Gomes da Silva e Olívia Maria de Arruda Gomes, nasceu em Itacoatiara, Amazonas, aos 24 de novembro de 1945. Historiador, memorialista e escritor, promotor de Justiça aposentado e professor, advogado e orador. Concluiu os cursos primário e ginásial em sua terra natal (1953/1964) e o de Magistério de nível de segundo grau no Instituto de Educação do Amazonas, em Manaus (1965/1967), para onde se transferiu no final de 1964, à vista de inexistir curso secundário em sua cidade de origem. Fez o 1º ano do Curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas (1968), graduando-se em Direito pela Faculdade de Direito da mesma Universidade (1968/1972).

Na juventude participou de movimentos de política estudantil, figurando sempre entre os primeiros de sua turma: secretário geral e presidente do Grêmio Estudantil “Fernando Ellis Ribeiro” da Escola Comercial de Itacoatiara (1962 e 1963); líder da campanha que resultou na estadualização desse estabelecimento, logo redenominado Escola “Deputado Vital de Mendonça” (1963); fundador e diretor do jornal panfletário, literário e humorístico “O Idealista” (1963); membro do I Seminário de Estudos Educacionais do Baixo Amazonas, paralelo ao Congresso Anual da UESA - União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (1963); e orador de formatura (1964). Em Manaus, foi ativista no Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito (1968/1970).

Começando a trabalhar aos quinze anos de idade, exerceu atividades de doceiro, carregador no Mercado Público, auxiliar de carpinteiro, jornaleiro, balconista, entregador de mercadorias nas firmas Irmãos Olímpio e Ilídio Ramos & Irmãos e de conferente de carga e descarga no Porto de Itacoatiara. Para custear seus estudos em Manaus, ingressou por concurso público de provas na Fundação

SESP (atual FUNASA), mas anteriormente trabalhou na empresa J. G. Araújo & Cia. e foi repórter policial do jornal “A Crítica”.

Antes, durante e após sua graduação universitária, cumpriu múltiplas missões profissionais na iniciativa privada e nos serviços públicos federal, estadual e municipal, segundo os locais e períodos a seguir mencionados: 01) Ministério da Saúde: servidor da Fundação SESP (1965/1970); 02) Santa Casa de Misericórdia de Manaus: administrador e assistente jurídico (1970/1976); 03) Delegacia da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Amazonas (CONTAG/AM): assessor sindical e jurídico (1974/1975); 04) Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Amazonas (FETAGRI/AM): fundador e assessor (1975/1976); 05) Associação dos Hospitais do Estado do Amazonas: fundador e Secretário-Executivo (1974/1976); 06) Comissão Pontifícia Justiça e Paz da Arquidiocese de Manaus/CNBB – Região Norte I: membro de grupo-tarefa e assessor (1975/1976); 07) Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas: assessor parlamentar e chefe de gabinete (1977 e 1999/2003); 08) Secretaria de Estado da Produção Rural: assessor jurídico e fundiário (1977); 09) Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrários: executor do Projeto Fundiário Manaus, órgão zonal do INCRA/AM (1977/1978) e advogado da Divisão Fundiária da Coordenadoria Regional do INCRA/Amazonas e Roraima (1978); 10) Ministério Público do Estado do Amazonas: Promotor de Justiça de Primeira Entrância, admitido por concurso de provas e títulos, titular da Comarca de Itapiranga, substituto em Silves, Maués e Itacoatiara (1978/1983) e Promotor de Justiça de Segunda Entrância, promovido por antiguidade, titular da Oitava Promotoria de Justiça, da Quarta Curadoria Judicial, da Curadoria de Família e Sucessões e da Terceira Vara Criminal, todas na Comarca da Capital (1983/1986); 11) Prefeitura Municipal de Itapiranga: presidente da Comissão Especial criada para agilizar os processos de titulação de terras públicas municipais (1979); 12) Cooperativa Mista Agropecuária de Itacoatiara: consultor jurídico (1981/1984); 13) Governo do Estado do

Amazonas: posicionado ao gabinete do Governador (1983/1984 e 1988/1989); 14) Prefeitura Municipal de Itacoatiara: consultor jurídico (1989/1992); 15) Câmara Municipal de Itacoatiara: assessor (1990/1991); 16) Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: assessor jurídico, coordenador do Núcleo de Questões Fundiárias e responsável pela Coordenadoria de Questões Judiciais da Procuradoria-Geral da SUFRAMA (1997/1999); e 17) Associação de Amigos da Cultura: diretor/tesoureiro (2002/2006).

Em 1990, contratado pelas respectivas câmaras municipais, redigiu os projetos de Lei Orgânica dos municípios de Itacoatiara, Itapiranga e Silves que, votados, aprovados e transformados em lei, estão em pleno vigor.

Francisco Gomes da Silva tem participado de seminários, encontros e cursos de extensão e aprimoramento intelectual, entre os quais: *XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem*, secretário de sua Comissão Executiva (Manaus, 1971); *SAME-Serviço de Arquivo Médico e Estatística* (São Paulo, 1972); *Curso e Estágio em Administração Hospitalar* (São Paulo, 1973); *Encontro Nacional de Advogados de Trabalhadores Rurais e de Dirigentes Sindicais* (Caxias do Sul/RS, 1975); *Encontro de Diretores de Hospitais do Norte/Nordeste* (Recife, 1975); *Reunião de Assembléia Geral da Federação Brasileira de Hospitais* (Rio de Janeiro, 1975); *Encontro Sobre Aspectos Legais do Regime de Propriedade Agrária* (Rio de Janeiro, 1976); *Estudos de Direito Agrário* (Manaus, 1976); *Encontro Nacional de Avaliação dos Trabalhos do INCRA* (Manaus, 1976); *Reunião de Executores de Projetos Fundiários/INCRA* (Cuiabá/MT e Boa Vista/RO, 1977); *Cursos Sobre Temática e Problemas da Amazônia* (Manaus, diversos anos); *1º Curso de Atualização Para Professores de Nível Superior*, a cargo da Universidade Federal do Amazonas (Itacoatiara, 1991); *1º Encontro de Prefeitos e Vereadores do Médio Amazonas*, promovido pela Associação dos Vereadores do Amazonas em conjunto com a Câmara Municipal de Itacoatiara

(Itacoatiara, 1992); *Encontro com Escritor*, com exposição de livros do autor, palestra e debate com estudantes do Colégio Tiradentes da Polícia Militar do Estado do Amazonas, patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Estudos Amazônicos (Manaus, 1998); e Ciclos de Palestras *A Experiência do Processo Criador* (expositor e debatedor) e *Clube da Madrugada – 50 Anos de História* (debatedor e secretário do evento), ambos sob os auspícios da Academia Amazonense de Letras (Manaus, 2004).

Sócio correspondente do CBG – Colégio Brasileiro de Genealogia (Rio de Janeiro); sócio efetivo da ABRA – Associação Brasileira de Reforma Agrária (Brasília-DF); da UBE/AM – União Brasileira de Escritores do Amazonas (Manaus); do IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (Manaus); da OAB/AM – Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Amazonas (Manaus); da APH - Associação Paulista de Hospitais (São Paulo-SP); da AHEAM – Associação dos Hospitais do Estado do Amazonas (Manaus); da AAMP – Associação Amazonense do Ministério Público (Manaus); da Associação Dom Jorge Marskell (Itacoatiara); da ASSEAM – Associação dos Escritores do Amazonas (Manaus); e da AAL - Academia Amazonense de Letras (Manaus). Na UBE/AM exerceu os cargos de Bibliotecário e Secretário Geral (1966/1968). No IGHA, eleito em 18/08/1968 para a Cadeira nº 14, renumerada para 26 e patrocinada pelo naturalista suíço Louis Agassiz, com recepção do padre Raimundo Nonato Pinheiro tomou posse em 25/03/1969, foi Secretário (1970/1971), Orador Oficial (2001/2002), Vice-Presidente (2003/2004 e 2004/2005) e Presidente em exercício (2003 e 2004). Na AAL ocupa a Cadeira nº 20, cujo patrono é o polígrafo brasileiro João Ribeiro e para a qual foi eleito em 24/09/1999; aí, recepcionado pelo acadêmico Robério dos Santos Pereira Braga, tomou posse em 14/04/2000. Ainda na AAL, além de presidente, membro e relator de comissões específicas, exerceu o cargo de Tesoureiro (2004/2005), proferiu os discursos de recepção aos acadêmicos Antônio José Souto Loureiro (2002) e José Maria Pinto Figueiredo (2004) e dirigiu as

reuniões de Assembléia Geral em que foi votado e aprovado o novo Estatuto da Casa (2004). É o Secretário Geral da atual Diretoria, eleita em fins de 2005 para o biênio 2006/2007.

A atividade intelectual de Francisco Gomes da Silva teve início aos 18 anos de idade, mas em razão do extravio dos respectivos originais resultou infelizmente frustrada a sua pretensão de estrear em 1964 com um livro de poesias. Seu primeiro trabalho, *Itacoatiara. Roteiro de uma cidade*, integrante das Edições Governo do Estado do Amazonas e lançado na abertura da rodovia Manaus-Itacoatiara, em 05.09.1965, teve prefácio do historiador Arthur César Ferreira Reis. Em seguida, lançou *Itacoatiara: administrações municipais e sua realidade presente*, Manaus, 1970, e *Centenário de São José do Amatory*, Manaus, 1979. Embora jamais tenha descurado da pesquisa histórica, sobretudo a relacionada à sua terra natal, a ocupação de promotor de Justiça no interior do Estado e sobretudo sua incursão pela política partidária deram causa à interrupção, por quase vinte anos (1979/1997), de uma ativa produção literária. Depois de aposentado retomou a atividade de escritor, lançando: *Cronografia de Itacoatiara*, 1º volume (1997); *Itacoatiara. Roteiro de uma cidade*, 2ª edição revista e ampliada (1997); *Instituto Alfredo da Matta ontem e hoje: uma história de saúde pública* (co-autor, 1997); *Cronografia de Itacoatiara*, 2º volume (1998); *A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara* (1999); e *Presença do Poder Judiciário no município de Itacoatiara* (2004). Também é de sua autoria o texto introdutório da obra *Constituições do Estado do Amazonas (1891-1989)*, em quatro volumes, que integra a coleção “História do Poder Legislativo do Amazonas”, publicação de 2002 que organizou em conjunto com outros cinco intelectuais amazonenses, fruto de convênio celebrado entre o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e o Centro de Documentação da Assembléia Legislativa do Estado.

Em 1966, ainda estudante do Instituto de Educação do Amazonas, assinou o livro de fundação do MDB, partido de oposição ao

regime militar de 1964. Da chamada *ala autêntica* do PMDB, liderou em sua cidade a luta pela redemocratização do país. Como partícipe dos movimentos *pró-anistia* e *eleições diretas já*, saudou o presidente nacional do partido, deputado Ulysses Guimarães, quando das visitas desse grande líder a Itacoatiara (1976 e 1977). Candidato da oposição em 1976 à Prefeitura Municipal de Itacoatiara, recebeu o segundo maior número de sufrágios eleitorais entre cinco concorrentes. Disputou novamente o mesmo cargo em 1982, sendo o mais votado com cerca de quarenta por cento do total de votos conferidos a seis candidatos inscritos; sua vitória não foi reconhecida pela Justiça Eleitoral em razão da sublegenda, artifício jurídico criado para impedir a vitória dos candidatos da oposição em todo o Brasil. Desligado do PMDB, inscreveu-se em 1986 no PSB para participar das eleições proporcionais estaduais desse ano, do que resultou ser diplomado 3º suplente de deputado à Assembléia Legislativa do Amazonas. Finalmente, após concorrer às eleições municipais de 1992, foi eleito e empossado (1993) vereador à Câmara Municipal de Itacoatiara, pelo PST. Mas, em meados de 1995, ainda que houvesse transcorrido apenas metade de seu mandato eletivo, por desencanto renunciou e se desligou definitivamente da atividade política.

Releve-se que sua atuação política, toda ela oposicionista, foi marcada por perseguições e constrangimentos, sendo sua vida totalmente devassada pelo antigo Serviço Nacional de Informações. Conforme certidão de 28 de dezembro de 1999, colhida junto ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, os comícios, reuniões e atos públicos de que tomou parte; a atuação que manteve nos jornais “Vanguarda”, órgão de apoio da Sociedade Cultural de Itacoatiara (1979), e “O Lápis”, órgão de divulgação da Organização dos Estudantes de Itacoatiara, que inclusive pleiteava a instalação de uma Faculdade nessa cidade (1981); e a atividade jurídica que dirigiu em defesa dos trabalhadores foram considerados pelos segmentos governamentais da época do regime militar “com-

portamentos nocivos” perpetrados por “um elemento pernicioso e insuflador de tensões entre a população”.

Francisco Gomes da Silva atualmente está domiciliado em Manaus, após o exercício de um largo período de residência fixa em Itacoatiara (1979/1996). É o maior defensor e incentivador da cultura municipal, mercê de uma considerável produção escrita, de exaltação ao legado histórico da outrora Serpa, cujos feitos do passado relata como se os tivesse assistido e relembra com paixão e emoção, e portador de uma relevante preocupação em favor do presente e do futuro dessa próspera comunidade. Uma clara, fortíssima vocação telúrica o conduz a estar sempre e intransigentemente ao serviço da sua terra natal.

Dentre as homenagens que lhe foram tributadas, destacam-se:

- 01) o Sarau Cultural promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Estudos Amazônicos em parceria com a Prefeitura Municipal de Itacoatiara, no hall superior da Biblioteca Pública do Amazonas, em Manaus, no dia 19.06.1997;
- 02) a Sessão Pública tributada pela Escola Estadual “João Valério de Oliveira” em conjunto com a Prefeitura Municipal de Itacoatiara, na principal via pública dessa cidade, aos 05.09.1998;
- 03) o Voto de Louvor oriundo do Requerimento nº 104/99, de autoria da vereadora Lisette Bouez Abraham, aprovado em 18.10.1999 na Câmara Municipal de Itacoatiara, pela sua eleição para a Cadeira nº 20 da Academia Amazonense de Letras, sob o patronato do filólogo João Ribeiro – Ofício nº 278/CMI/99, de 22.12.1999, firmada pelo presidente vereador Tibiriçá Valério de Holanda;
- 04) a Moção nº 069/2000, aprovada na Câmara Municipal de Manaus, através da qual o vereador Nelson Raimundo de Oliveira

Azedo manifestou parabenizações pela sua posse na Academia Amazonense de Letras – Ofício CMM nº 217/00, de 11.05.2000, assinada pelo presidente vereador Messias da Silva Sampaio; e

- 05) a concessão do Diploma e da Medalha Ordem do Mérito Legislativo do Estado do Amazonas, na categoria “Mérito Especial”, pela Assembléia Legislativa do Estado, na forma do disposto na Resolução nº 319, de 14 de agosto de 2002, e de acordo com a proposta do Conselho da Ordem, em Manaus, no dia 07.12.2004.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, José Wilson – *Sena Madureira, a princesinha do Iaco: 100 anos de história*, Gráfica Lorena, Manaus, 2004.
- Andrade, Antonio Manoel Bueno de – *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negócios do Interior, pelo engenheiro Antonio Manoel Bueno de Andrade, prefeito interino do Alto Juruá, em 31.12.1907*, Cruzeiro do Sul, 1907.
- Araújo, Antonio José de – *Cartas do Acre*, Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, Rio Branco, 2003.
- Azevedo, Gregório Thaumaturgo de – *Primeiro relatório trimestral ao Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Seabra, ministro da Justiça e Negócios Interiores*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1905.
- Barata, Carlos Eduardo de Almeida; e Bueno, Antônio Henrique da Cunha – *CD ROOM Dicionário das famílias brasileiras*, Rio de Janeiro: Z-Movie [s.d.].
- Barros, Glimesdes Rego – *Nos confins do extremo oeste*, volumes I e II, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1993.
- Benchimol, Samuel – *Romanceiro da batalha da borracha*, Imprensa Oficial, Manaus, 1992.
- Calisto, Valdir de Oliveira – *Acre: uma história em construção*, Rio Branco, 1985.
- Castello Branco Sobrinho, José Moreira Brandão – *O Juruá federal*, Livraria J. Leite, Rio de Janeiro, 1930.
- Ceará, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do* – Tomos LXXVII: 1963; LXXXII: 1968; LXXXIII: 1969; LXXXVIII: 1974; XCI: 1977; XCIX: 1985; CI: 1987; CII: 1988; e CIV: 1990, Edições Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, anos citados.
- Falcão, Emílio – *Álbum do rio Acre (1906-1907)*, Belém, s/d.

- Farias, Anastácio Rodrigues de – *Diversos dados sobre o município de Tarauacá – 1905/1943*, Rio Branco, 1993.
- Farias, Elson – *Ilha do Risco*, Editora Uirapuru, Manaus, 2004.
- Ferrari, Sebastião Antonio – *Lábrea*, Imprensa Oficial, Manaus, 1981.
- Guerra, Antônio Teixeira – *Estudo geográfico do Território do Acre*, Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro, 1955.
- Houaiss, Antonio, et al – *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, 1ª edição, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.
- IBGE - *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, vol. XIV, Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro, 1957.
- Jornais: *Acreano*, quinzenal, órgão do Clube Político 24 de Janeiro, Departamento do Alto Acre, Xapuri, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911 e 1912.
- A Imprensa*, diário, órgão do Partido Republicano Amazônico, Manaus, 1917 e 1918.
- Alto Acre*, quinzenal, órgão do Partido Construtor Acreano, Departamento do Alto Acre, Xapuri, 1913 e 1914.
- Alto Purus*, quinzenal, órgão dos interesses gerais do Departamento do Alto Purus, Sena Madureira, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1915, 1916 e 1918.
- Amazonas*, diário, órgão do Partido Republicano Federal, Manaus, 1891, 1902 e 1904.
- A Notícia*, semanário, Rio Branco, 1918.
- Commercio do Acre*, hebdomadário, órgão independente do Departamento do Alto Acre, Xapuri, 1915 e 1916.
- Commercio do Amazonas*, publicado às terças-feiras, quintas e sábados, órgão do comércio, Manaus, 1880, 1888, 1891 e 1892.
- Commercio do Amazonas*, diário, órgão especial do comércio, Manaus, 1903 e 1904.

*Correio do Acre*, quinzenal, Departamento do Alto Acre, Xapuri, 1910, 1911, e 1912.

*Folha do Acre*, semanário, órgão dos interesses do povo, Departamento do Alto Acre, Cidade de Empreza, 1910, 1911 e 1912

*Folha do Acre*, semanário, órgão dos interesses do povo, Departamento do Alto Acre, Penápolis, 1912.

*Folha do Acre*, semanário, órgão dos interesses do povo, Departamento do Alto Acre, Rio Branco, 1912, 1915, 1917 e 1918.

*Gazeta do Purus*, semanário político do Departamento do Alto Purus, Sena Madureira, 1918, 1919 e 1922.

*O Acre*, hebdomadário, órgão dos interesses locais, Departamento do Alto Purus, Sena Madureira, 1913 e 1916.

*O Acre*, quinzenal, órgão dos interesses acreanos, Departamento do Alto Acre, Xapuri, 1907 e 1913.

*O Alto Juruá*, semanário, órgão do município, Departamento do Alto Juruá, Cruzeiro do Sul, 1913.

*O Correio do Purus*, semanário, Lábrea, 1904, 1905, 1906, 1907, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914 e 1915.

*O Cruzeiro do Sul*, semanário, órgão oficial do Departamento do Alto Juruá, Cruzeiro do Sul, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917 e 1918.

*O Juruense*, órgão independente defensor dos interesses gerais do Departamento do Alto Juruá, Cruzeiro do Sul, 1916.

Lima, Esperidião de Queirós – *11 anos na Amazônia*, Edições Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1966.

Loureiro, Antonio José Souto – *A Gazeta do Purus*, Imprensa Oficial, Manaus, 1981.

\_\_\_\_\_, *Dados para uma história do Grande Oriente do Estado do Amazonas, volume I*, Gráfica Apolo, Manaus, 1990.

\_\_\_\_\_, *O Brasil acreano*, Gráfica Lorena, Manaus, 2004.

- Luxardo, Libero – *Purus – história de ontem, estórias de hoje*, Grafisa, Belém, 1973.
- Maia, Álvaro – *Gente dos seringais*, 2ª edição, Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 1987.
- Mariano, Cândido José – *Relatório do prefeito do Departamento do Alto Purus, Cândido José Mariano, ao ministro da Justiça, Augusto Tavares de Lyra, concernente ao ano de 1908*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1909.
- Mendonça, General Belarmino – *Reconhecimento do rio Juruá (1905)*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1989.
- Mesquita Júnior, Senador Geraldo – *Cruzeiro do Sul (edição comemorativa do centenário – 1904-2004)*, Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 2004.
- \_\_\_\_\_, *Sena Madureira (edição comemorativa do centenário – 1904-2004)*, Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 2004.
- Neves, Marcos Vinícius; e Silva, Maria Rodrigues da (organizadores) – *Cruzeiro do Sul: um século (1904-2004)*, Dupligráfica Editora, Brasília, 2004.
- Reis, Arthur César Ferreira – *O seringal e o seringueiro*, Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro, 1953.
- Silva, Jorge Araken Faria da – *Marechal Gregório Thaumaturgo de Azevedo, o genial fundador de Cruzeiro do Sul*, Gráfica do Tribunal de Justiça do Estado do Acre, Rio Branco, 2001.
- Silva, Francisco Gomes da – *Itacoatiara. Roteiro de uma cidade*, 2ª edição revista e ampliada, Imprensa Oficial, Manaus, 1997.
- \_\_\_\_\_, *Cronografia de Itacoatiara*, 2º volume, Imprensa Oficial, Manaus, 1998.
- Souza, Carlos Alberto Alves de – *História do Acre, novos temas, nova abordagem*, Edição do próprio autor, Rio Branco, 2002.

- \_\_\_\_\_, (organizador), - *Uma história social de Tarauacá: cultura e experiências sociais*, Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Envira, 2003.
- Tocantins, Leandro – *Formação histórica do Acre*, Conquista, Rio de Janeiro, 1963.
- \_\_\_\_\_, *Estado do Acre: geografia, história e sociedade*, Philobiblion Livros, Rio de Janeiro, 1984.
- Weinstein, Bárbara – *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*, tradução Lólio Lourenço de Oliveira, Edusp, São Paulo, 1993.



do tamanho, temos uma macrohistória abrangente e uma microhistória concentrada em pequenos fatos, tão importantes quanto os grandes, pois eles são decorrências dessas histórias moleculares, que ao se juntarem dão forma, rumo e desencadeiam os grandes eventos mundiais.

Por sermos um povo transplantado, grande parte da nossa microhistória está perdida ou por levantar, no Nordeste. De minha parte já consegui muitos dados dessa terceira margem esquecida. Andei pelo interior do Ceará e Pernambuco à sua procura e daí para frente consegui entender melhor os meus atos e os meus posicionamentos e o quanto perdemos de memórias nessa fantástica busca do El-Dorado amazônico. Certa vez em um Instituto do Ceará alguém orgulhosamente ufanou-se com essas palavras: “Nós (os cearenses) fizemos a Amazônia”, ao que retruquei “Vocês não saíram daqui, nós é que fizemos a Amazônia”, lembrando-me da família do meu avô materno andando a pé da região de Crateús para a serra de Uruburetama, debaixo de um sol causticante, sedenta e faminta, antes de vir para o rio Juruá.

Meu amigo Francisco Gomes: o teu livro está magnífico. Contém clipes emocionais que vão ficar registrados por muito tempo e muito necessários ao entendimento da nossa História. Eu, particularmente me emocionei às lágrimas, com o seu primeiro capítulo, agora que facilmente me emociono com o passado, por saber do meu restrito futuro, e por me trazer à tona outras tantas recordações, pois todos nós tivemos um pai herói.

Manaus, 29 de junho de 2006

**ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO**

Da Academia Amazonense de Letras

Do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

Da Academia Amazonense Maçônica de Letras

Da Academia Amazonense de Medicina

MUNICÍPIO DE SILVES

## UMA CRÔNICA DE AMOR À CIDADE E À FAMÍLIA

Este é o décimo primeiro trabalho do historiador, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Academia Amazonense de Letras Francisco Gomes da Silva. Ao estilo de Péricles, presenteia-nos com a biografia romaneada de Pedro Gomes, seu pranteado pai. A obra não é um enfoque frio de narrador mas um buquê de ternuras numa salva prátea de saudades.

Homem comum, sem títulos nobiliárquicos, nascido no Alto Juruá/Acre, Pedro Gomes enfrentou, desde cedo, o espinhal de veredas hostis e caminhos pedregosos na longa rota de dificuldades desde Cruzeiro do Sul a Itacoatiara.

O autor fala da luta empreendida por seu pai nos trabalhos do rio e da floresta para manter a família numerosa, da dedicação de sua mãe, Olívia Maria, nos trabalhos de casa, da existência e da conquista de seus irmãos, tocado pela afeição com que aprecia os passos de sua cidade natal.

O livro, comemorativo dos 100 anos de Pedro Gomes, sem dúvida vai enriquecer o acervo de estudos sobre a formação social dos amazônidas.